

Cara Crachá

Alexandre Jr.



Escola de Belas Artes - UFMG, Belo Horizonte, 2013.

Alexandre Jr.

Cara Crachá

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em Artes
visuais da Escola de Belas
Artes da Universidade Federal
de Minas Gerais, como
requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em
Desenho.

Orientador: Eugênio Pacelli

Belo horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Agradecimentos

Agradeço à minha família, pelo apoio e incentivo de sempre.

Aos meus pais, por tudo que já fizeram por mim e ainda fazem.
Pelo amor, carinho e educação para mim passados.
Por existirem.

Ao meu irmão, por ser exatamente o oposto da minha pessoa e, por isto,
ser espetacularmente fascinante.

Aos amigos, todos eles, em especial ao Ademir, ao Jaison e a Natália, por sempre
me inspirarem não só com seus trabalhos, mas com suas pessoas.

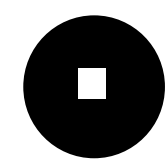
Aos professores dos ateliers de Desenho, que ajudaram um menino bobo a se tornar
um menino não tão bobo assim.

Ao Eugênio, por acreditar em mim e no meu trabalho.

À Amanda, por sempre estar comigo, e por tudo aquilo que a faz ser única.

Dedicado aos meus pais: Alexandre, meu Herói e Natahilda, minha *Monalisa*.

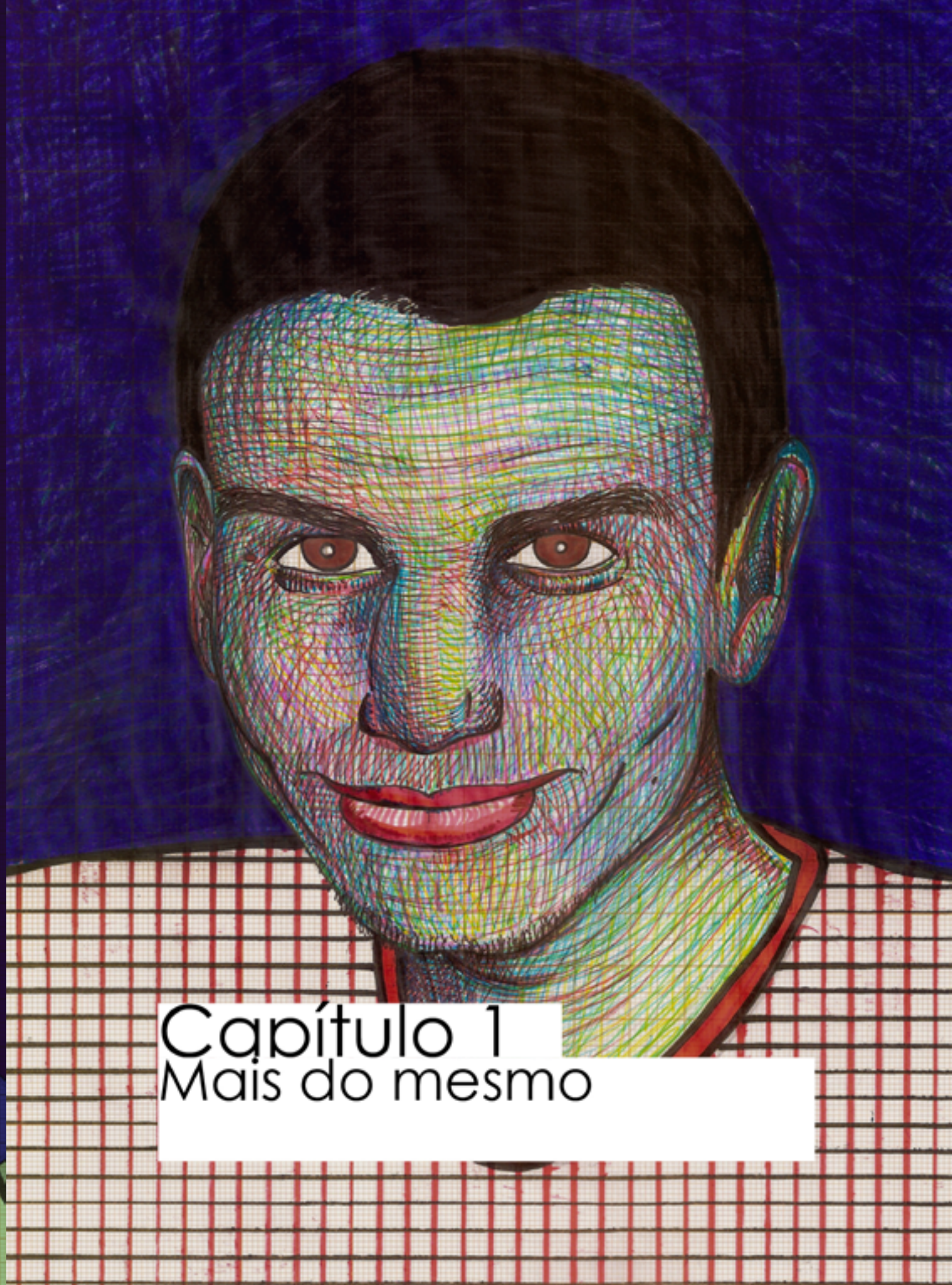
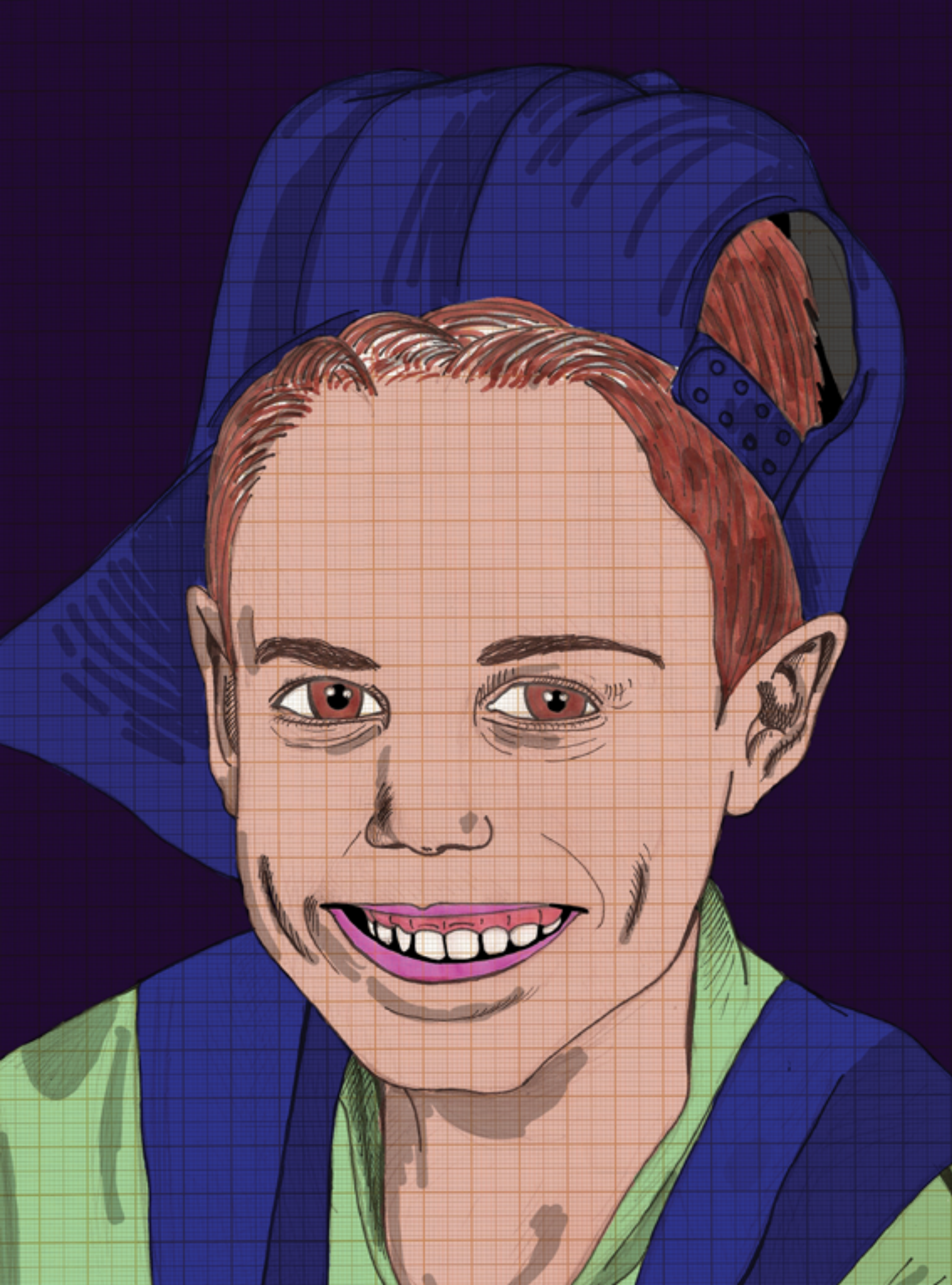
Sumário

	Introdução	6
	Mais do mesmo	9
	Retratos de um passado presente	23
	Fica, vai ter bolo!	39
	Sobre pessoas lombradas e futuro cabuloso	67
	Liquidificador de cultura selecionada	87
	Eu sou o início, o fim e o meio	105
	Referências	111



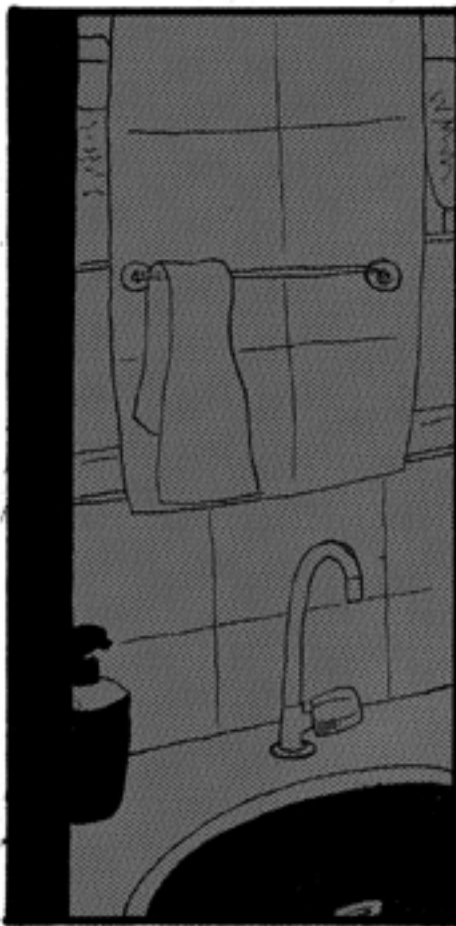
Introdução

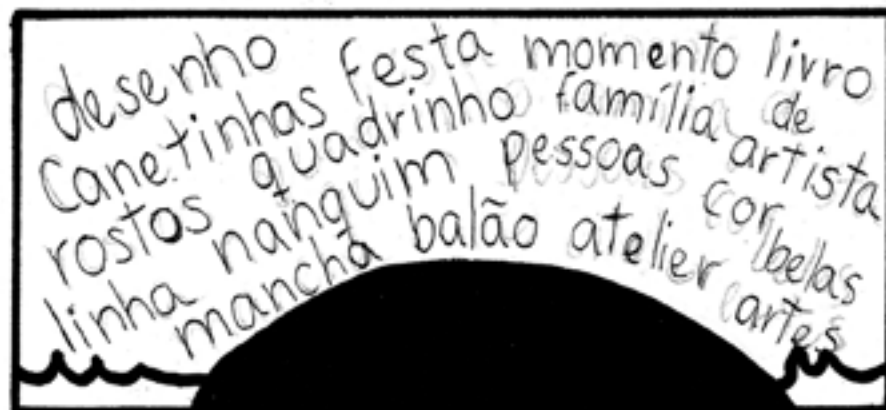
Um dia eu tive um sonho tão real, mas tão real, que eu podia senti-lo em minhas entranhas mesmo depois de horas após ter acordado. Neste sonho eu vivenciava uma parte importante da minha vida, a que diz respeito ao meu trabalho em arte. O sonho pareceu demorar anos, e foi bastante nítido. Nele passei por momentos importantes do meu trabalho, como descobrir o gostar por fazer retratos, passando pelo fascínio que tenho com meu irmão, etc. Tudo relacionado ao meu trabalho em arte que eu havia passado nos últimos anos estava presente neste sonho, ou pelo menos quase tudo. Mesmo com o auxílio de um plano onde o espaço e o tempo são ilimitados (o sonho), é difícil perceber, discutir, pensar e analisar detalhadamente algo que primeiramente foi apenas vivido. E apesar dessa vivência bastar no meu modo de ver a arte, é necessário o pensar dela, e neste sonho exercitei a força deste pensar, e a importância disto. Este sonho mostra minha produção artística e as etapas presentes neste árduo processo pelo qual passei durante a faculdade. Processos de me testar, descobrir, arriscar, de experimentar, de ouvir, de falar (nem tanto assim) e, sobretudo, de fazer pelo prazer de fazer. Mas chega de falar sobre isso, se tem uma coisa que ninguém gosta é spoiler, e eu não vou querer tirar a graça da minha própria história.



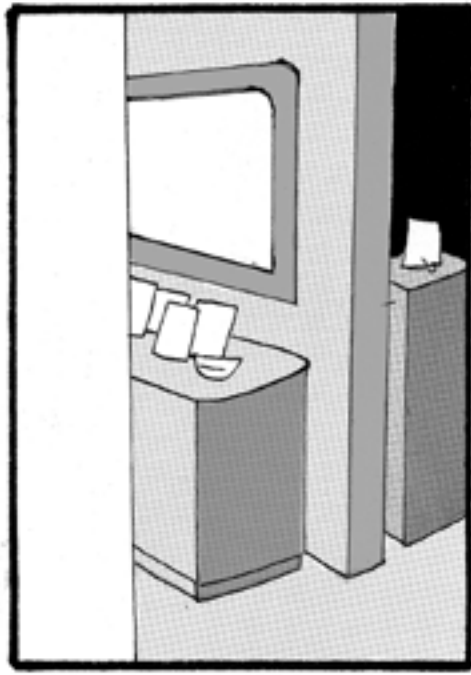
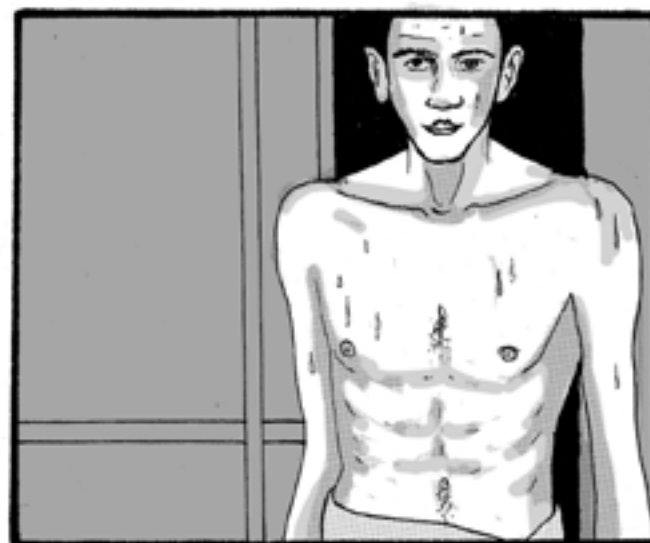
Capítulo 1
Mais do mesmo

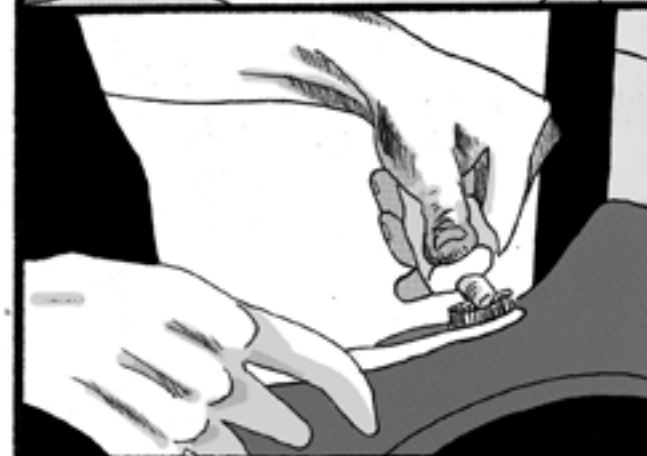
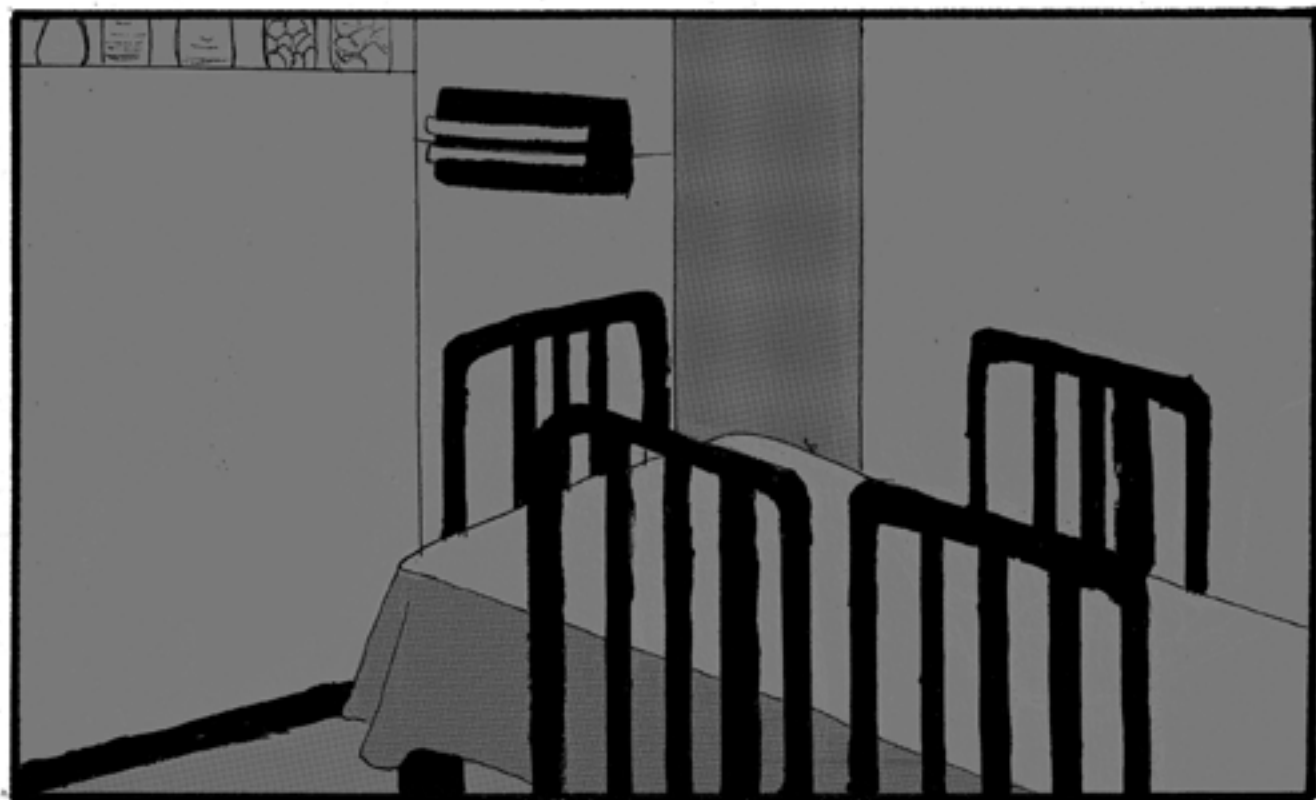
Mais um dia prestes a começar, mas este é diferente, bem, nem tão diferente assim, mas é importante, e estranho, de um jeito diferente.

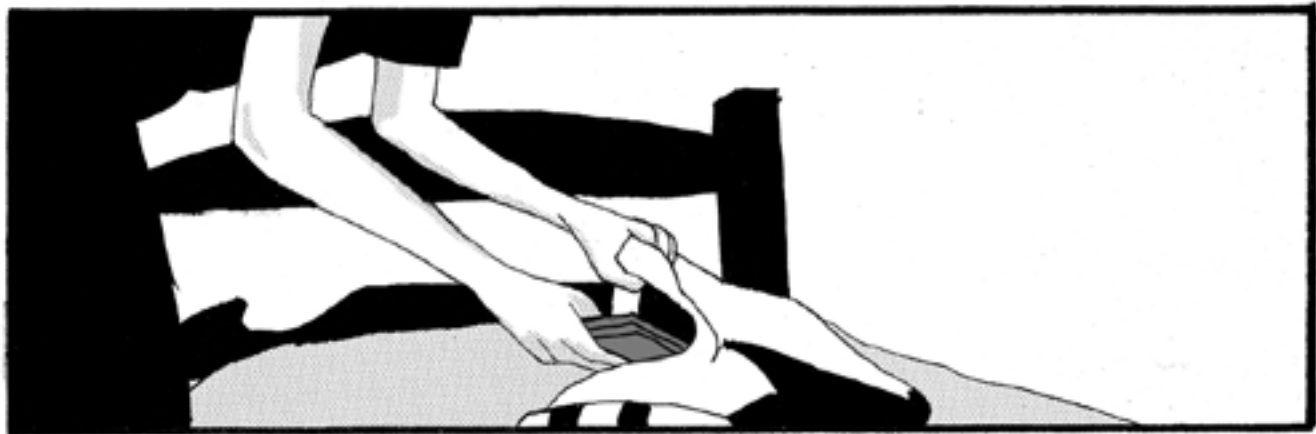
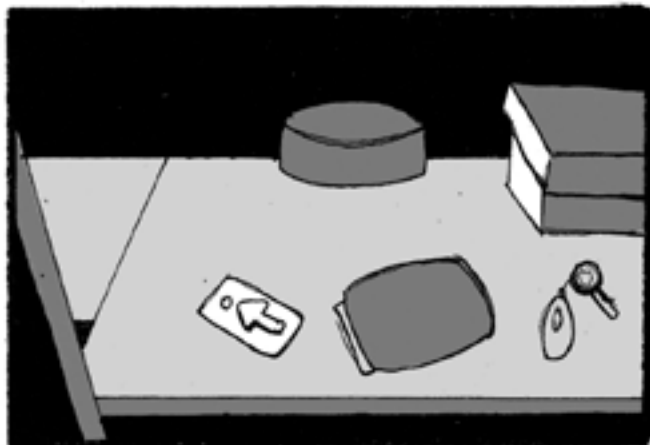
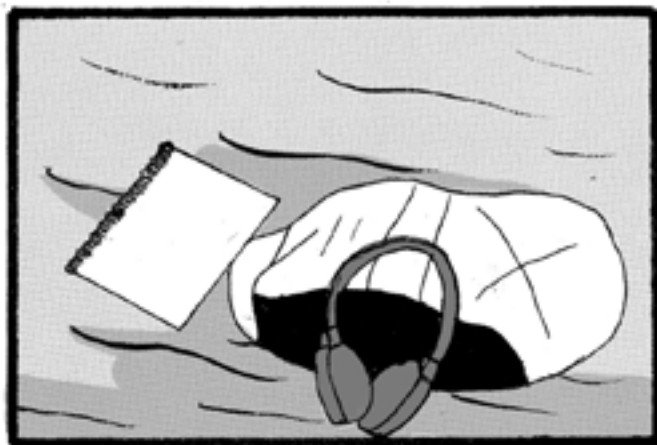


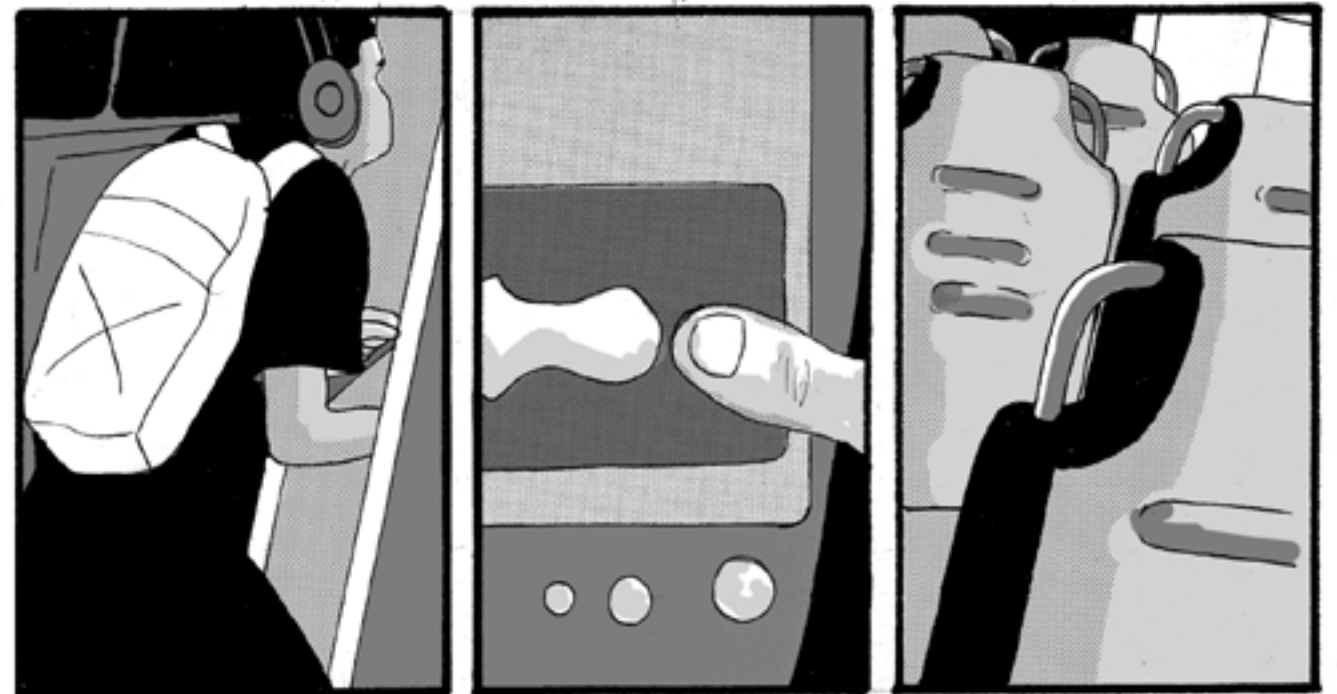
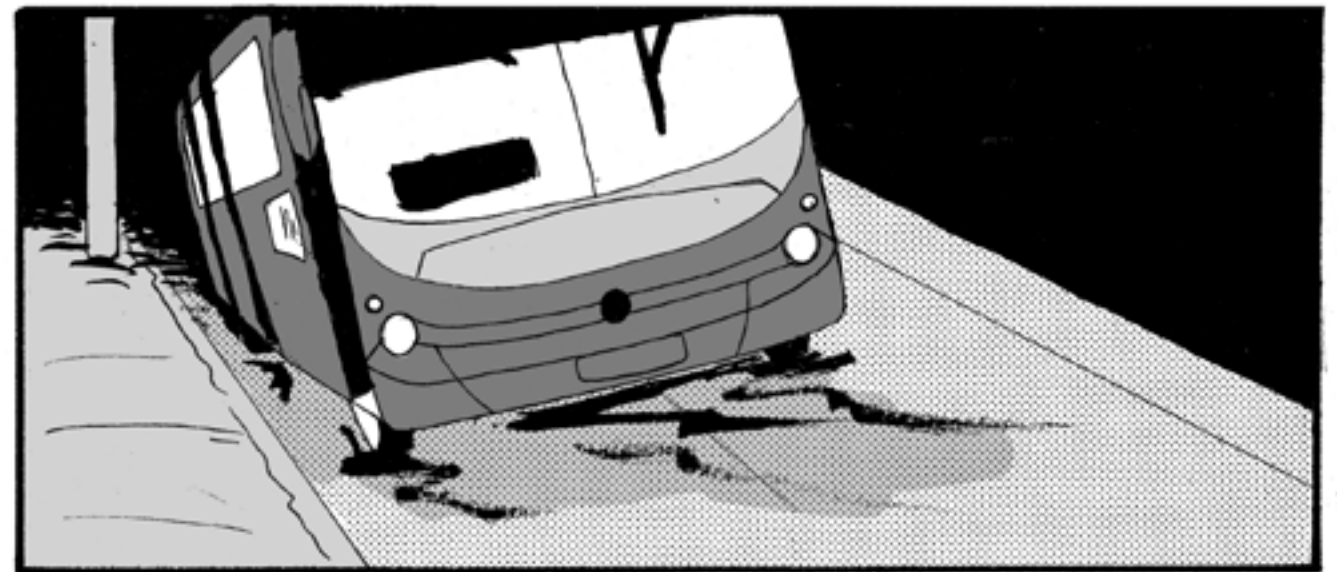
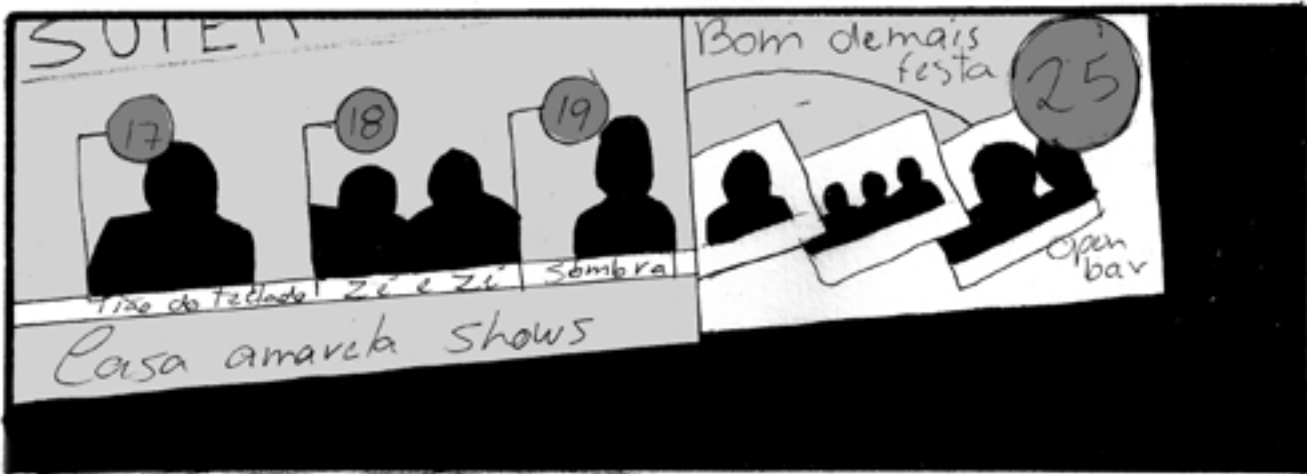


*Elvis Presley - Viva Las Vegas

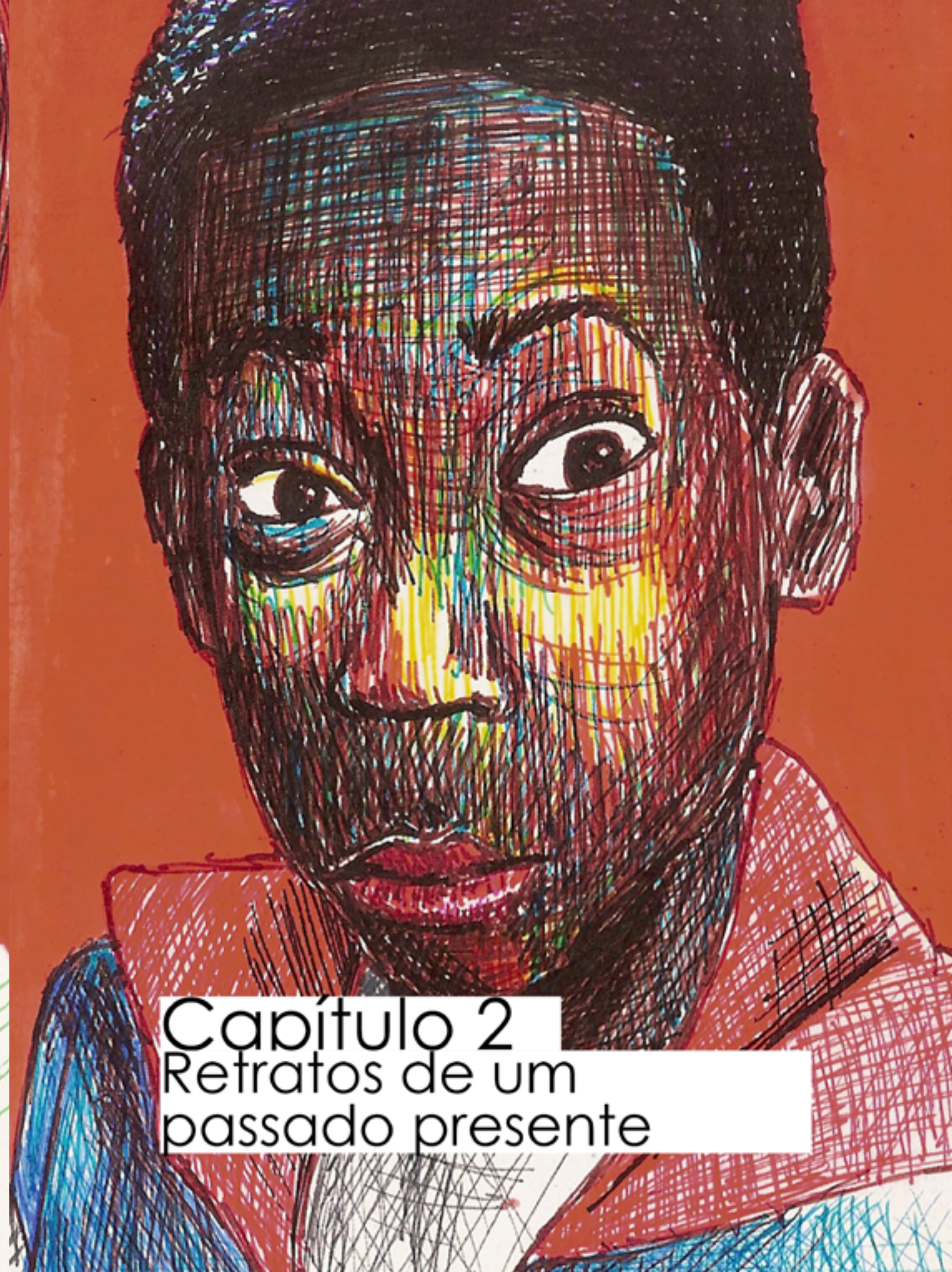




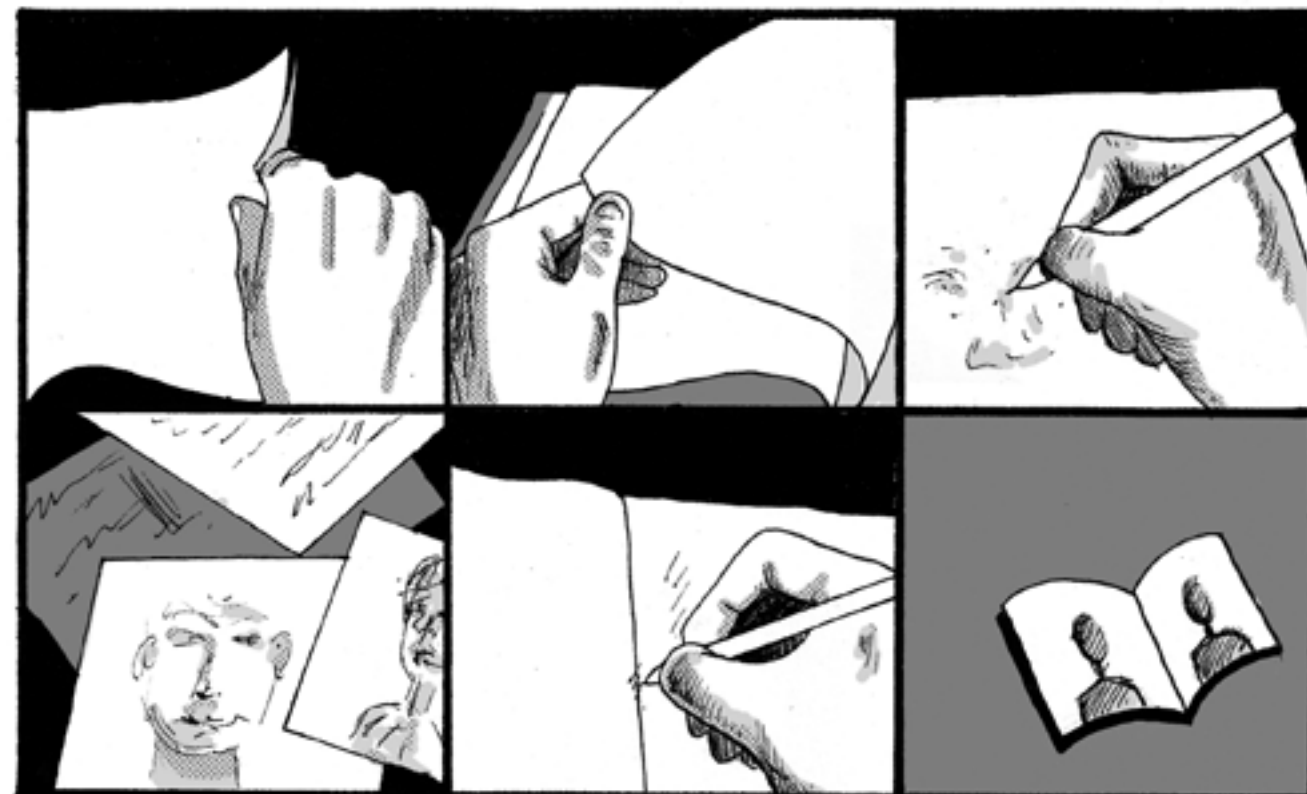
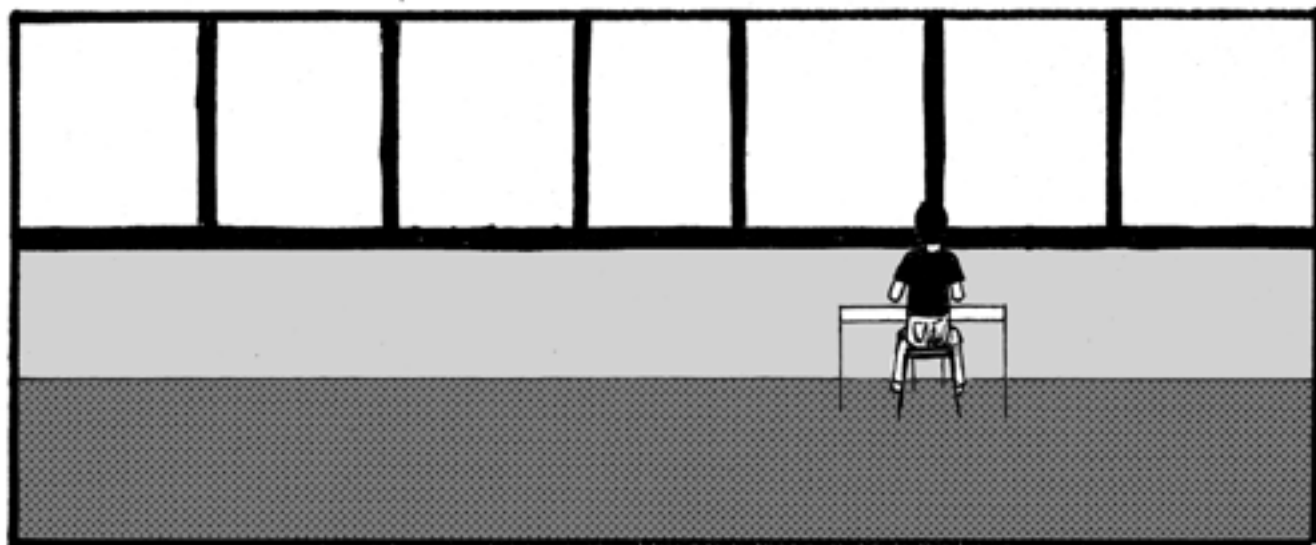


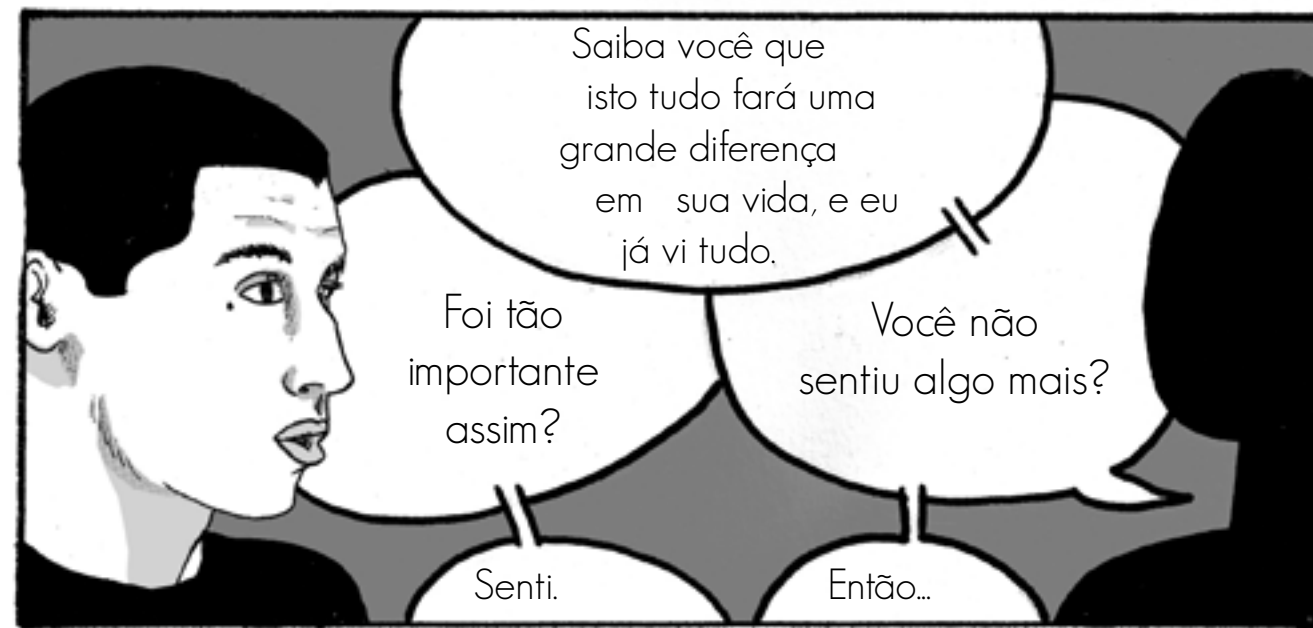
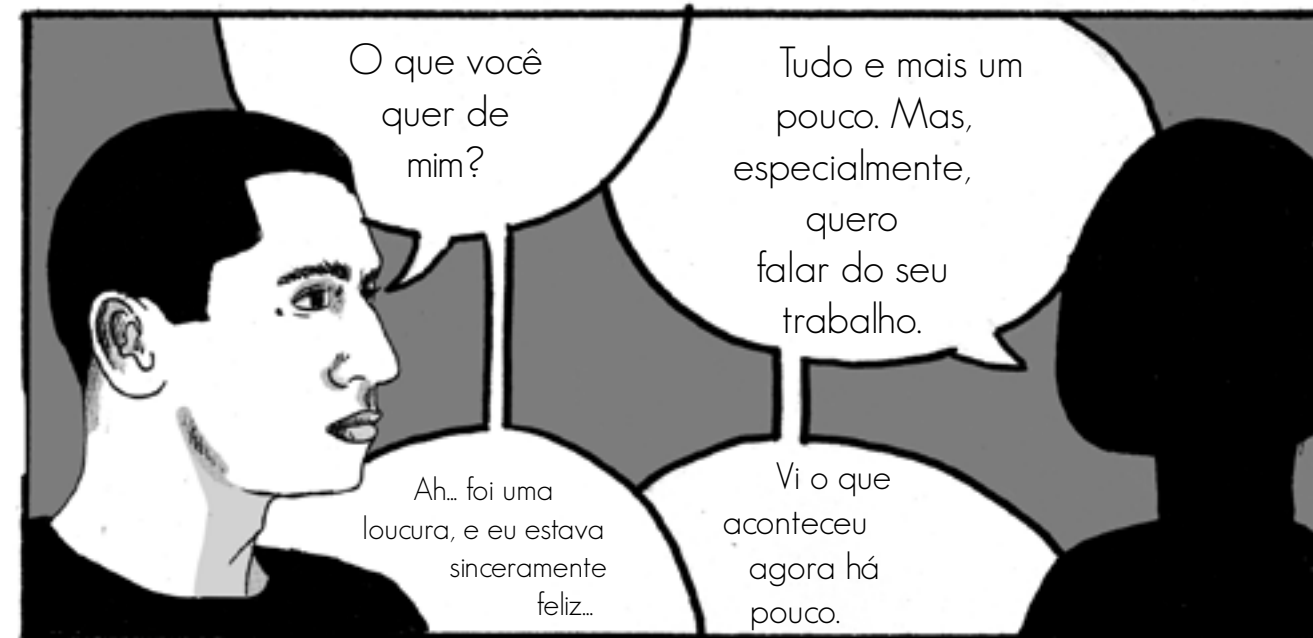
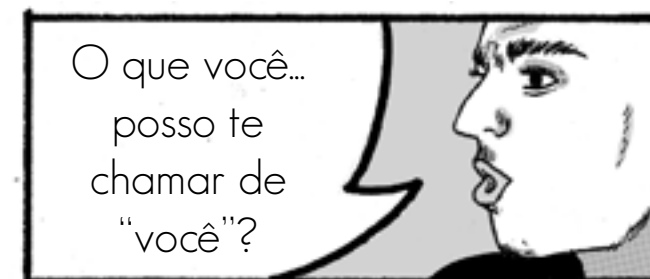
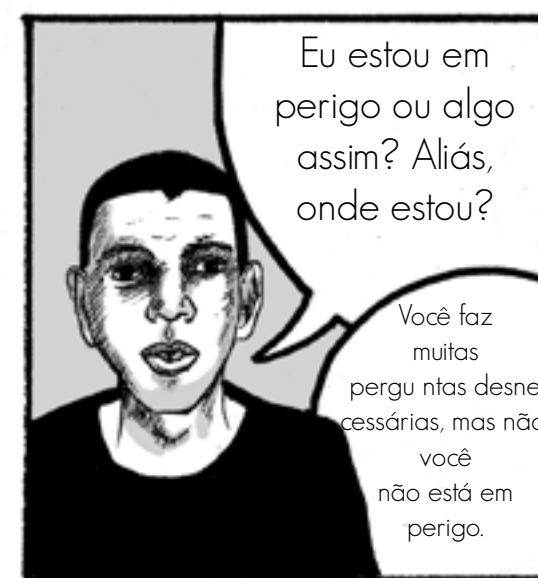
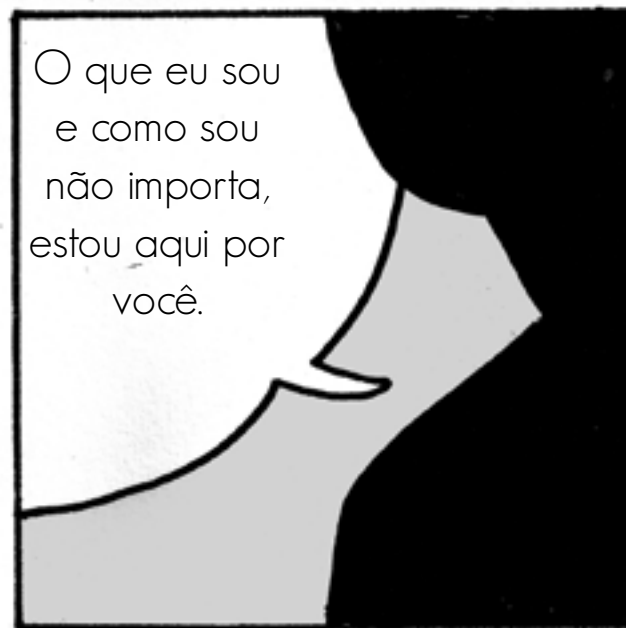






Capítulo 2
Retratos de um
passado presente







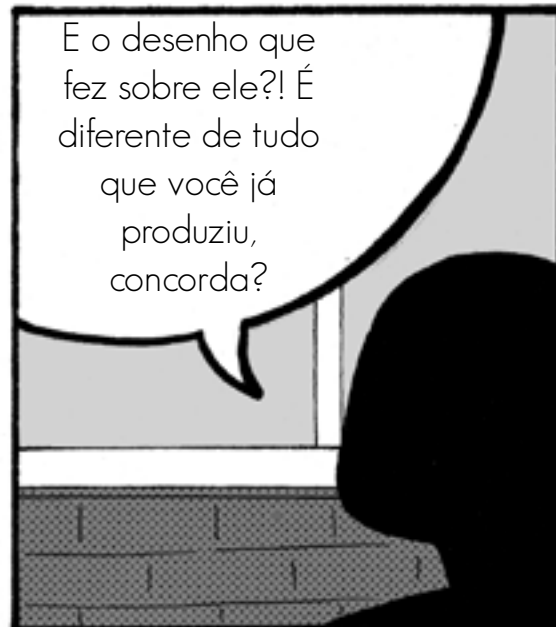
Eu prefiro que você descubra sozinho, por isso vamos conversar para você ir pegando as coisas aos poucos.

Conversar é bom...

Por que você acha que aquele rosto mexeu tanto com você?



Eu... eu... eu não sei, ele tem um sorriso tão sincero, escancarado... e, além do mais, o simples fato de o ver me dava vontade de sorrir.

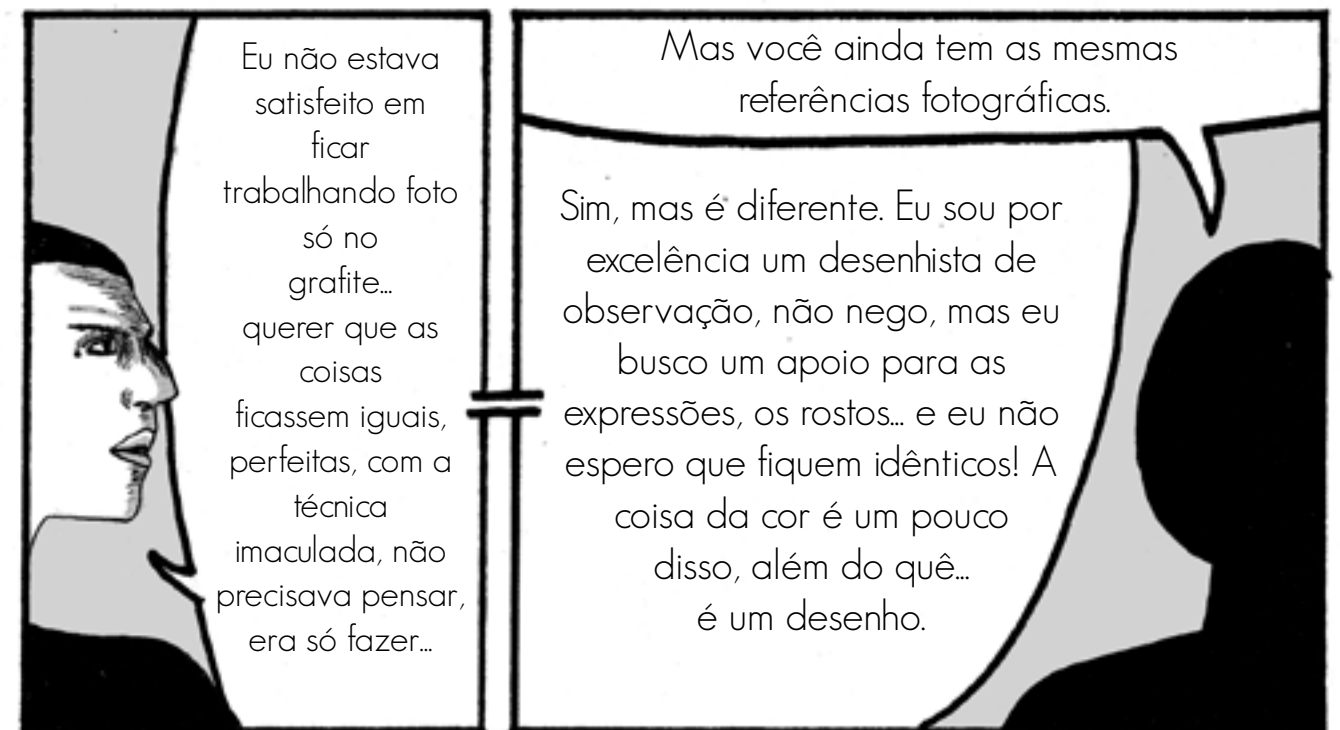


É o desenho que fez sobre ele?! É diferente de tudo que você já produziu, concorda?



Sim, acho que é mais pelo fato de ter adquirido aquelas canetas, o traço é fino e preciso, gosto disso.

Mas por que a mudança? Até agora você não trabalhava com cor.



Eu não estava satisfeito em ficar trabalhando foto só no grafite... querer que as coisas ficassem iguais, perfeitas, com a técnica imaculada, não precisava pensar, era só fazer...

Mas você ainda tem as mesmas referências fotográficas.

Sim, mas é diferente. Eu sou por excelência um desenhista de observação, não nego, mas eu busco um apoio para as expressões, os rostos... e eu não espero que fiquem idênticos! A coisa da cor é um pouco disso, além do quê... é um desenho.



Não entendi onde a cor se encaixa nisso tudo.

A princípio, a cor foi algo que veio do material, no caso, as canetas. Mas eu meio que gostei desse estranhamento que estava causando, então comecei a variar os tons. Havia momentos que eu buscava o tom mais bizarro possível, e outros em que tentava me aproximar da cor da pele, mas mesmo nestes existiam dentro de si uma gama de outras cores. No fim das contas a cor causava certas questões que me agradaram bastante.

Quais?
Por exemplo.

De que no fundo,
retomando aquilo que falei anteriormente,
é só um desenho. Chegavam para mim
dizendo: "-Por que ele está laranja?
Não existem pessoas laranjas".
E eu respondia que também não
existiam pessoas pretas e cinzas
como nos desenhos de
grafite e *nankin*.

Verdade.

E que também não existiam
linhas nas pessoas, a linha é
um elemento do
desenho que uso para
representá-las.

Mas... de
onde veio isto
tudo?
Eu não
me lembro.

De você. Você já sabe
tudo isso, mas não se
recorda... não
percebe como fala destas
questões com facilidade
mesmo que,
aparentemente, não as
conheça?

Sim, então... eu
já vivenciei
isto tudo?

Já. Não
neste
plano, mas já, e
tudo está conec-
tado.

Tudo
o quê?

Tudo o que diz respeito a você,
mas não vamos desviar do foco.
Me conte: De onde saem
as referências na
busca dos
rostos?

Então... no começo eu procurava, de preferência, aqueles com
sorriso, gargalhada... mas isto
mudava constantemente fazendo com que eu buscasse
conhecidos, atores, celebridades,
e chegou um momento em que eu não me
importava mais de onde eu os tirasse,
só precisava chamar minha atenção
de alguma forma.

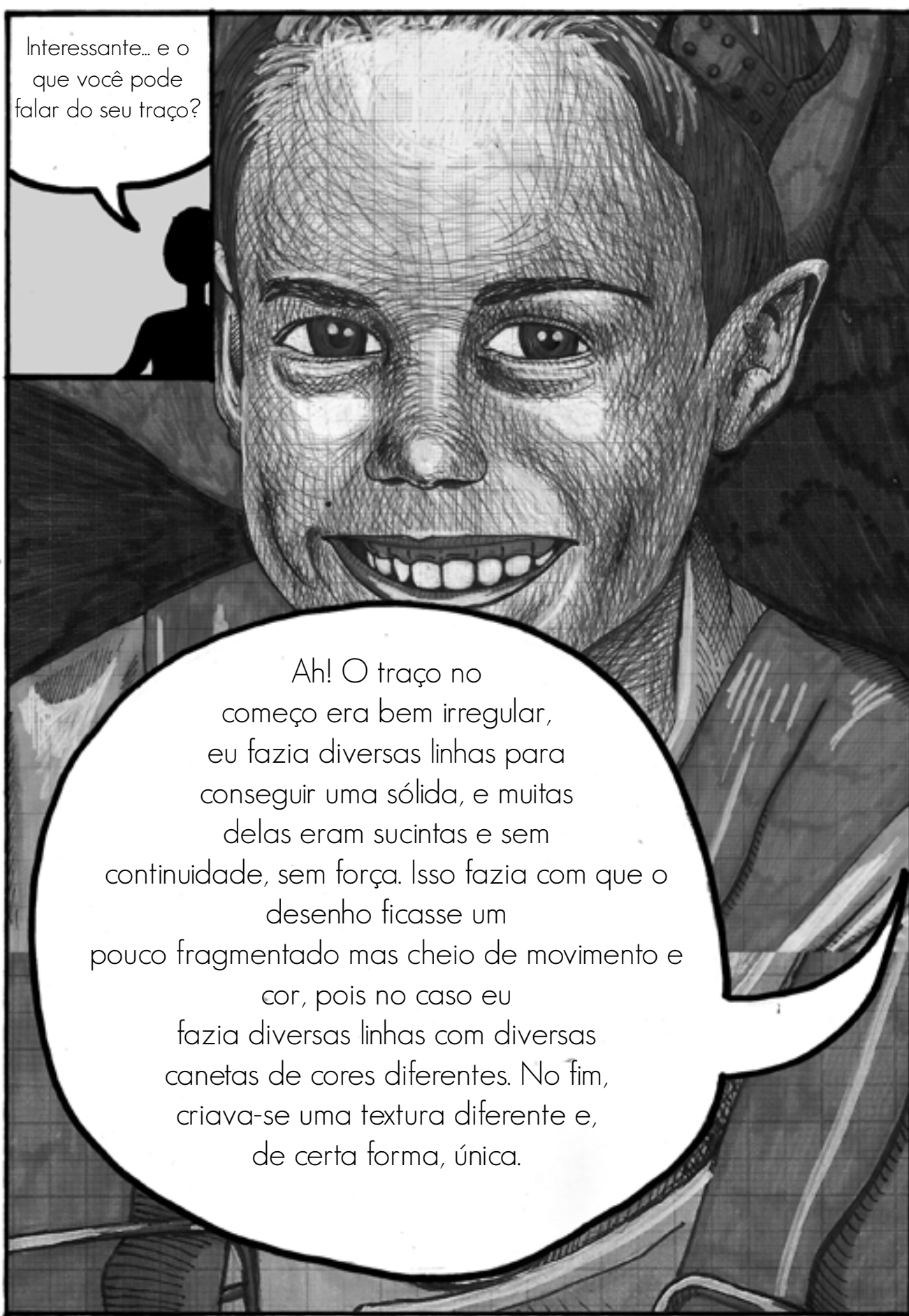
Existe um
padrão que
te chama a
atenção?

Não necessariamente, muitas
vezes, quando estou folheando em busca de
referências, eu visualizo uma ideia em
particular para
cada uma delas mas não quer
dizer que eu vá gostar, ou
mesmo usar todas elas.
É um processo
complicado, de fato.

Mas existem
certas
similaridades em alguns
desenhos, certo?

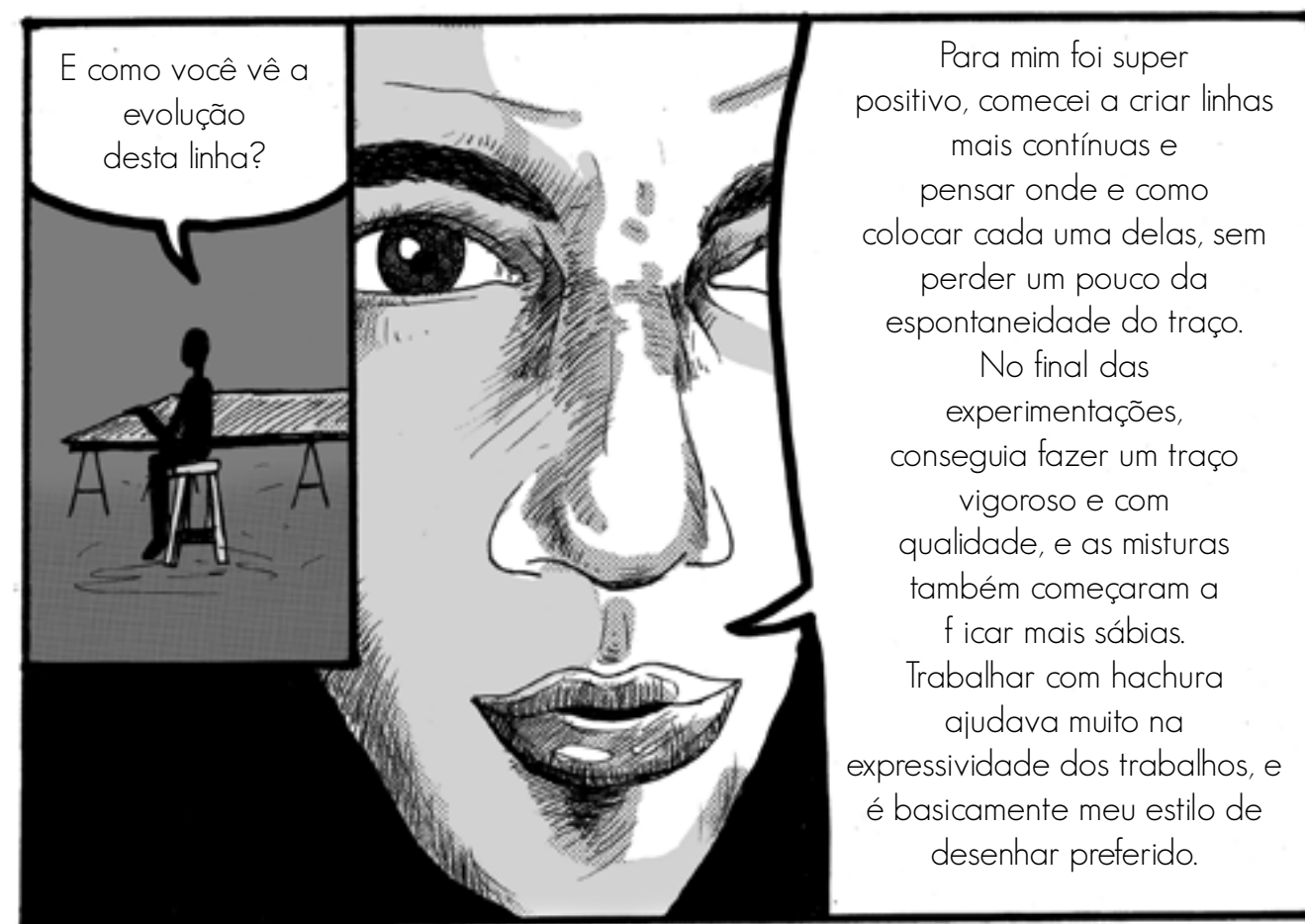
Claro, principalmente quando busco referências
específicas como no caso das pessoas
famosas, onde eu tenho um olhar crítico e
irônico sobre estas pessoas no ambiente em que se
encontram na referência. Mas isso
nem sempre é algo que perpetua o trabalho
final, é apenas parte do processo criativo.
É acredito que a similaridade venha da
prática em si, em uma fusão de
técnica, tema, estilo, etc.

Interessante... e o que você pode falar do seu traço?



Ah! O traço no começo era bem irregular, eu fazia diversas linhas para conseguir uma sólida, e muitas delas eram sucintas e sem continuidade, sem força. Isso fazia com que o desenho ficasse um pouco fragmentado mas cheio de movimento e cor, pois no caso eu fazia diversas linhas com diversas canetas de cores diferentes. No fim, criava-se uma textura diferente e, de certa forma, única.

E como você vê a evolução desta linha?

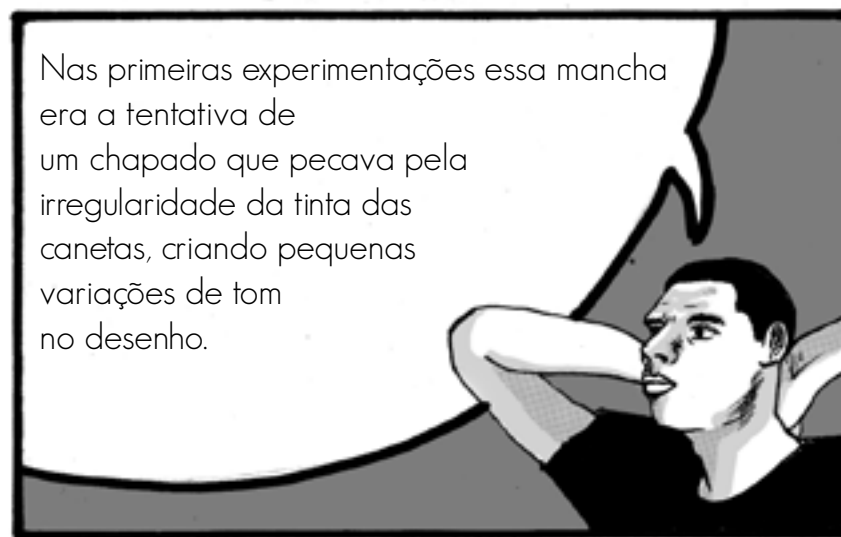


Para mim foi super positivo, comecei a criar linhas mais contínuas e pensar onde e como colocar cada uma delas, sem perder um pouco da espontaneidade do traço. No final das experimentações, conseguia fazer um traço vigoroso e com qualidade, e as misturas também começaram a ficar mais sábias. Trabalhar com hachura ajudava muito na expressividade dos trabalhos, e é basicamente meu estilo de desenhar preferido.

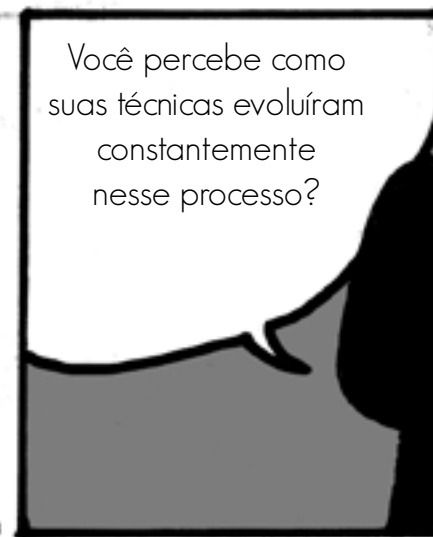
E sobre as primeiras experiências com a mancha, o que tem a dizer sobre elas?



A mancha apareceu no começo como uma diferente forma de tratar os rostos e também as roupas, mas depois ganhou uma característica importante dos trabalhos: A de dar forma ao fundo, que no começo não existia, caracterizando apenas o desenho sobre fundo branco no papel.



Nas primeiras experimentações essa mancha era a tentativa de um chapado que pecava pela irregularidade da tinta das canetas, criando pequenas variações de tom no desenho.



Você percebe como suas técnicas evoluíram constantemente nesse processo?



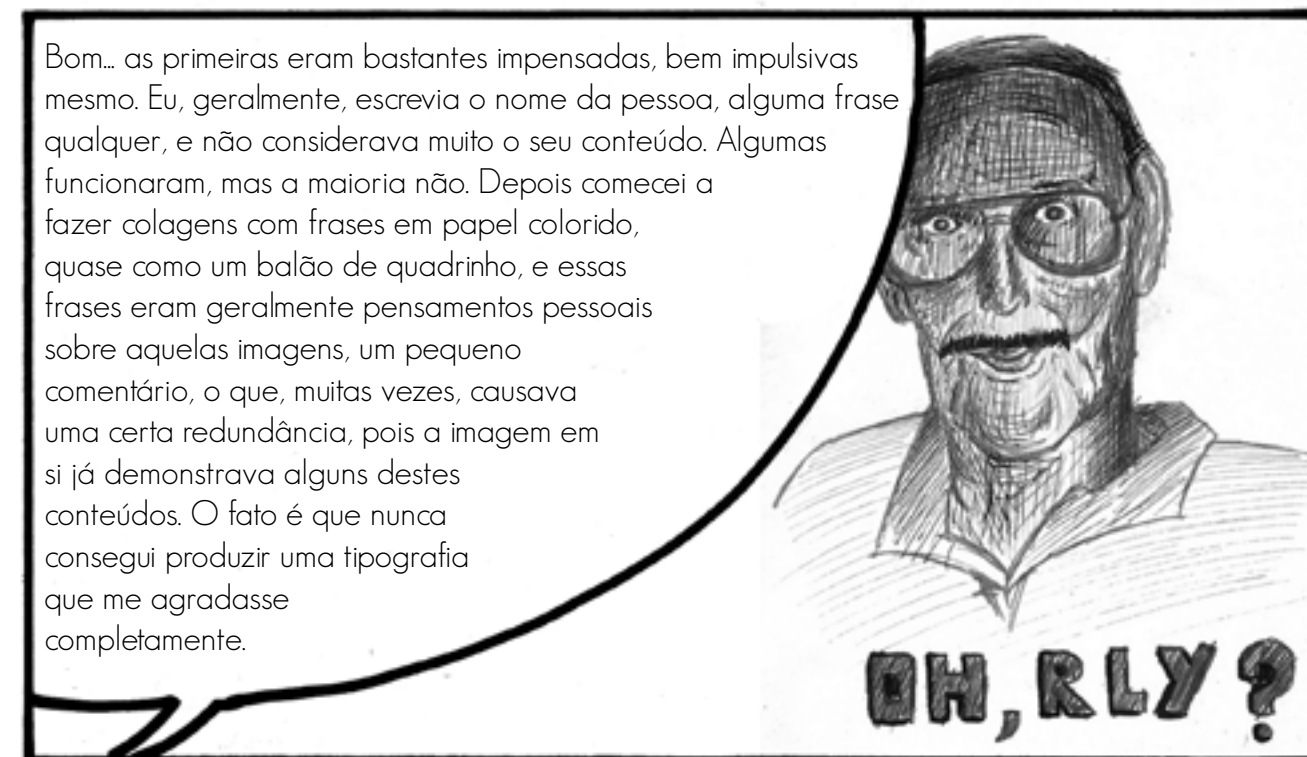
Sim, ter decidido me dedicar somente a rostos neste período me abriu boas portas nos caminhos do desenho.

E agora seu discurso é mais claro, acredito que já está se lembrando de todo o processo, certo?



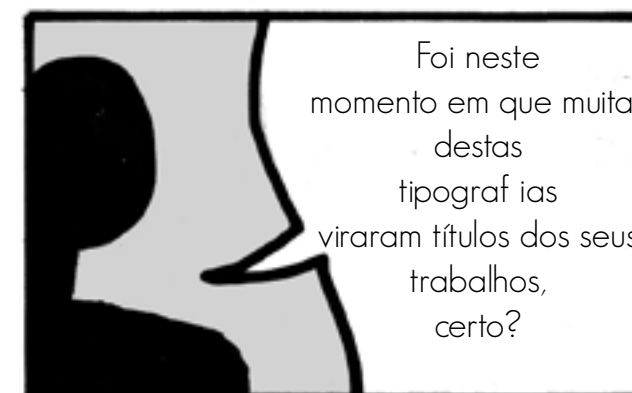
Está tudo muito claro, como um belo dia de sol, rs. Mas estou achando estranho falar de algo que ainda vou viver mas que conheço como a palma da minha mão, pois, de certa forma, já vivi.

Você irá se acostumar, fica mais fácil se não pensar muito sobre. Me conte um pouco das suas experiências com tipografia nos desenhos.

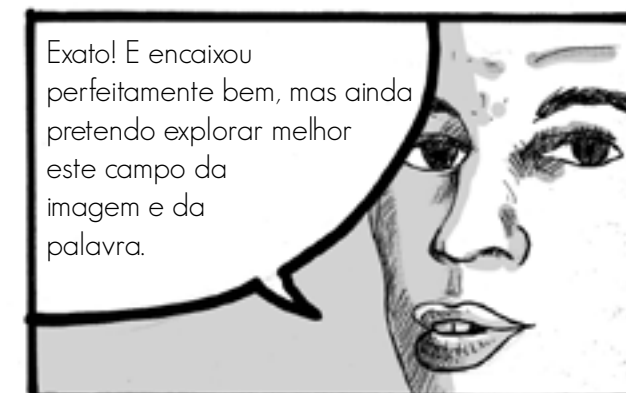


Bom... as primeiras eram bastantes impensadas, bem impulsivas mesmo. Eu, geralmente, escrevia o nome da pessoa, alguma frase qualquer, e não considerava muito o seu conteúdo. Algumas funcionaram, mas a maioria não. Depois comecei a fazer colagens com frases em papel colorido, quase como um balão de quadrinho, e essas frases eram geralmente pensamentos pessoais sobre aquelas imagens, um pequeno comentário, o que, muitas vezes, causava uma certa redundância, pois a imagem em si já demonstrava alguns destes conteúdos. O fato é que nunca consegui produzir uma tipografia que me agradasse completamente.

OH, RLY?



Foi neste momento em que muitas destas tipografias viraram títulos dos seus trabalhos, certo?



Exato! E encaixou perfeitamente bem, mas ainda pretendo explorar melhor este campo da imagem e da palavra.



E sobre o formato do caderno? O que você tem a dizer.

Acredito que me adaptei bem ao formato, pois trabalhei incansavelmente nele. O bom de folhear as páginas é poder comparar todo o processo, e assim certas coisas aparecem, como o fato de muitos desenhos terminarem de repente, não indo até o fim da folha, que é uma característica que não existe mais no meu trabalho, onde agora a sangria é um fator importante. Outra coisa interessante de se pontuar é o uso da mancha que acontece atrás do papel. No começo, eu cortava outros papéis e colocava-os por cima para não atrapalhar, mas depois de um tempo comecei a abraçar esta mancha, e ela virou parte do trabalho, pois no final o conjunto dos desenhos é uma coisa só. Este formato pequeno foi bom para dominar o espaço, fazer relações entre técnica, representação... enfim, foi uma ótima escolha para se praticar os fundamentos do desenho.



Manter esse tipo de caderno como registro de trabalhos e de ideias é realmente uma ótima forma de produzir, e acredito que você se enquadra muito bem nela.



Sim, foi um ótimo exercício manter essa prática, acredito que melhorei infinitamente depois de abraçar esta técnica.

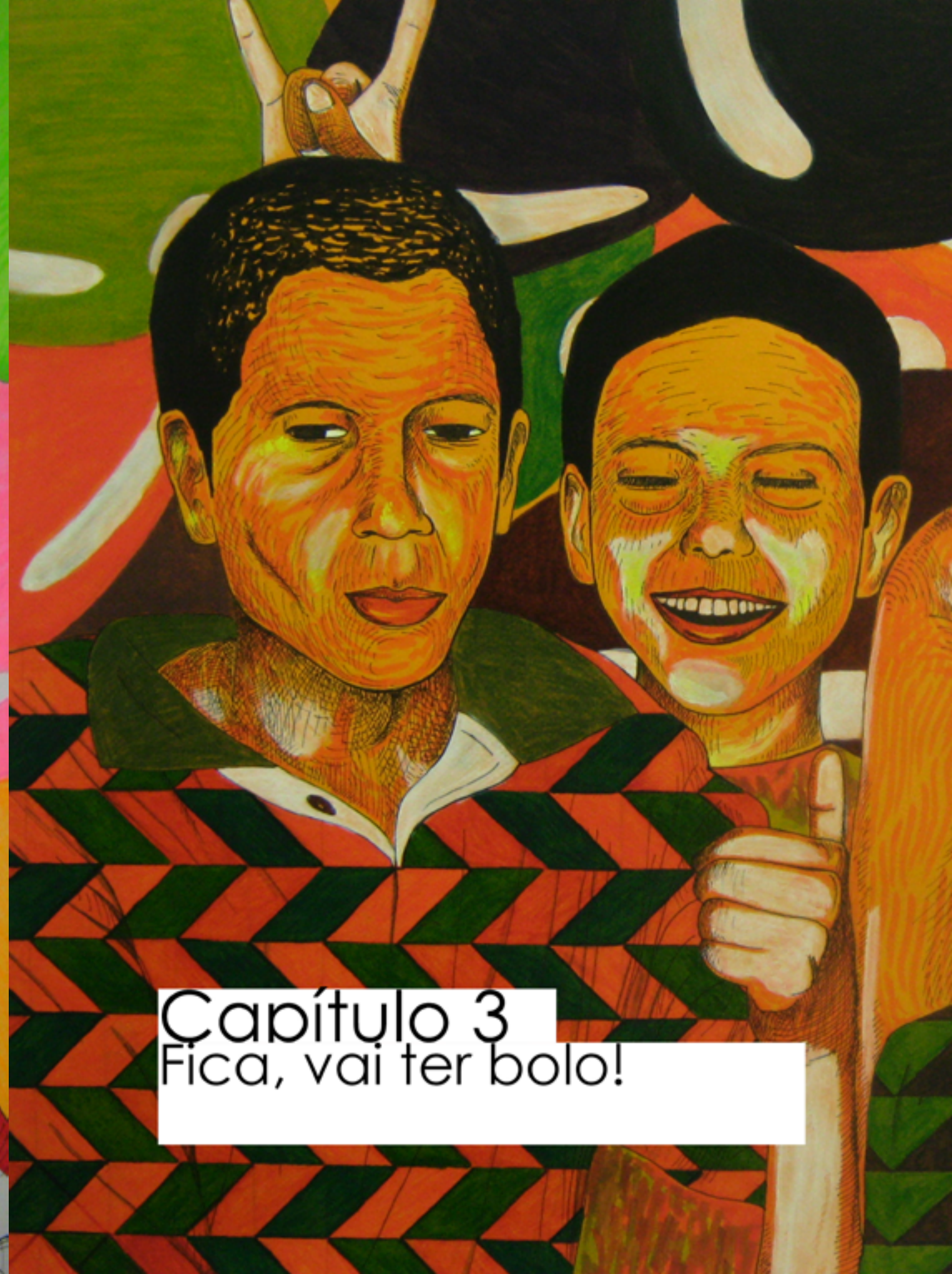


Mas retome suas questões, voltarei quando for mais conveniente. Até.



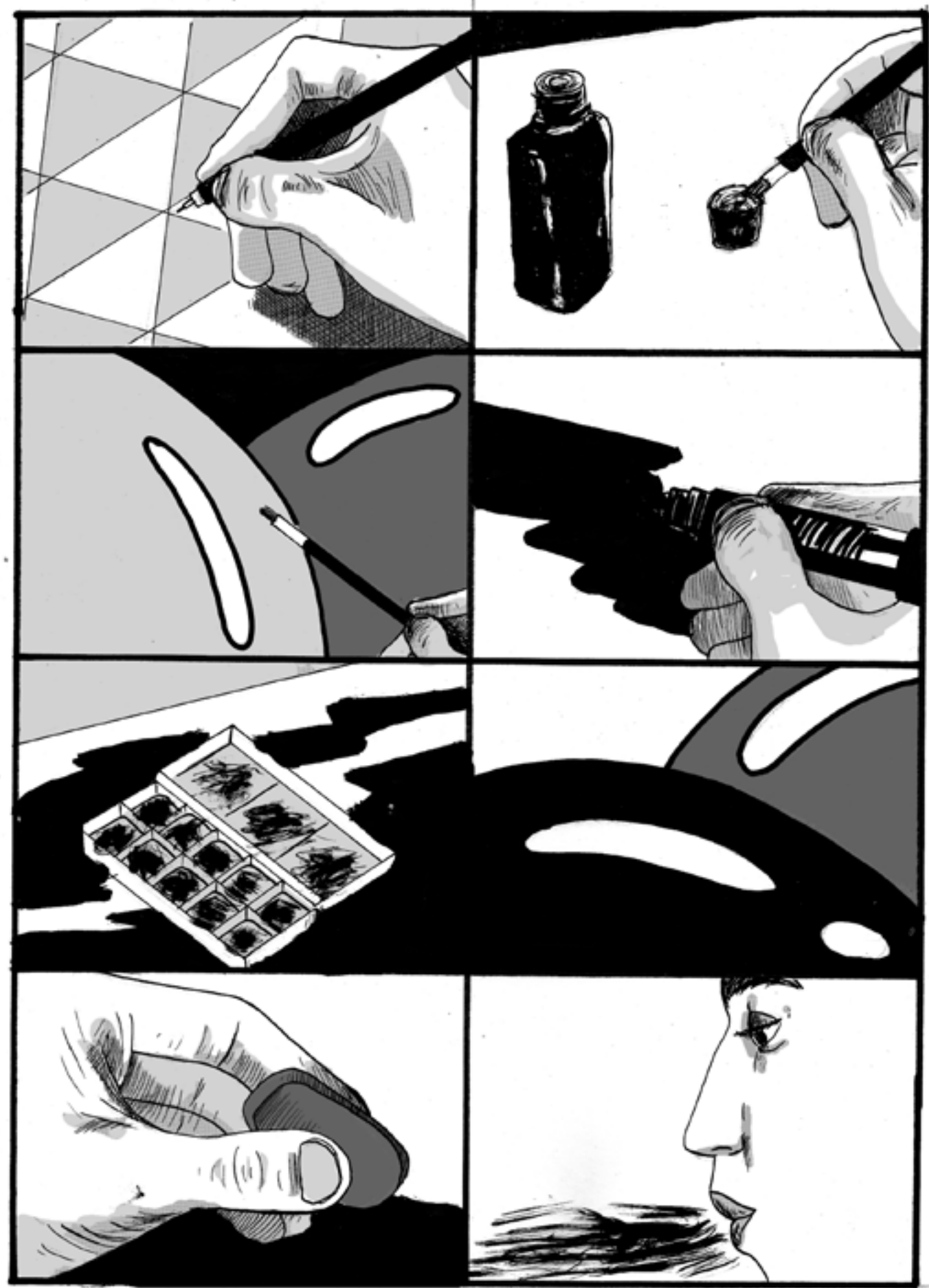
Até.

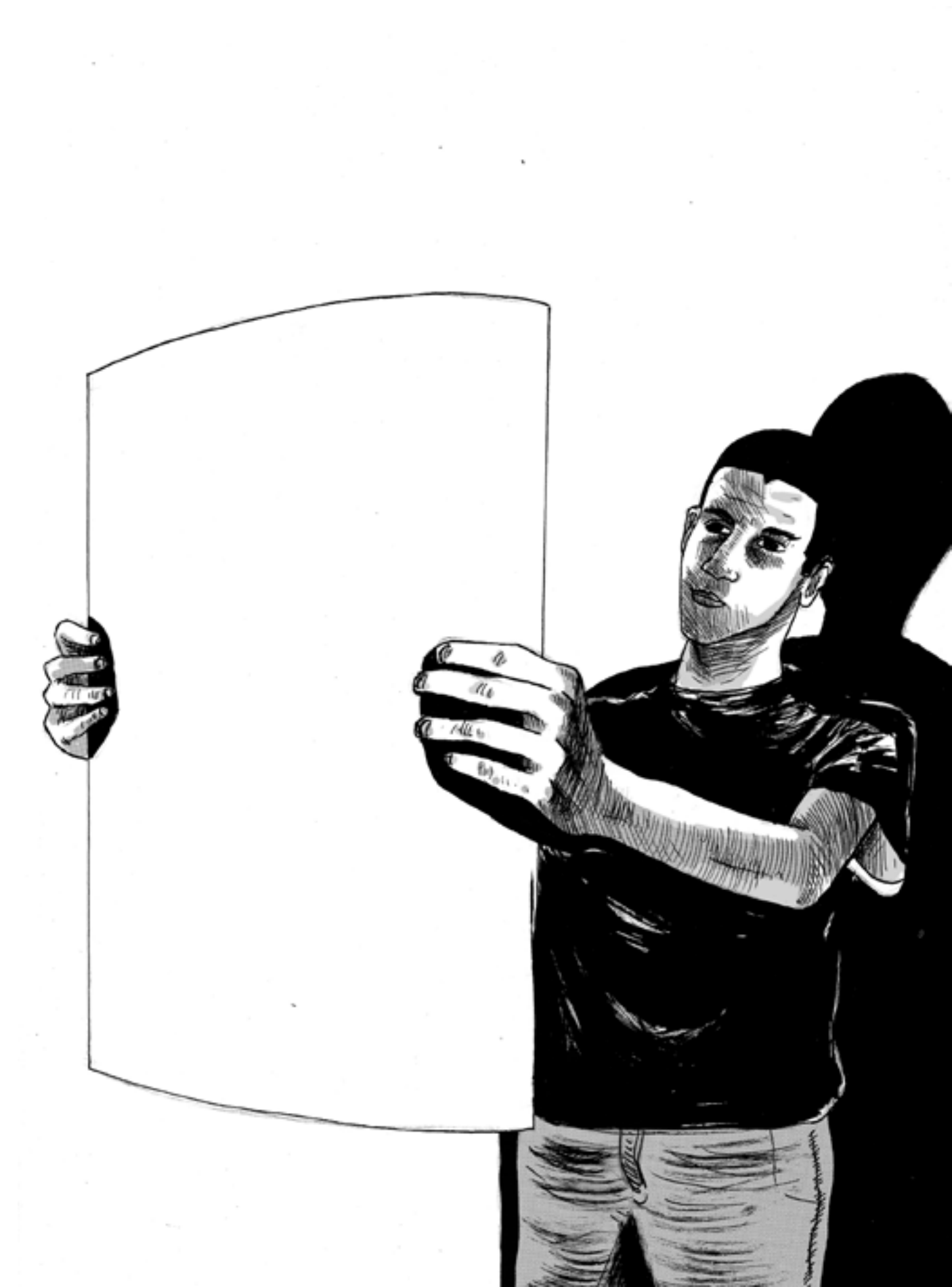




Capítulo 3

Fica, vai ter bolo!







Vejo que andou produzindo bastante.



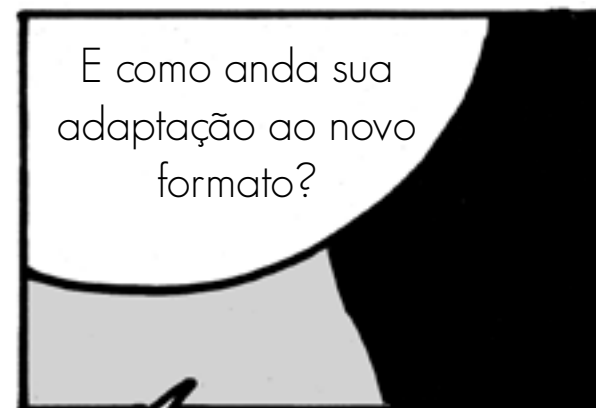
Oi! Você de novo... sim, tenho feito coisas maiores.



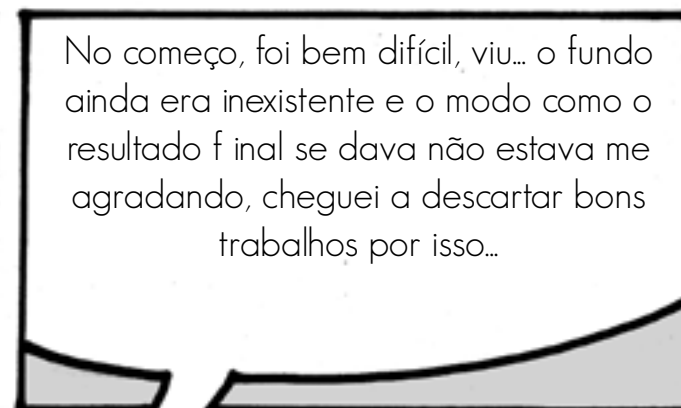
Percebi, e por que a mudança tão grande no formato?



Bom... foi conselho dos professores, experimentei aumentar o papel mas continuar com o estilo de traço, o que gerou um trabalhão!



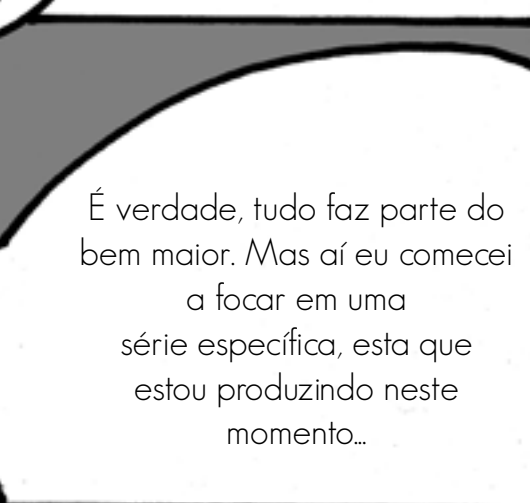
E como anda sua adaptação ao novo formato?



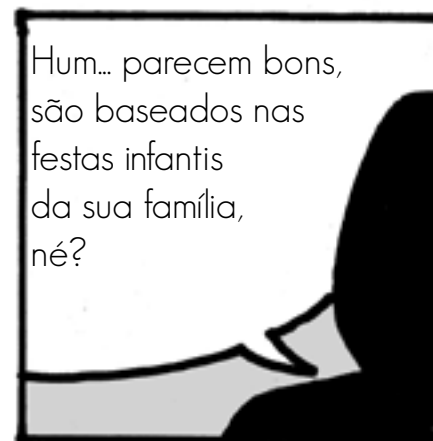
No começo, foi bem difícil, viu... o fundo ainda era inexistente e o modo como o resultado final se dava não estava me agradando, cheguei a descartar bons trabalhos por isso...



Mas isso é bom, marca a diferença entre trabalho e processo.



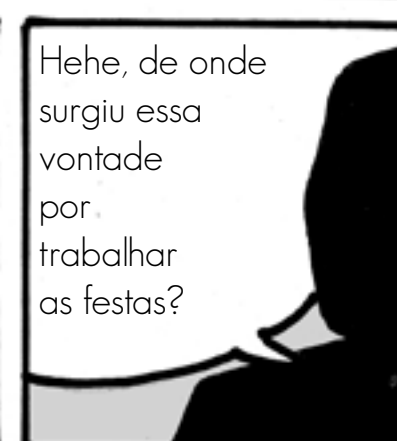
É verdade, tudo faz parte do bem maior. Mas aí eu comecei a focar em uma série específica, esta que estou produzindo neste momento...



Hum... parecem bons, são baseados nas festas infantis da sua família, né?



Isso! Nem vou perguntar como você sabe...



Hehe, de onde surgiu essa vontade por trabalhar as festas?



Teoricamente veio da união de dois desejos pessoais: O primeiro de trabalhar em formato de série, tendo um tema em comum para explorar melhor uma única ideia. Já faz um tempo que queria tentar isso. O segundo que eu tinha vontade de trabalhar com as fotografias de festa da minha família.

Interessante... e de onde surgiu essa vontade?

Ah... Eu estava olhando as fotografias novamente, faço isso sempre, pois elas despertam boas memórias e as de festa, em especial, me faziam lembrar dos meus amigos, de quando eu era criança, e pensei em trabalhar essas fotos, começando por alguns momentos recorrentes que apareciam nelas e, conseqüentemente, nas festas.

E quais são estas memórias de que você se recorda?

Muita coisa tem a ver com a própria festa em questão, situações que ocorreram, etc. Mas em alguns momentos consigo puxar lembranças de pessoas específicas, associar com o presente... tipo: "Ah, aquela menina era tão feia e hoje eu até pegava".

Entendo... deve criar uma rede de imagens e referências na sua cabeça, suponho.

Sim, o que é ótimo, desperta meus sentimentos em relação à época e as pessoas, o que é sempre gostoso de sentir.

Você falou de momentos recorrentes nas festas, poderia citar alguns?

Bom, tem vários... mas não significa que trabalho com todos, até porque meu foco são as crianças das festas. Mas sempre tem as crianças em volta do bolo para assoprar a vela, as que ficam embaixo do grande balão esperando as surpresas caírem com um copo de plástico na mão, aquele menino que sempre faz careta nas fotos que vai tirar, etc... São muitos momentos, mas trabalho só com alguns destes.

Tem uma razão especial para ser só alguns destes momentos?

Não, muitas vezes se deve ao fato de serem os que estão disponíveis para mim nas referências.

Hum... E as referências são apenas de fotos pertencentes a sua família?

Sim, são as que me interessam. Já tentei procurar por festas até de outros familiares, mas as que permanecem na minha cabeça são principalmente as minhas e as do meu irmão.

Bom, são estas festas que contém meu antigo círculo social. Todas as pessoas presentes nestas fotografias em especial, já fizeram parte da minha vida de alguma maneira, o que as torna ainda mais especiais.

E tem um motivo especial para isto?

Que ótimo... e como você transporta essas referências para os desenhos?

Eu pego várias pessoas de várias fotografias diferentes e combino formando uma cena só, mas há processos diferentes. O fato é que o desenho, apesar de ser feito com referência, perde o vínculo com a fotografia original, se tornando auto suficiente.

É um processo complicado... mas você está indo bem, acho que já está preparado para sua avaliação.

Que avaliação?

Plim!!

AAAAHHHHHH!!!!!!

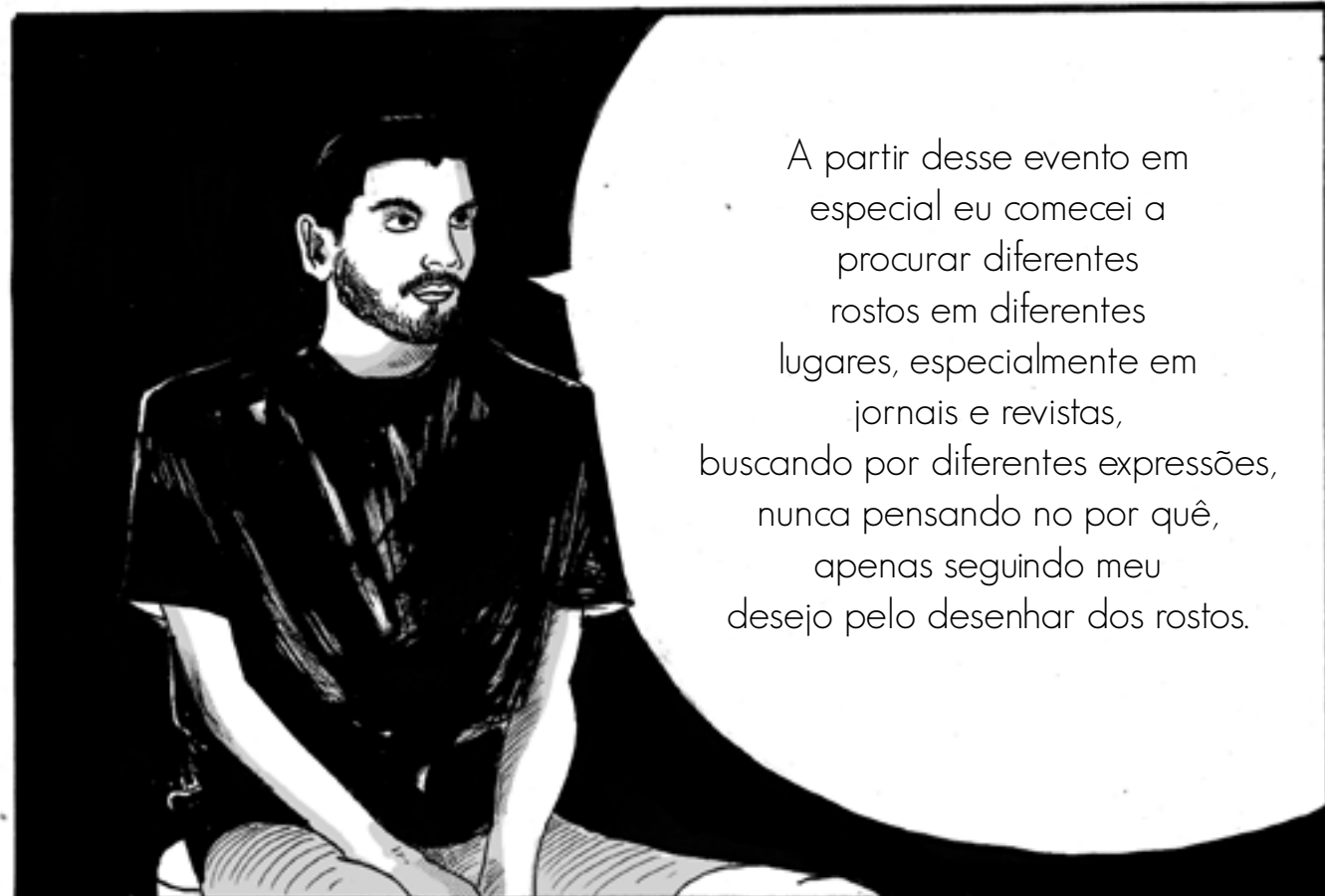




Isto não é
problema, posso
trazê-los aqui.



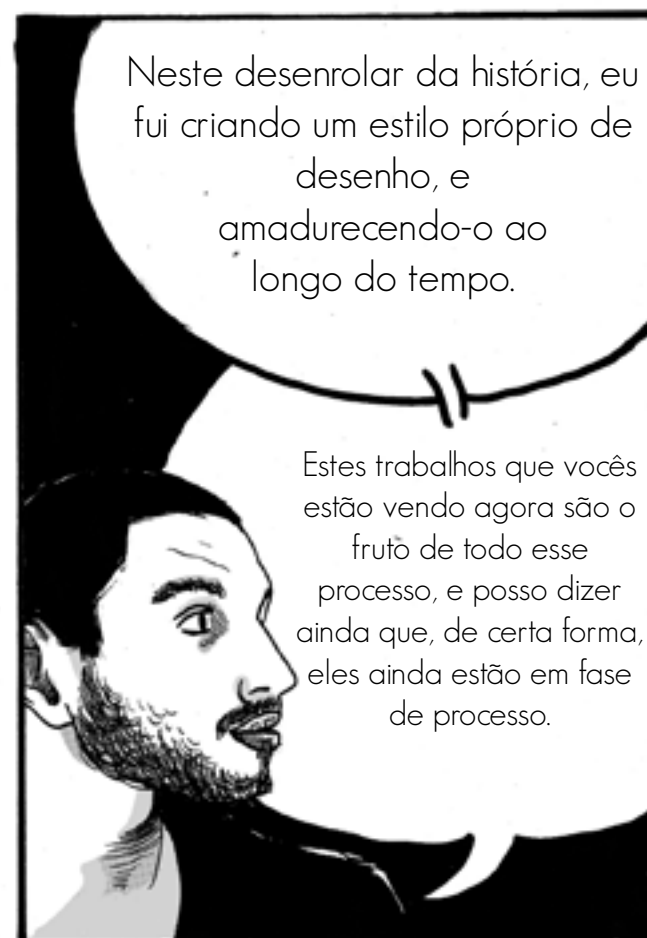
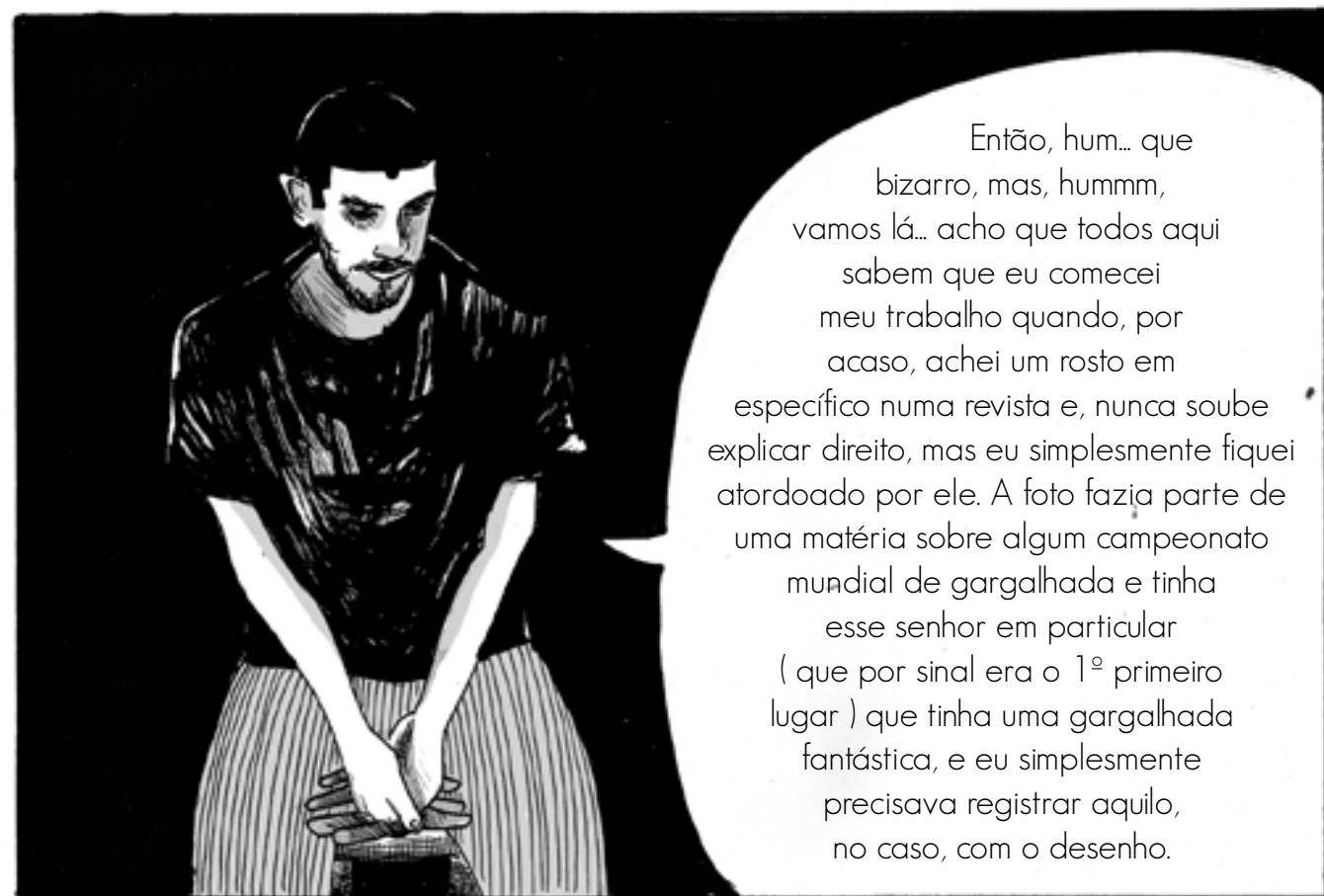
A partir desse evento em
especial eu comecei a
procurar diferentes
rostos em diferentes
lugares, especialmente em
jornais e revistas,
buscando por diferentes expressões,
nunca pensando no por quê,
apenas seguindo meu
desejo pelo desenhar dos rostos.



Então, hum... que
bizarro, mas, hummm,
vamos lá... acho que todos aqui
sabem que eu comecei
meu trabalho quando, por
acaso, achei um rosto em
específico numa revista e, nunca soube
explicar direito, mas eu simplesmente fiquei
atordoado por ele. A foto fazia parte de
uma matéria sobre algum campeonato
mundial de gargalhada e tinha
esse senhor em particular
(que por sinal era o 1º primeiro
lugar) que tinha uma gargalhada
fantástica, e eu simplesmente
precisava registrar aquilo,
no caso, com o desenho.

Neste desenrolar da história, eu
fui criando um estilo próprio de
desenho, e
amadurecendo-o ao
longo do tempo.

Estes trabalhos que vocês
estão vendo agora são o
fruto de todo esse
processo, e posso dizer
ainda que, de certa forma,
eles ainda estão em fase
de processo.



Estes trabalhos, a princípio, tem como tema o "universo das festas infantis", e quando eu digo "universo" é porque é um tema muito vasto para se explorar mesmo.

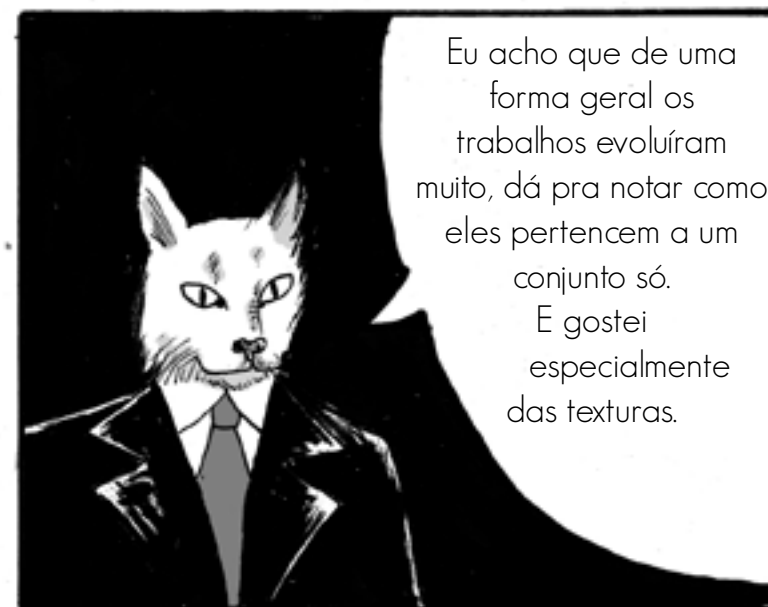
Mas estes, em especial, são meio auto-biográficos... pois busco a referência para fazê-los nas fotos de festa de criança da minha família, em especial as minhas festas e as do meu irmão mais novo.

O meu objetivo era transmitir alguns dos momentos que eu vivia nestas festas através dos desenhos, e ao fazer isso juntamente com o simples fato de rever aquelas fotos, eu acessava um monte de memórias da época.

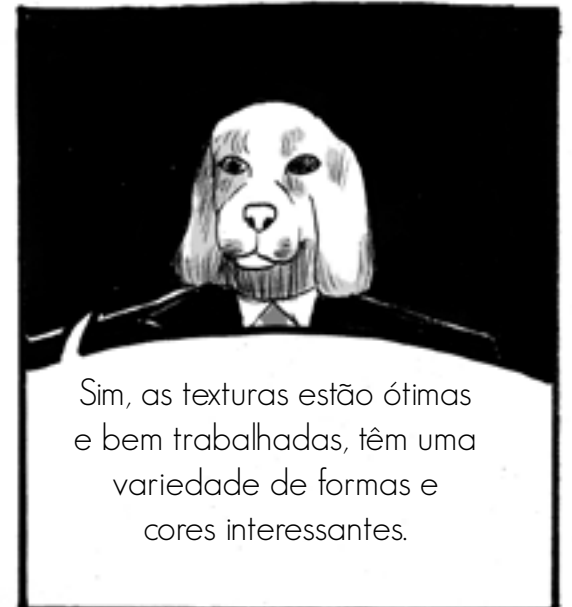
Essa mudança na temática se deu porque eu tinha a vontade de fazer uma série de trabalhos, e essa vontade se uniu com o desejo de poder trabalhar com essas fotografias antigas que me despertavam boas memórias e, basicamente, esse foi o estopim para esta série específica de desenhos.
Bom, é isso.



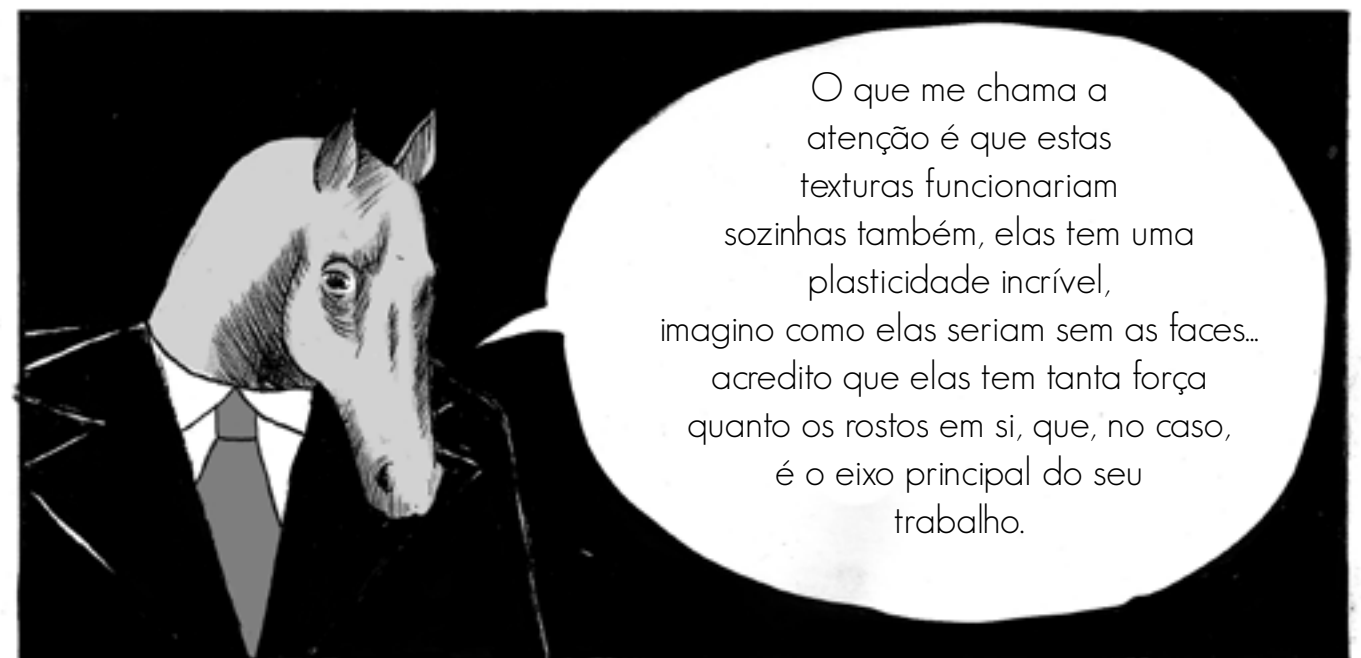
Muito bem, alguém gostaria de falar algo?



Eu acho que de uma forma geral os trabalhos evoluíram muito, dá pra notar como eles pertencem a um conjunto só.
E gostei especialmente das texturas.



Sim, as texturas estão ótimas e bem trabalhadas, têm uma variedade de formas e cores interessantes.

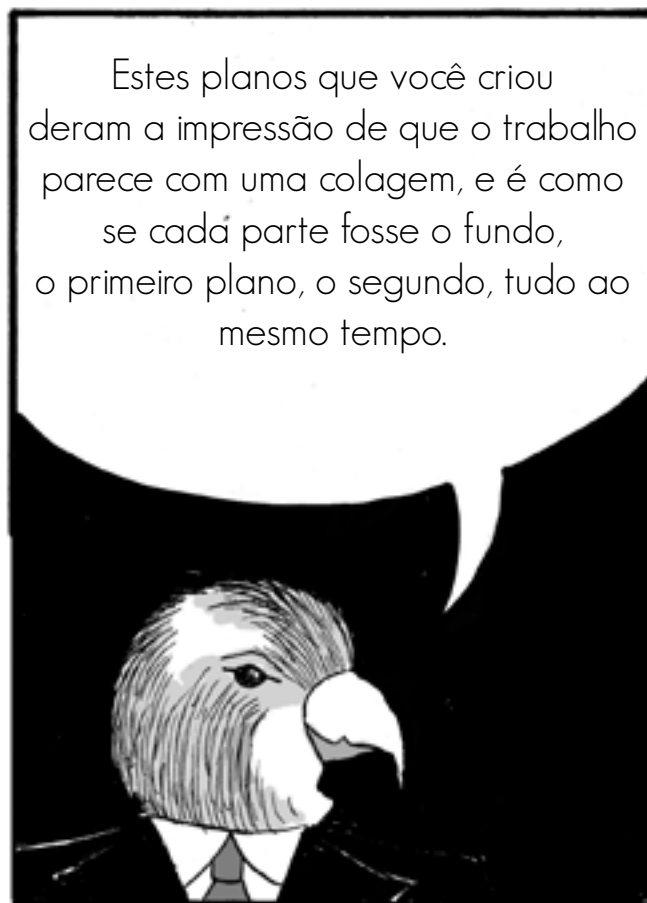


O que me chama a atenção é que estas texturas funcionariam sozinhas também, elas tem uma plasticidade incrível, imagino como elas seriam sem as faces... acredito que elas tem tanta força quanto os rostos em si, que, no caso, é o eixo principal do seu trabalho.



Como você
chegou a essa
solução
das
texturas?

Eu já havia pensado na
possibilidade de trabalhar com
padrões faz um tempo, tentando
explorar diferentes formas e cores. As roupas foram
as com esse pensamento, que é algo totalmente diferente
do pensamento de volume e claro/escuro que tento
utilizar nos rostos. As texturas serviram para
poder brincar um pouco com os planos.



Estes planos que você criou
deram a impressão de que o trabalho
parece com uma colagem, e é como
se cada parte fosse o fundo,
o primeiro plano, o segundo, tudo ao
mesmo tempo.



Além do que, as formas estão bem
diversas, criando diferentes
padrões, quase como um *pattern*
em que poderia ser repetido várias
e várias vezes.



Exato! Pretendo fazer isso
futuramente: O máximo de
padrões possíveis com
diferentes cores e formas,
utilizando-os depois com
algumas modificações,
tentando criar uma
biblioteca de
possibilidades.

O que me chama
a atenção também é que,
apesar dessa
vontade pelos padrões, os trabalhos
em geral são bem diversos, e
variam bastante em
estilo e técnica.
A que você
atribui isso?

Como eu mencionei
anteriormente, eu costumo ver minha
produção sempre como parte de um processo, e estes trabalhos
não fogem disso. Apesar de muitas coisas se repetirem,
eu sempre dou um jeito de experimentar coisas novas,
e nisso os trabalhos se diferenciam.
A mistura constante de materiais ajuda nesse processo,
pois utilizo cada um deles para algo específico.



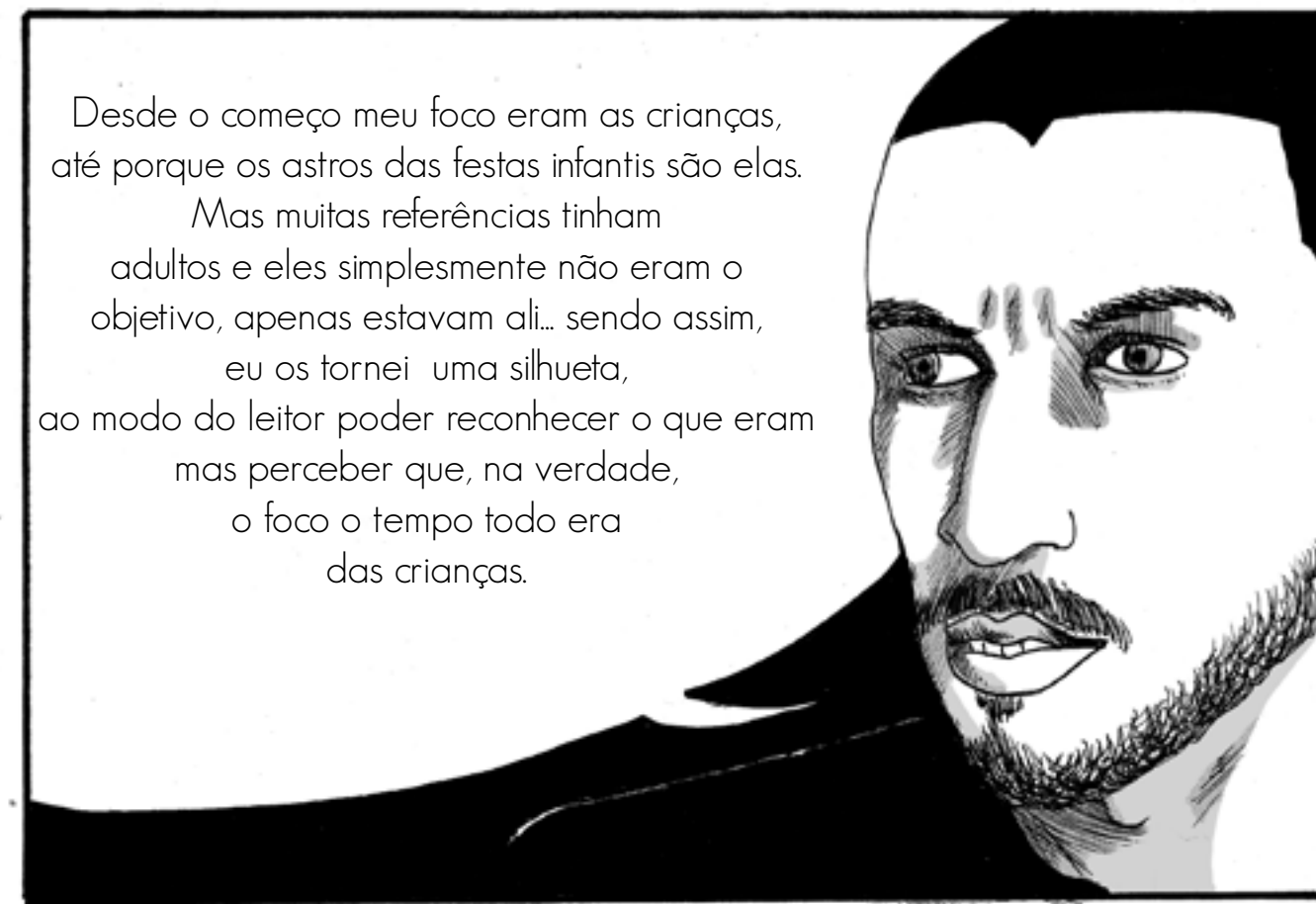
Mas as canetinhas continuam sendo seu material preferido, certo?



Sim. Eu criei todo um repertório com as canetas e pratiquei muito para isto. Paralelamente utilizo outros materiais, mas sempre como complemento do trabalho feito com as canetas, com o objetivo de adicionar a elas e não supri-las.

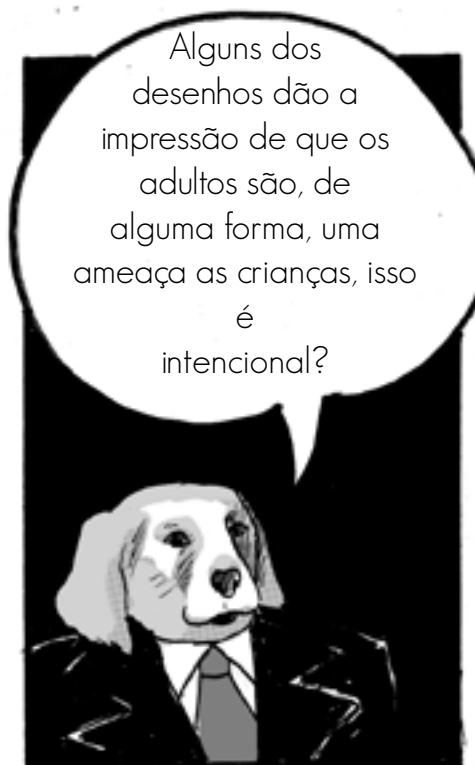


E essa característica de excluir os adultos e focar as crianças, como você pensou nisso?

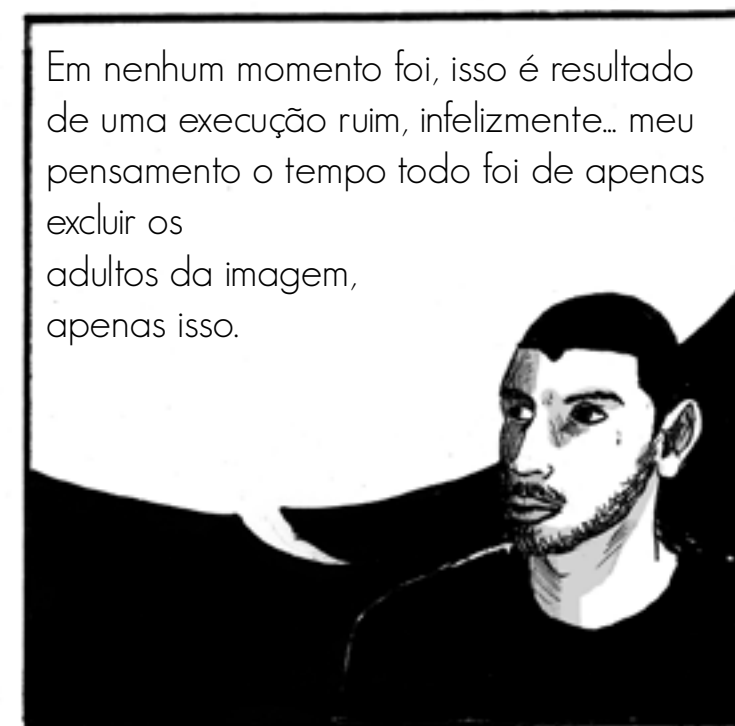


Desde o começo meu foco eram as crianças, até porque os astros das festas infantis são elas.

Mas muitas referências tinham adultos e eles simplesmente não eram o objetivo, apenas estavam ali... sendo assim, eu os tornei uma silhueta, ao modo do leitor poder reconhecer o que eram mas perceber que, na verdade, o foco o tempo todo era das crianças.



Alguns dos desenhos dão a impressão de que os adultos são, de alguma forma, uma ameaça as crianças, isso é intencional?

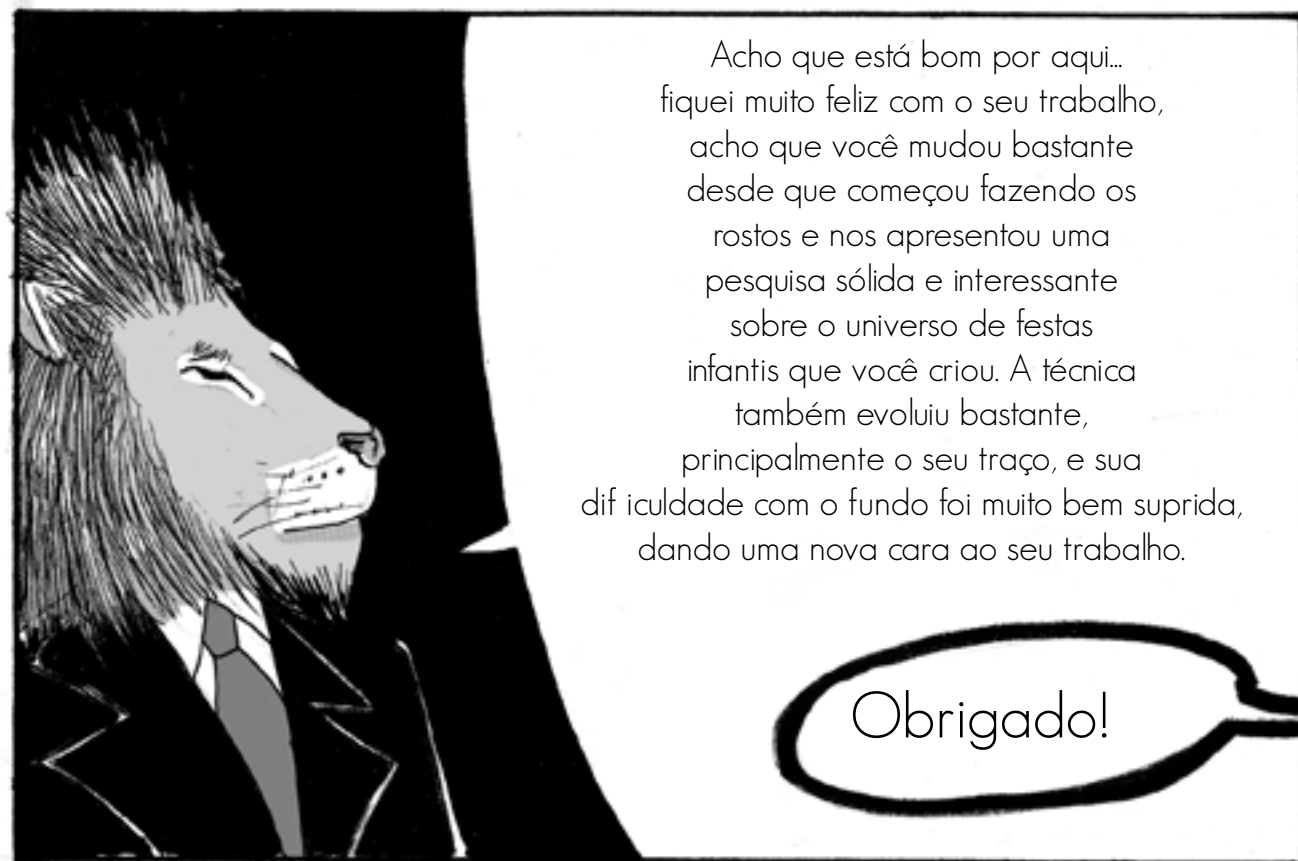


Em nenhum momento foi, isso é resultado de uma execução ruim, infelizmente... meu pensamento o tempo todo foi de apenas excluir os adultos da imagem, apenas isso.



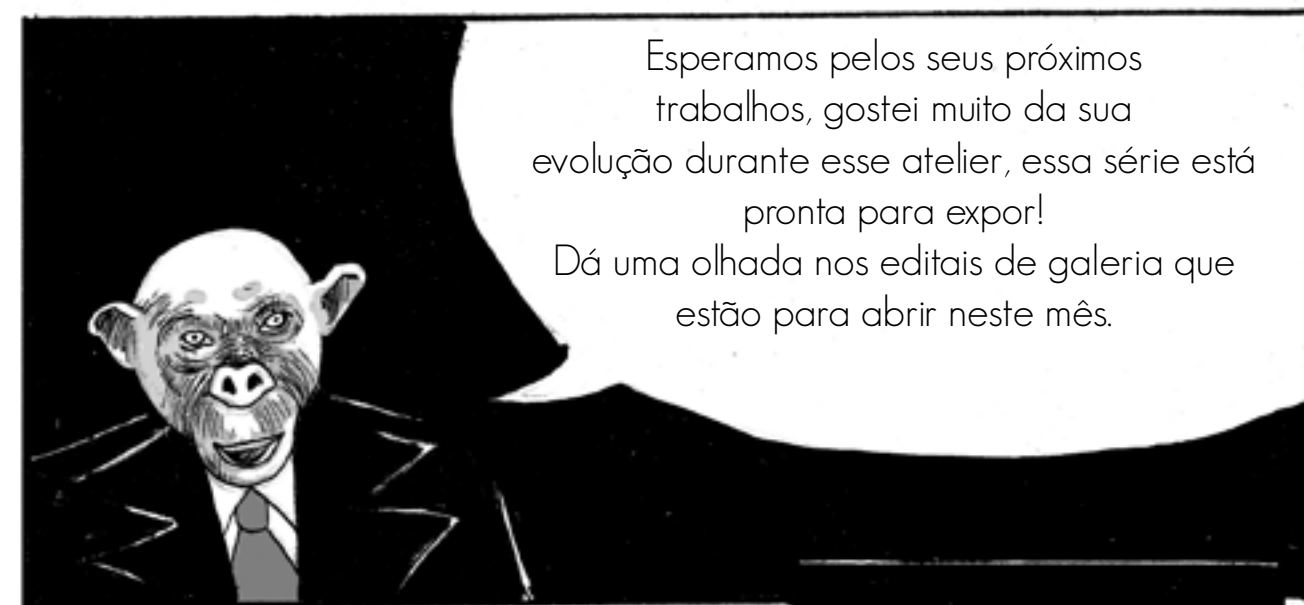
Os momentos estão bastante variados também, acho que, de alguma forma, você conseguiu o objetivo de ilustrar as memórias que tinha das festas, sem cair no lado comum de transformar as crianças em pessoas fofas, bonitinhas e sem malícia.

A questão da personalidade das crianças é interessante, pois os trabalhos coincidiram um pouco com o tempo que dei aula, e passei a perceber nas próprias fotos, que são referência, os momentos em que as crianças estão mais maldosas, espertas, etc.



Acho que está bom por aqui... fiquei muito feliz com o seu trabalho, acho que você mudou bastante desde que começou fazendo os rostos e nos apresentou uma pesquisa sólida e interessante sobre o universo de festas infantis que você criou. A técnica também evoluiu bastante, principalmente o seu traço, e sua dificuldade com o fundo foi muito bem suprida, dando uma nova cara ao seu trabalho.

Obrigado!

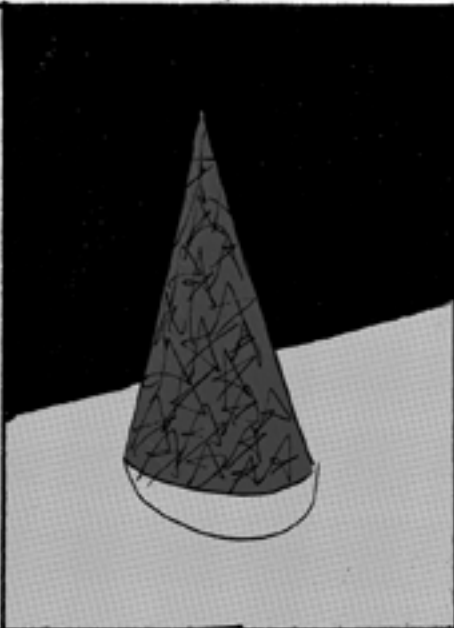
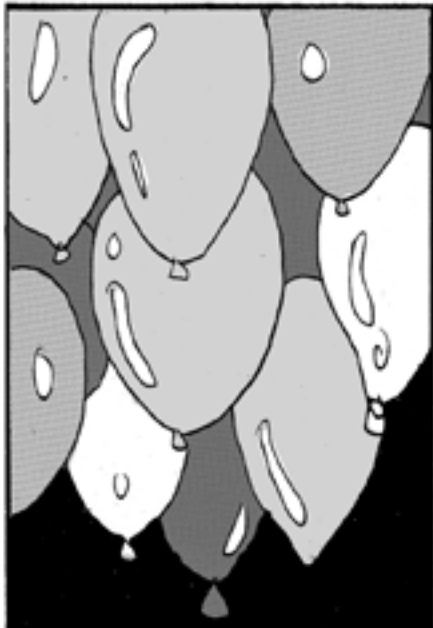


Esperamos pelos seus próximos trabalhos, gostei muito da sua evolução durante esse atelier, essa série está pronta para expor! Dá uma olhada nos editais de galeria que estão para abrir neste mês.



Obrigado pela dica, vou conferir.

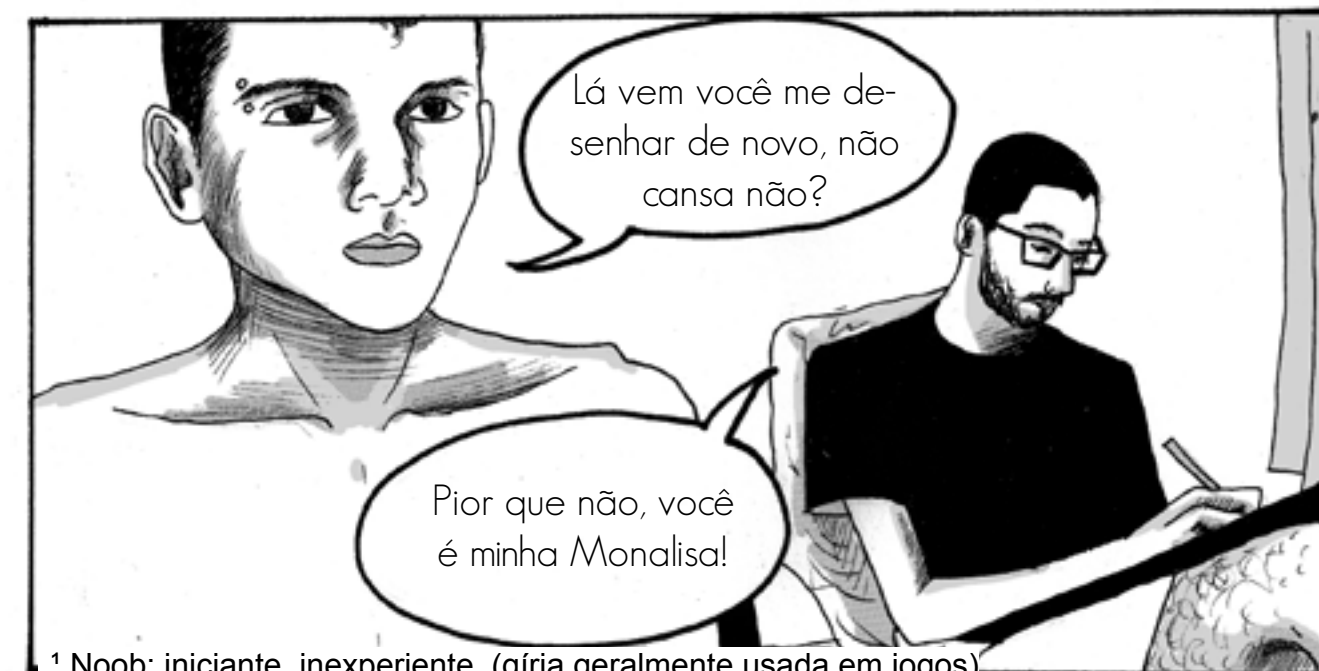
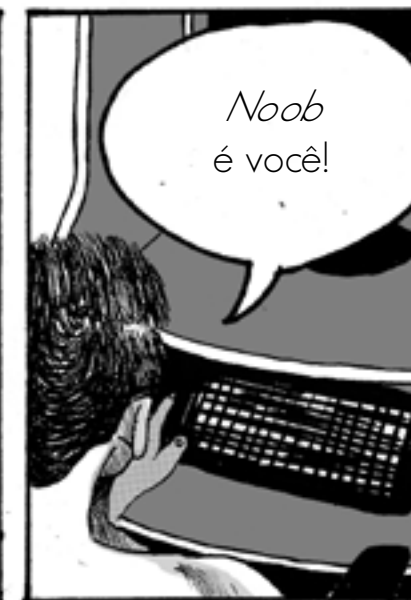
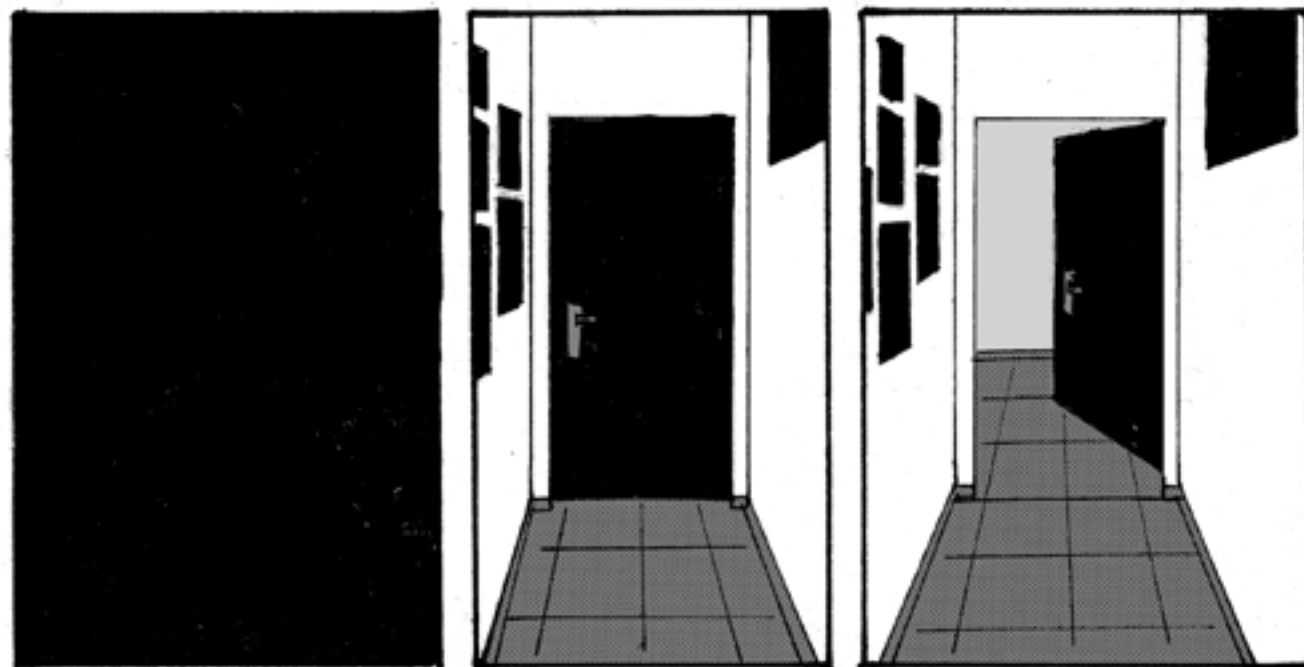
Meu herói !





Capítulo 4

Sobre pessoas lombradas
e futuro cabuloso



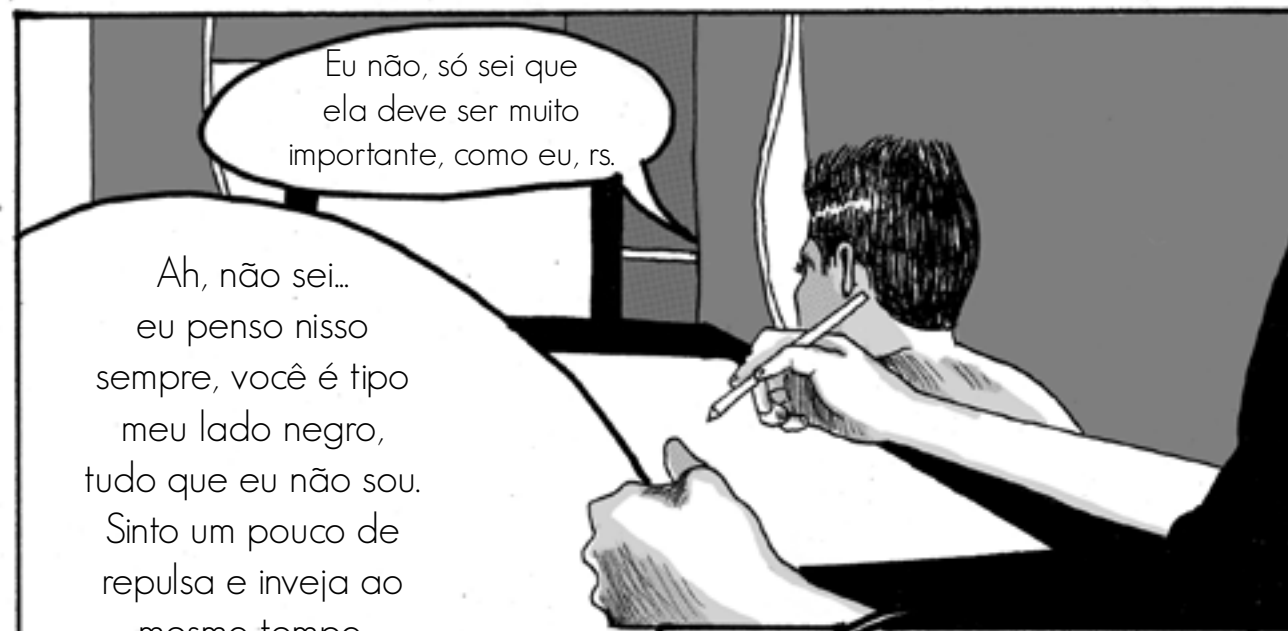
¹ Noob: iniciante, inexperiente. (gíria geralmente usada em jogos)



Sai fora!
Quem é essa?

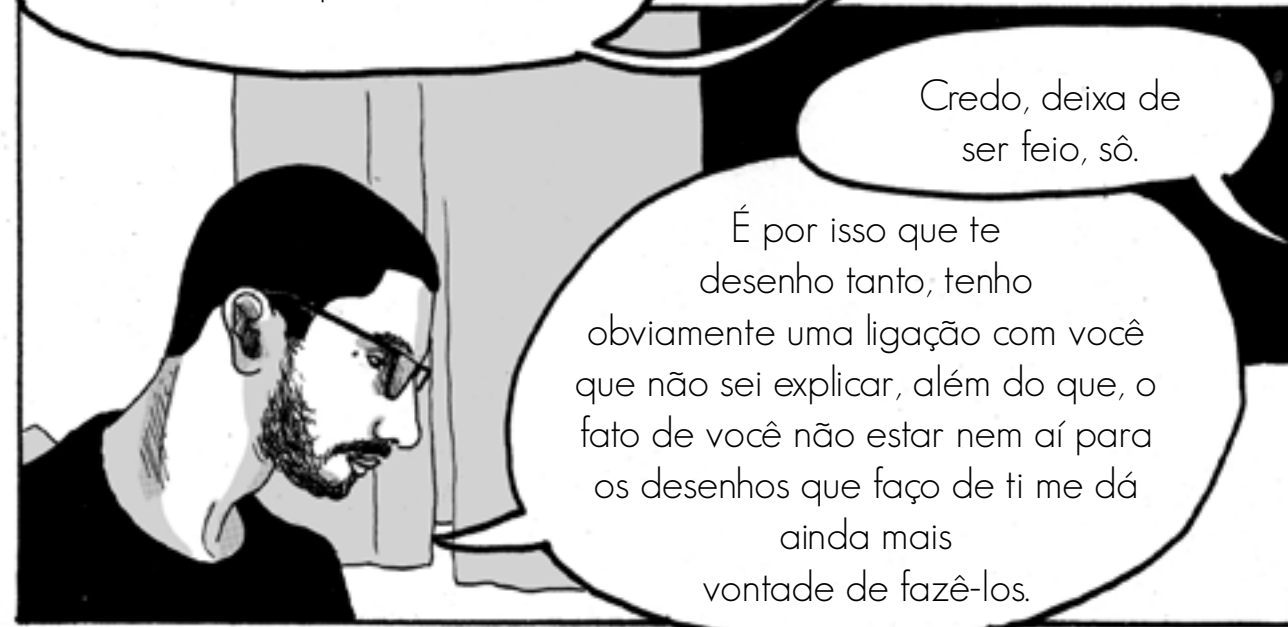


Não sabe? Puts,
olha no *google*
aí.



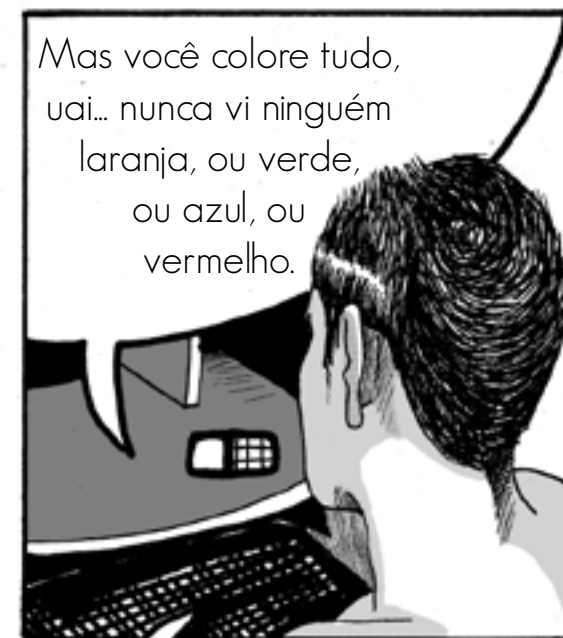
Eu não, só sei que
ela deve ser muito
importante, como eu, rs.

Ah, não sei...
eu penso nisso
sempre, você é tipo
meu lado negro,
tudo que eu não sou.
Sinto um pouco de
repulsa e inveja ao
mesmo tempo.

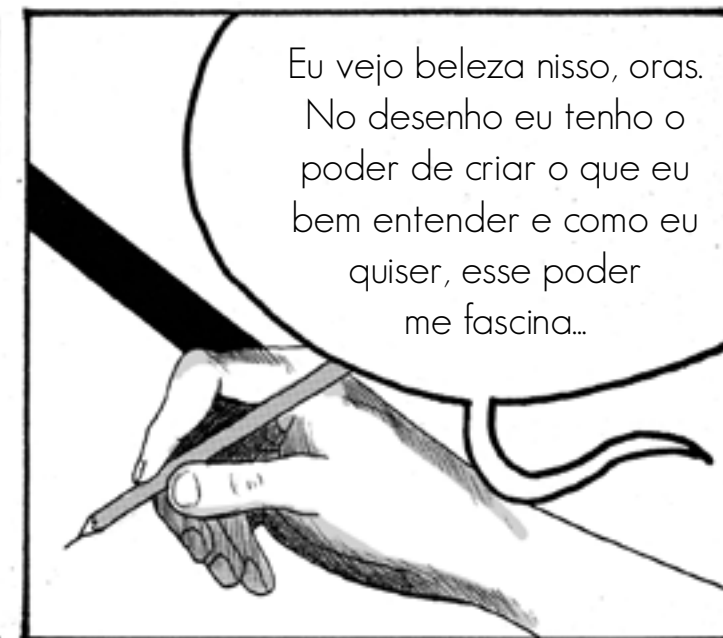


Credo, deixa de
ser feio, sô.

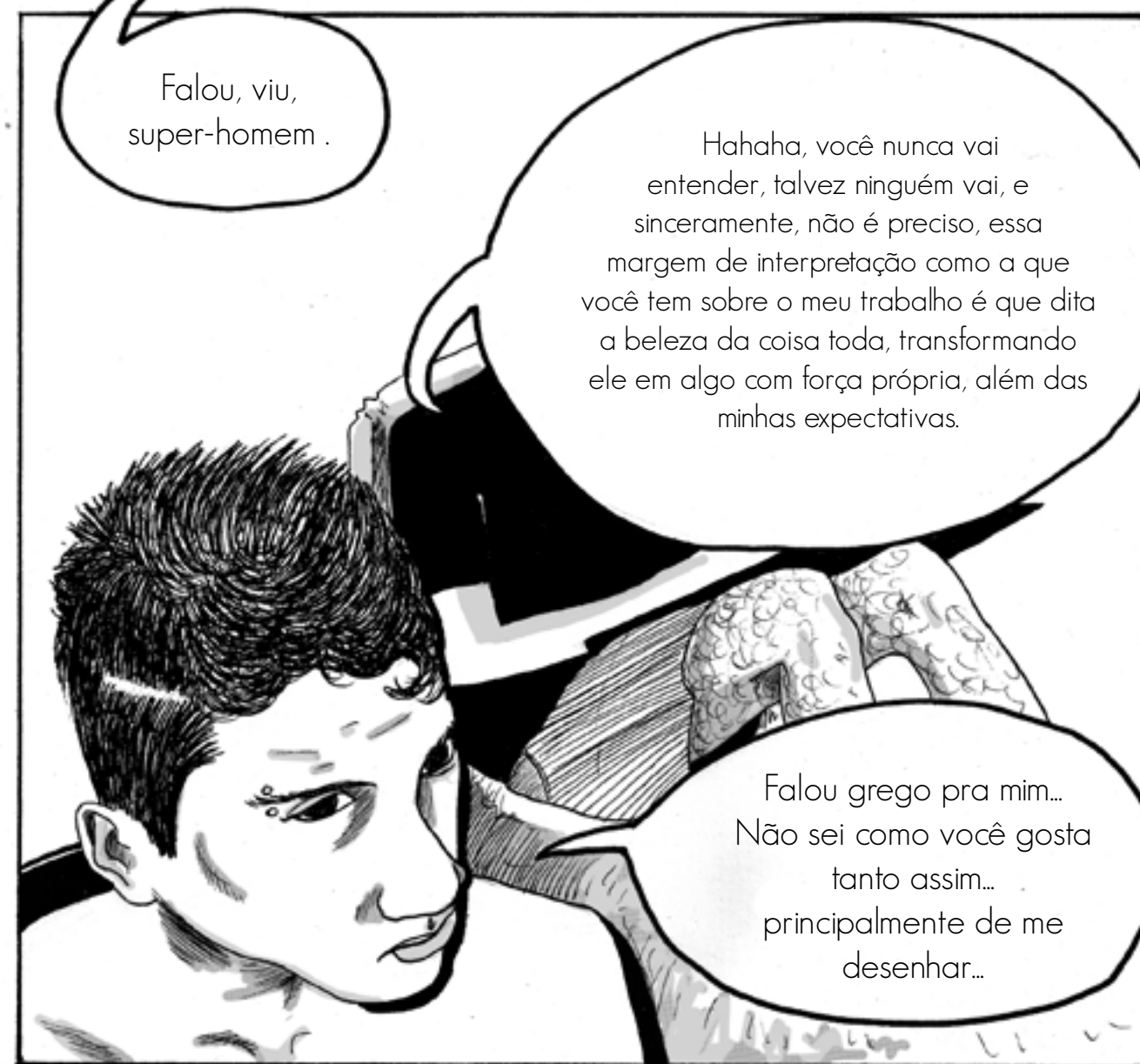
É por isso que te
desenho tanto, tenho
obviamente uma ligação com você
que não sei explicar, além do que, o
fato de você não estar nem aí para
os desenhos que faço de ti me dá
ainda mais
vontade de fazê-los.



Mas você colore tudo,
uai... nunca vi ninguém
laranja, ou verde,
ou azul, ou
vermelho.



Eu vejo beleza nisso, oras.
No desenho eu tenho o
poder de criar o que eu
bem entender e como eu
quiser, esse poder
me fascina...



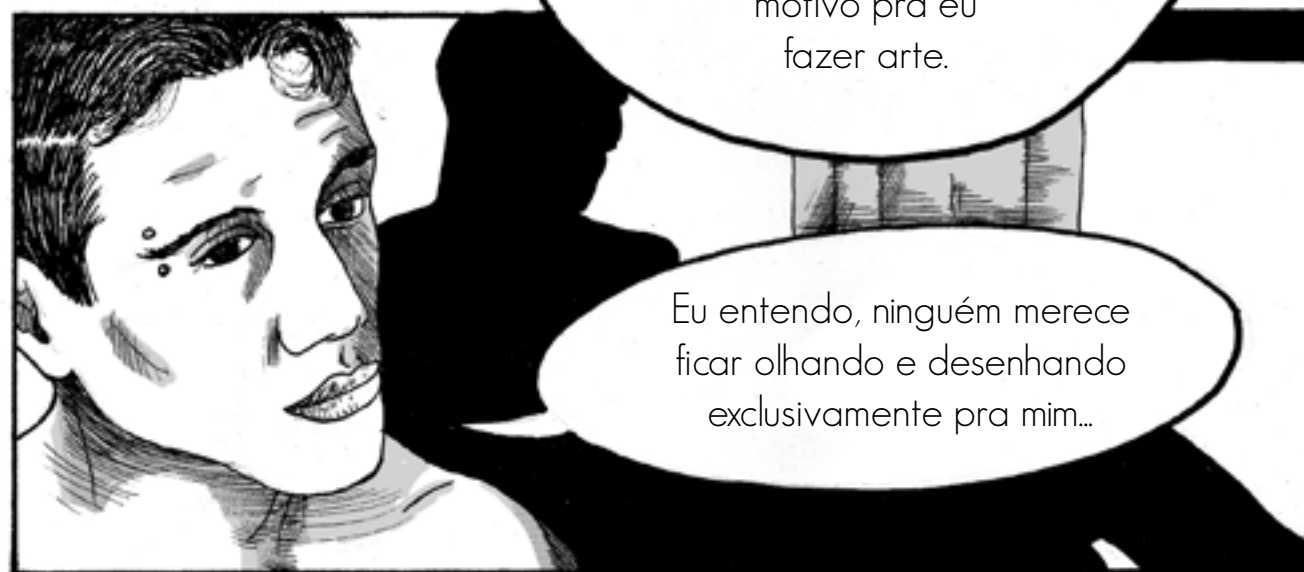
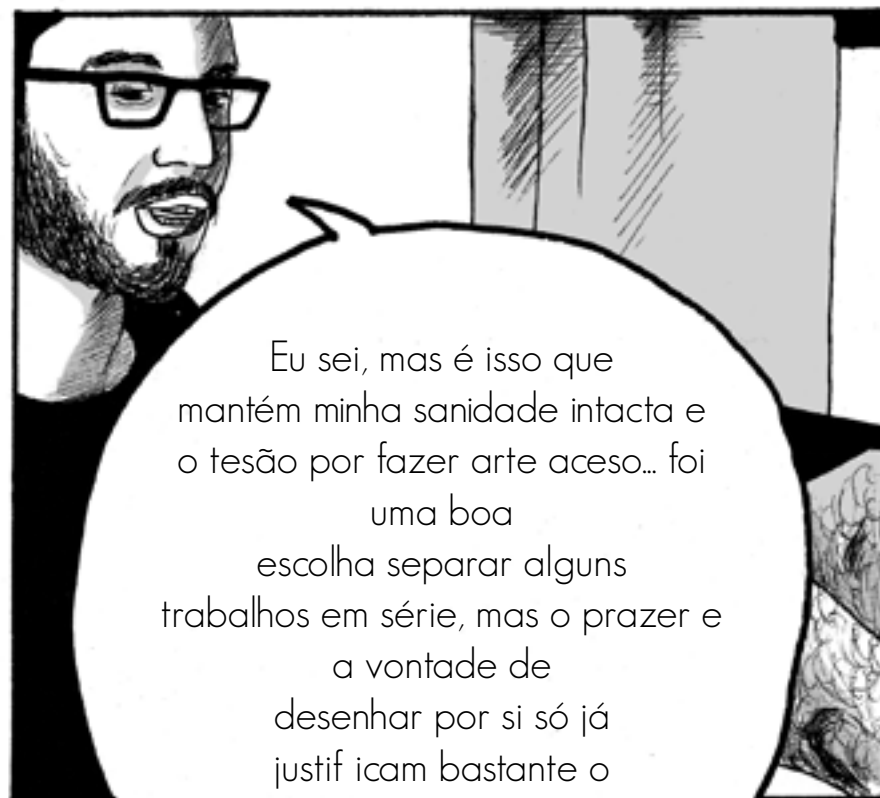
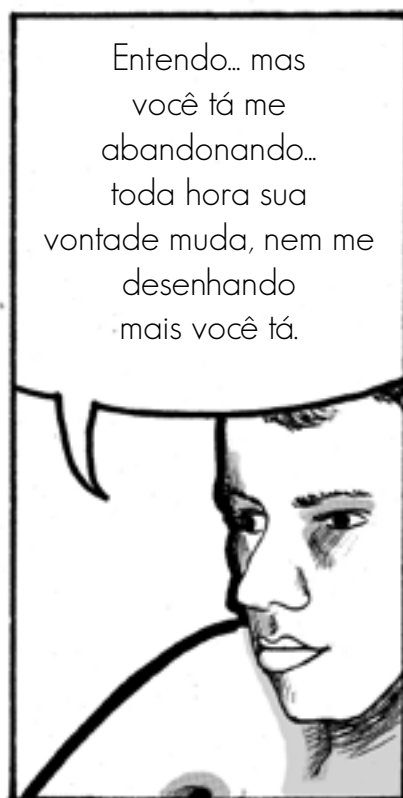
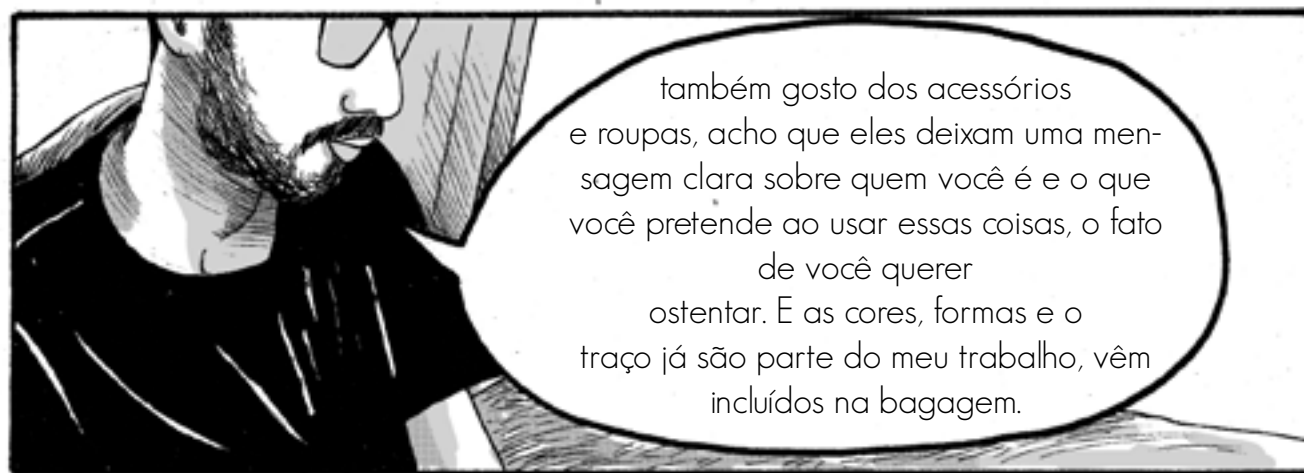
Falou, viu,
super-homem .

Hahaha, você nunca vai
entender, talvez ninguém vai, e
sinceramente, não é preciso, essa
margem de interpretação como a que
você tem sobre o meu trabalho é que dita
a beleza da coisa toda, transformando
ele em algo com força própria, além das
minhas expectativas.

Falou grego pra mim...
Não sei como você gosta
tanto assim...
principalmente de me
desenhar...







Que... surpresa! Exato, e assim eu posso me dedicar a diversas ideias, e por serem minhas eu não sinto necessidade de finalizá-las, gosto de pensar que elas sempre podem ser renovadas, revisitadas, etc.



Os trabalhos que têm você como tema fazem parte deste pensamento, espero futuramente trabalhar com você de diversas maneiras, tem até aquele quadrinho baseado em você que tenho vontade de fazer.



Nó, esse ia ficar de lá, hein.

Pois é, mas por enquanto estou dando prioridade para outras coisas, como os cartazes de luta que andei desenhando.



É, eu fraguei,⁵ tão ficando legais... e tem o tele catch que minha mãe sempre fica falando, né.



Sim, haha, começou por aí, achei uma revista sobre tele catch que tinha figurinha e tudo, e decidi começar a partir dela, e como eu sempre quis trabalhar com boxe, comecei a criar outra série baseado nessas coisas...



E também percebi que você voltou a desenhar bastante nos caderninhos, tá variando muito agora, né



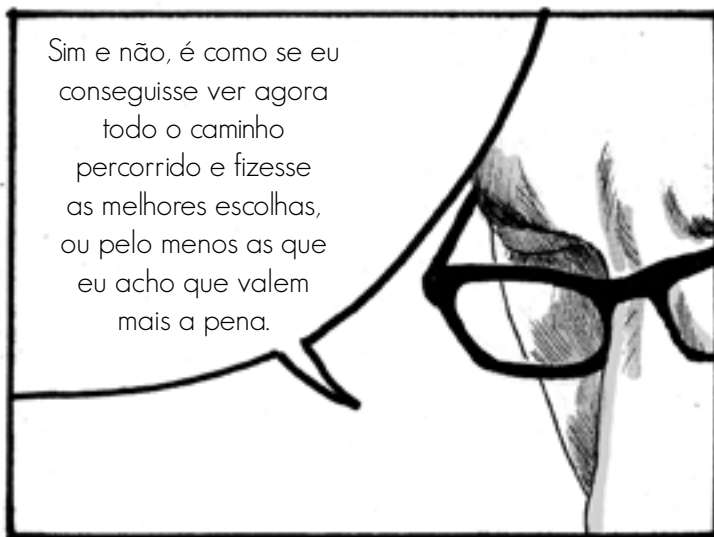
Voltei! É ótimo, desenhar por prazer, sem precisar pensar demais, só praticar... quando eu fico enjoado das coisas muito importantes, eu sempre dou uma escapulida pros cadernos...



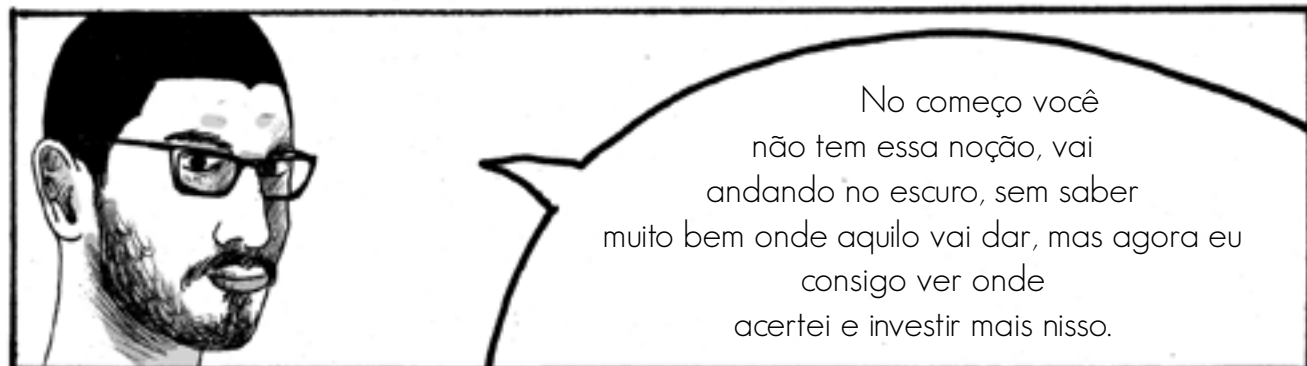
⁵fraguei: ver algo, conferir



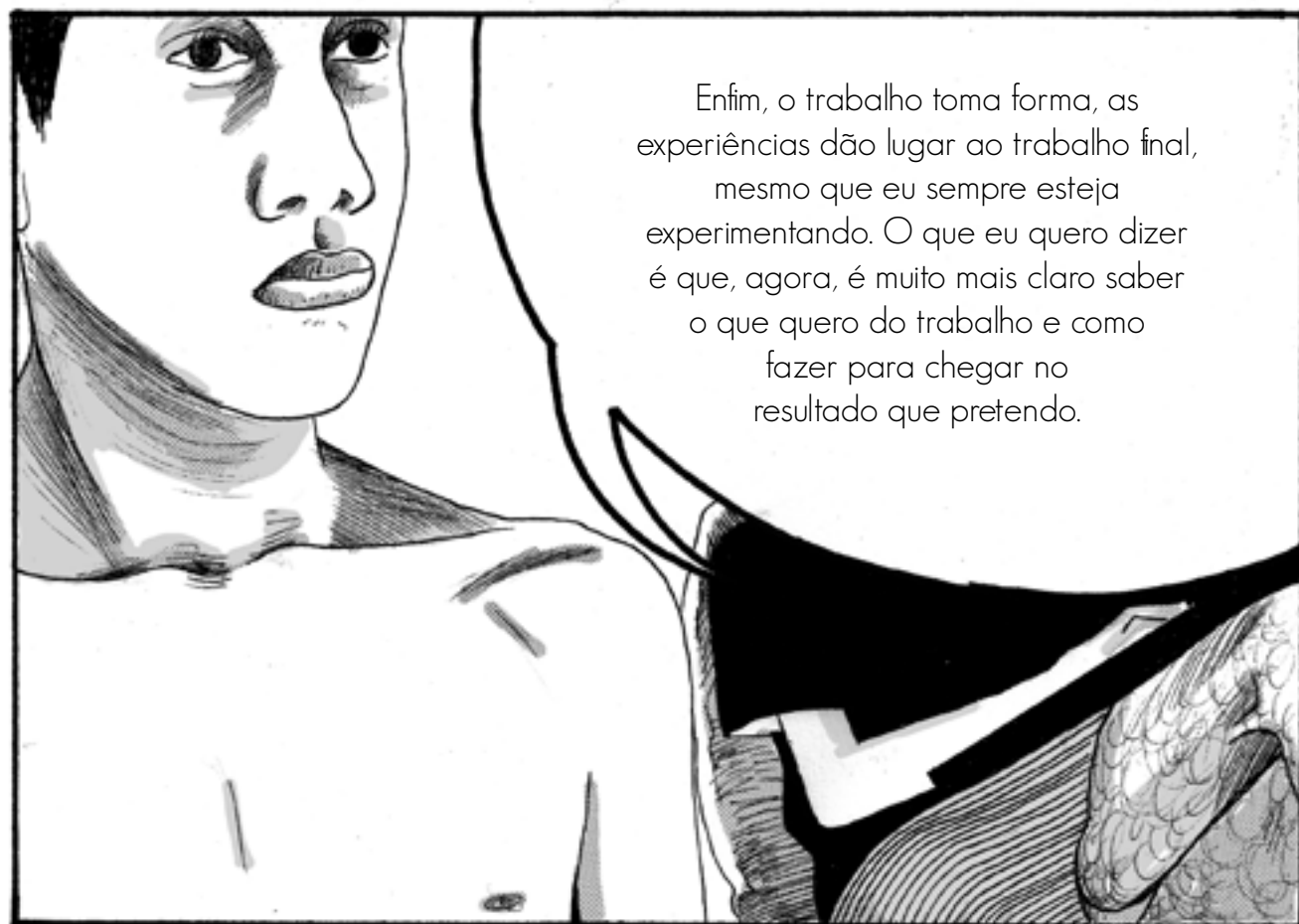
É quase como se você tivesse voltado ao começo da jornada...



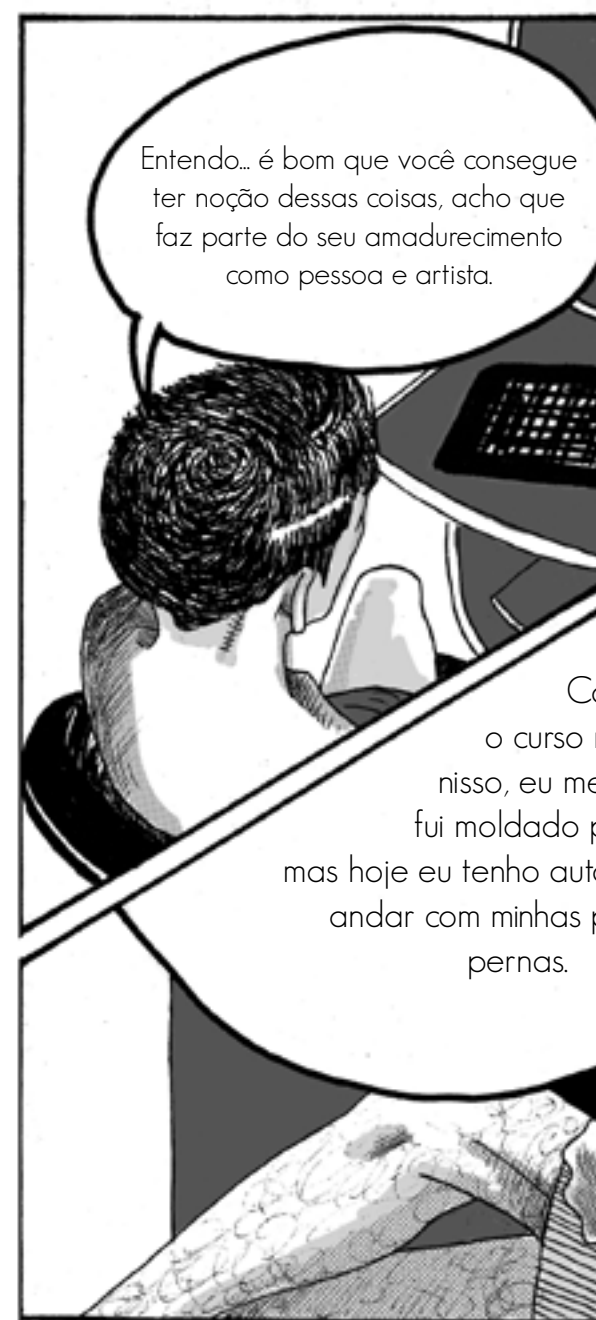
Sim e não, é como se eu conseguisse ver agora todo o caminho percorrido e fizesse as melhores escolhas, ou pelo menos as que eu acho que valem mais a pena.



No começo você não tem essa noção, vai andando no escuro, sem saber muito bem onde aquilo vai dar, mas agora eu consigo ver onde acertei e investir mais nisso.



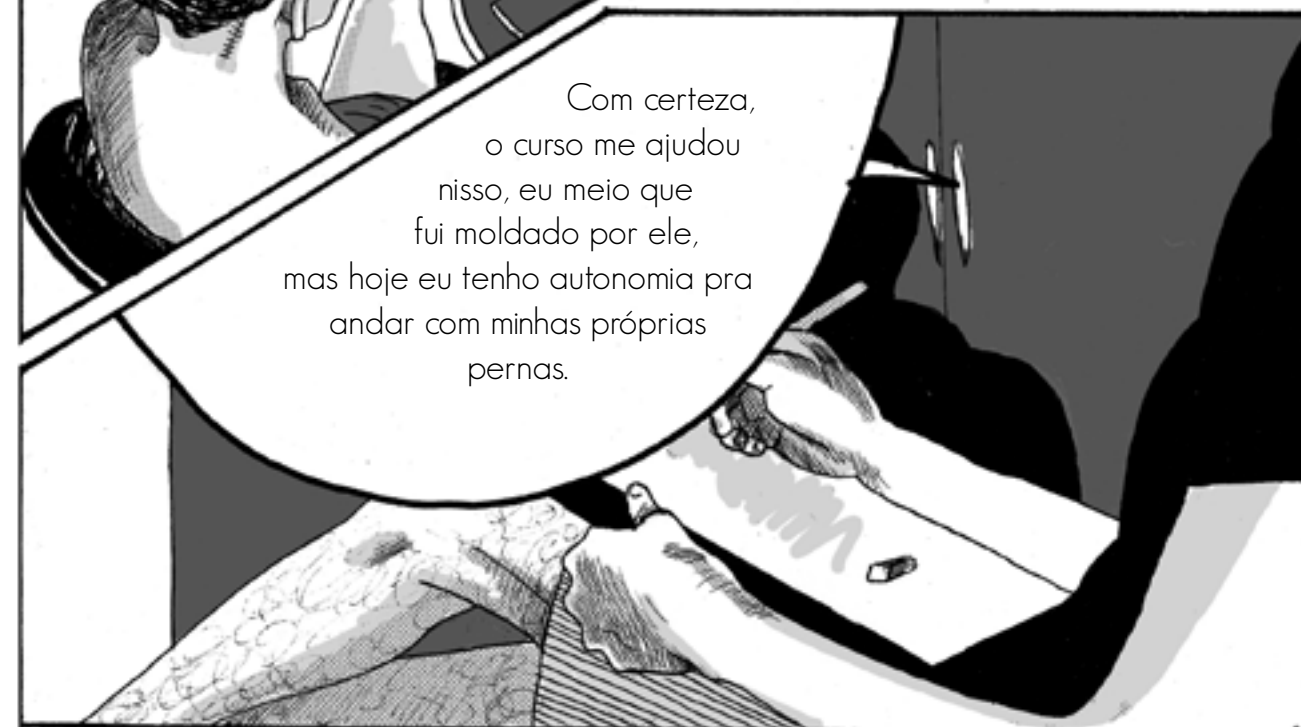
Enfim, o trabalho toma forma, as experiências dão lugar ao trabalho final, mesmo que eu sempre esteja experimentando. O que eu quero dizer é que, agora, é muito mais claro saber o que quero do trabalho e como fazer para chegar no resultado que pretendo.



Entendo... é bom que você consegue ter noção dessas coisas, acho que faz parte do seu amadurecimento como pessoa e artista.



Como tá falando bonito esse menino, gente, haha.



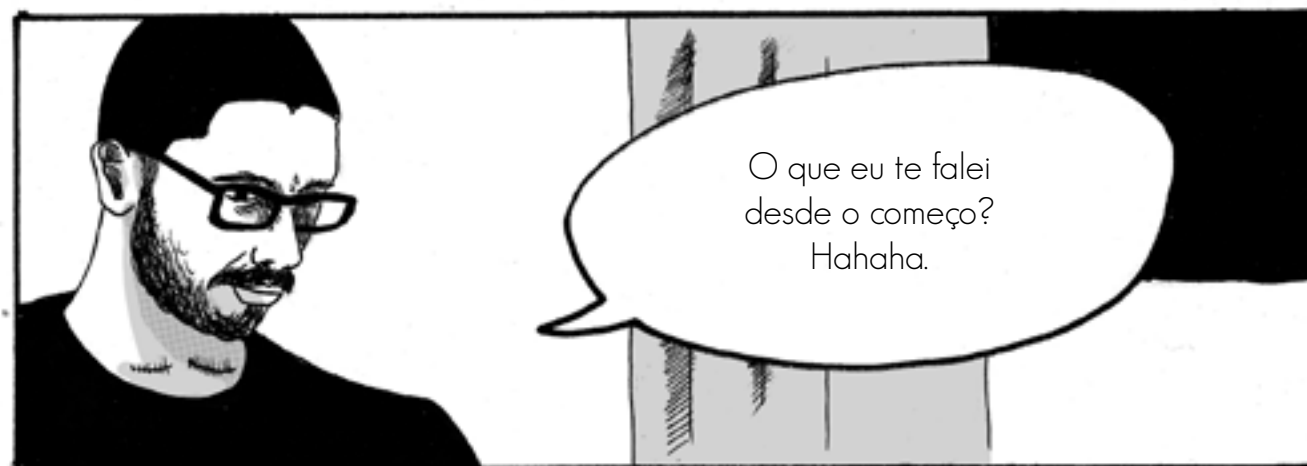
Com certeza, o curso me ajudou nisso, eu meio que fui moldado por ele, mas hoje eu tenho autonomia pra andar com minhas próprias pernas.



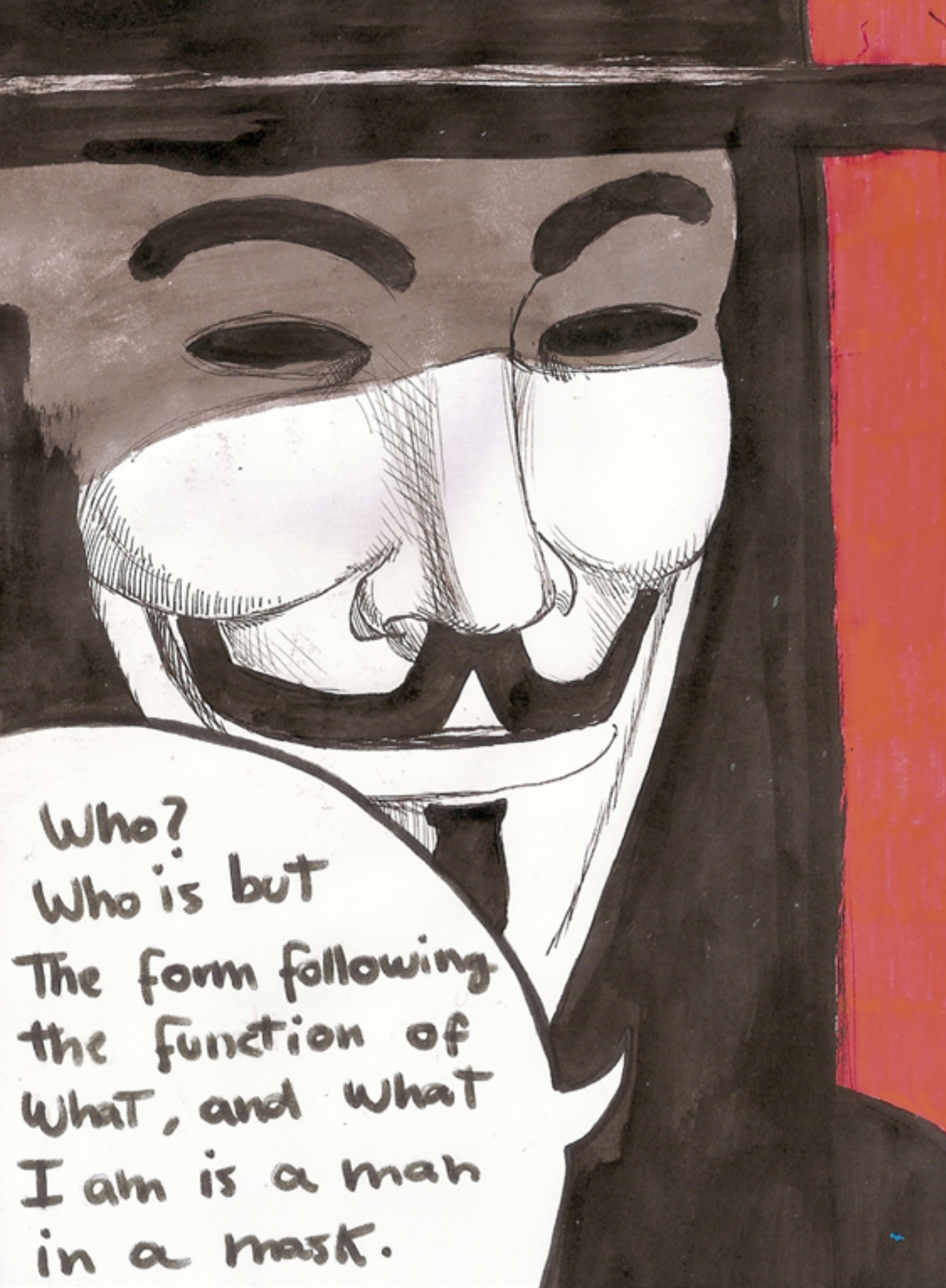
Bom, parece que você tem tudo acertado, então...



Nem tudo... mas vou acertando no caminho, como aconteceu até agora.



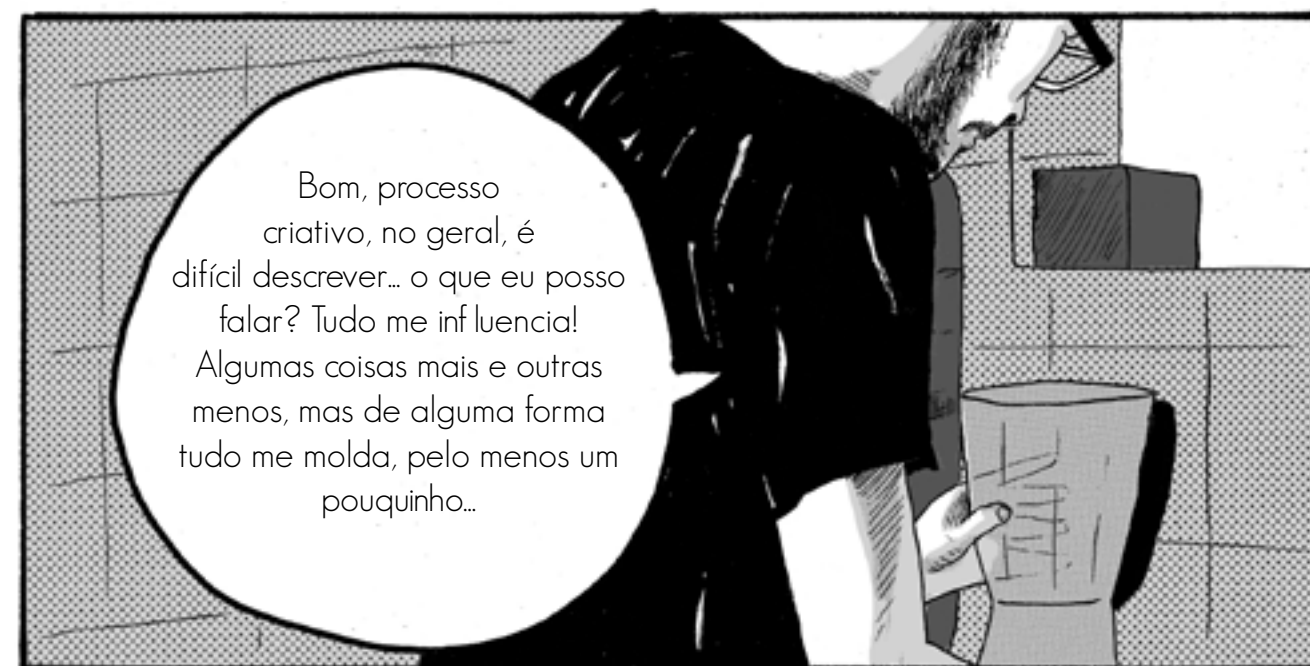
Quem
apagou
a luz?



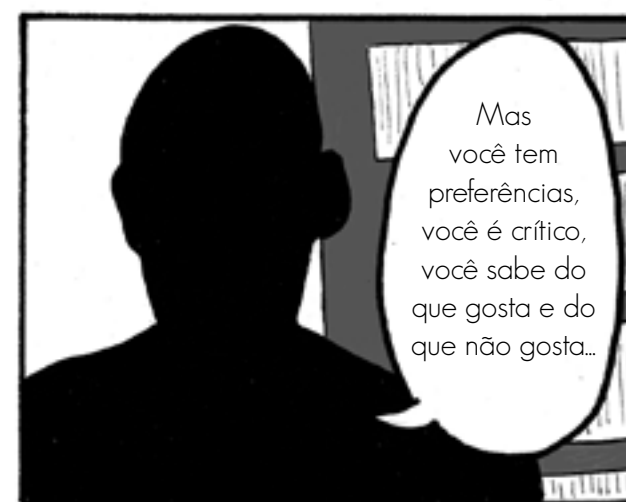


Processo criativo?
É fácil! É só pegar todos
os livros, filmes, quadrinhos
e álbuns que eu gosto, colocar no
liquidificador e *vualá!*

Não, é sério, cara, haha.
Como acontece o processo criativo
pra você? Quem te inspira?



Bom, processo
criativo, no geral, é
difícil descrever... o que eu posso
falar? Tudo me influencia!
Algumas coisas mais e outras
menos, mas de alguma forma
tudo me molda, pelo menos um
pouquinho...



Mas
você tem
preferências,
você é crítico,
você sabe do
que gosta e do
que não gosta...

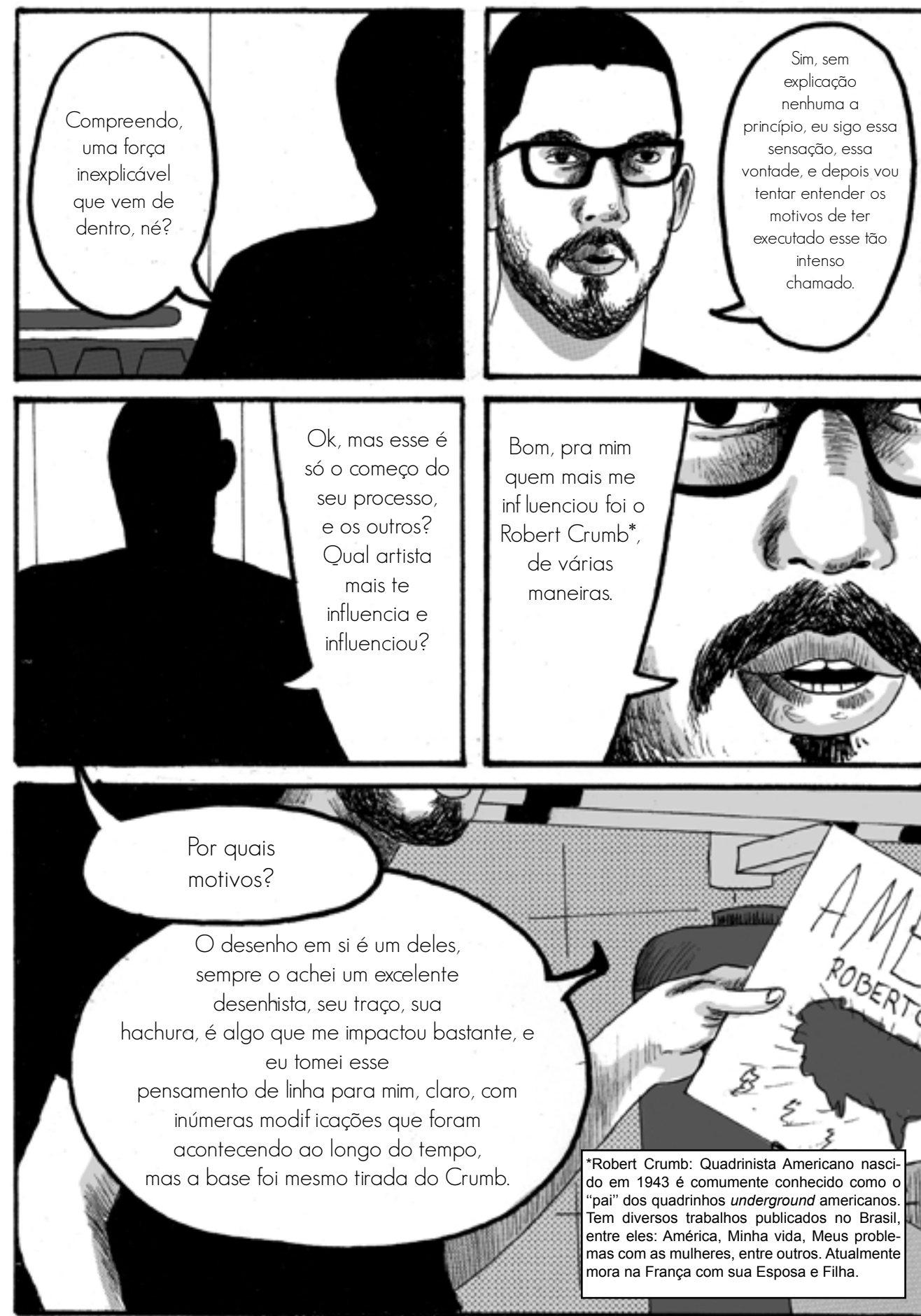


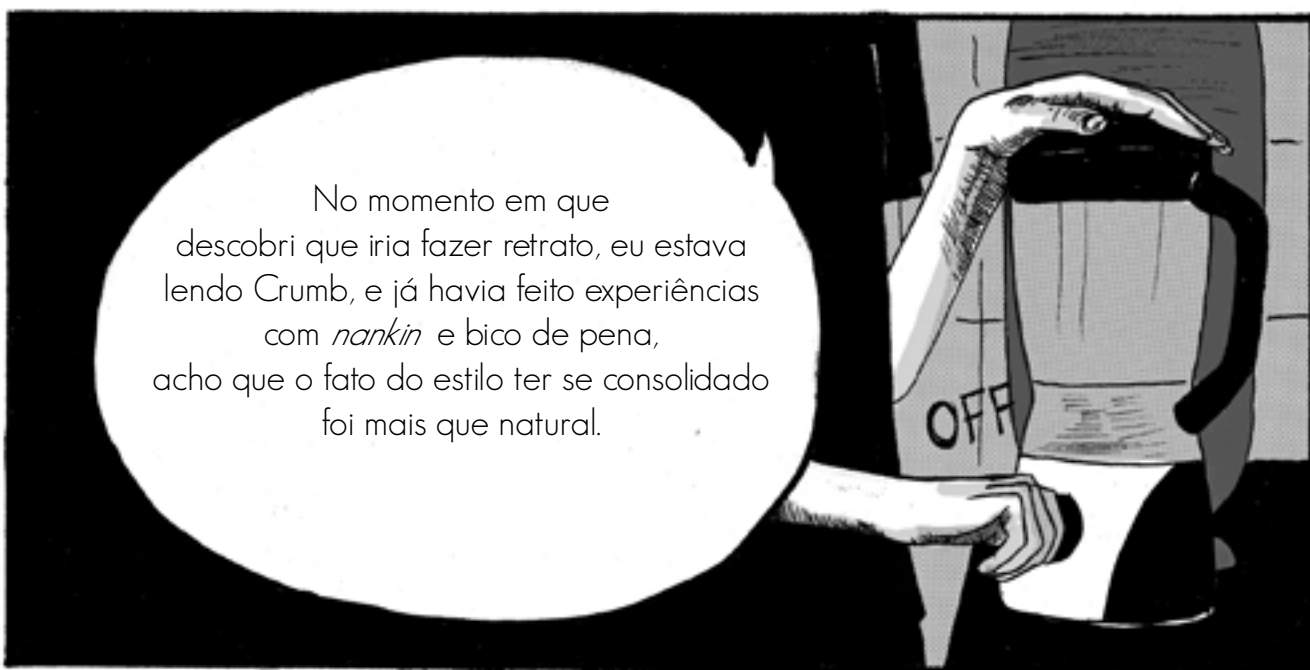
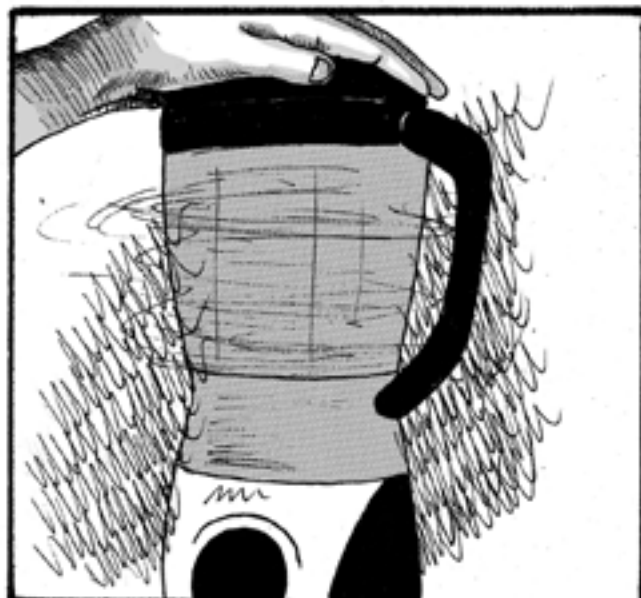
É
verdade...
vamos dizer que
o berço de tudo
é a cultura de
massa,
em geral.



Eu capto
ideias muito
ocasionalmente e sempre
quando acontece é algo
próximo de um *insight*, ela
vem forte,
estruturada, pronta para ser
posta em prática.

Hum, continue...

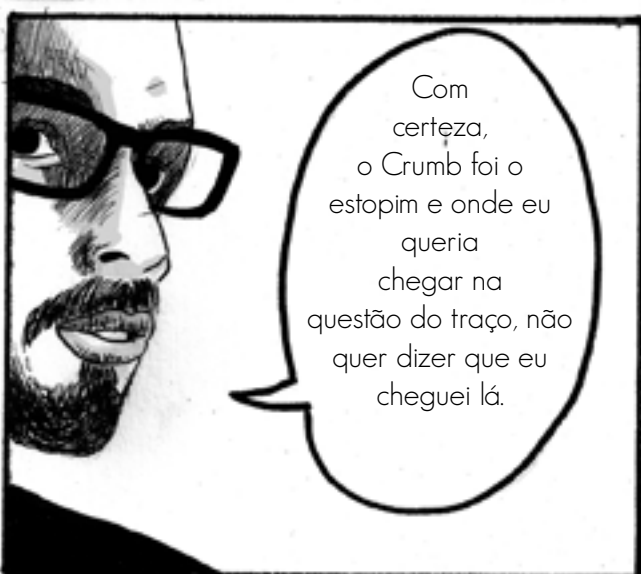




No momento em que descobri que iria fazer retrato, eu estava lendo Crumb, e já havia feito experiências com *nankin* e bico de pena, acho que o fato do estilo ter se consolidado foi mais que natural.



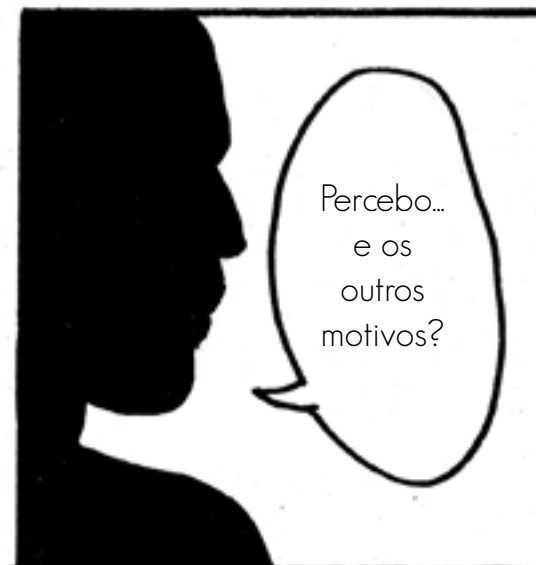
Mas como você pontuou, existem modificações no seu estilo. Me explique.



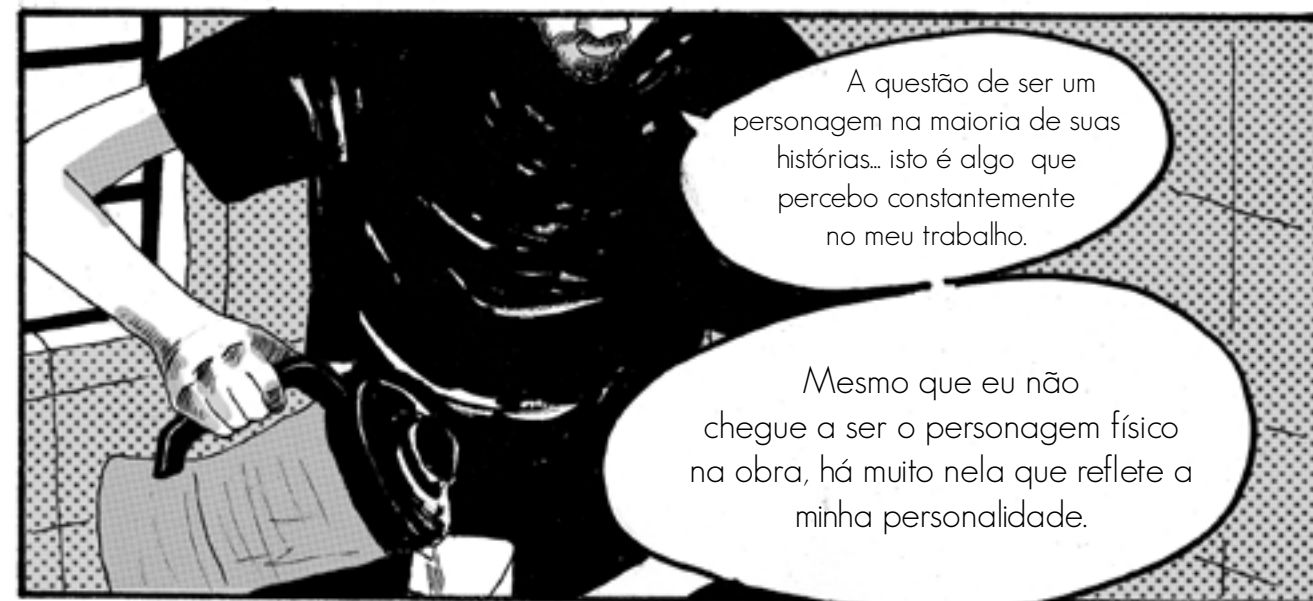
Com certeza, o Crumb foi o estopim e onde eu queria chegar na questão do traço, não quer dizer que eu cheguei lá.



Meu estilo é mais limpo e agora tenho um pensamento que envolve outras questões além da hachura, como a textura e os planos. No fim das contas, o Crumb ficou sendo o Crumb e eu me tornei... Eu.

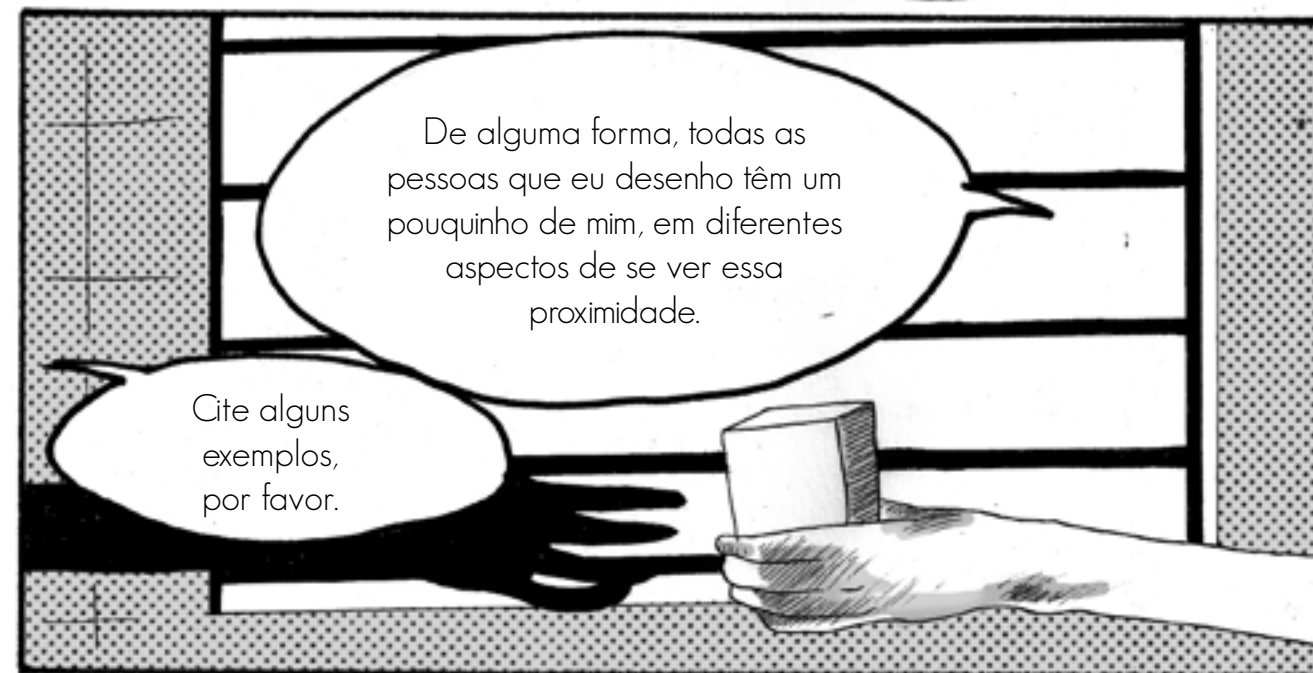


Percebo... e os outros motivos?



A questão de ser um personagem na maioria de suas histórias.. isto é algo que percebo constantemente no meu trabalho.

Mesmo que eu não chegue a ser o personagem físico na obra, há muito nela que reflete a minha personalidade.



De alguma forma, todas as pessoas que eu desenho têm um pouquinho de mim, em diferentes aspectos de se ver essa proximidade.

Cite alguns exemplos, por favor.





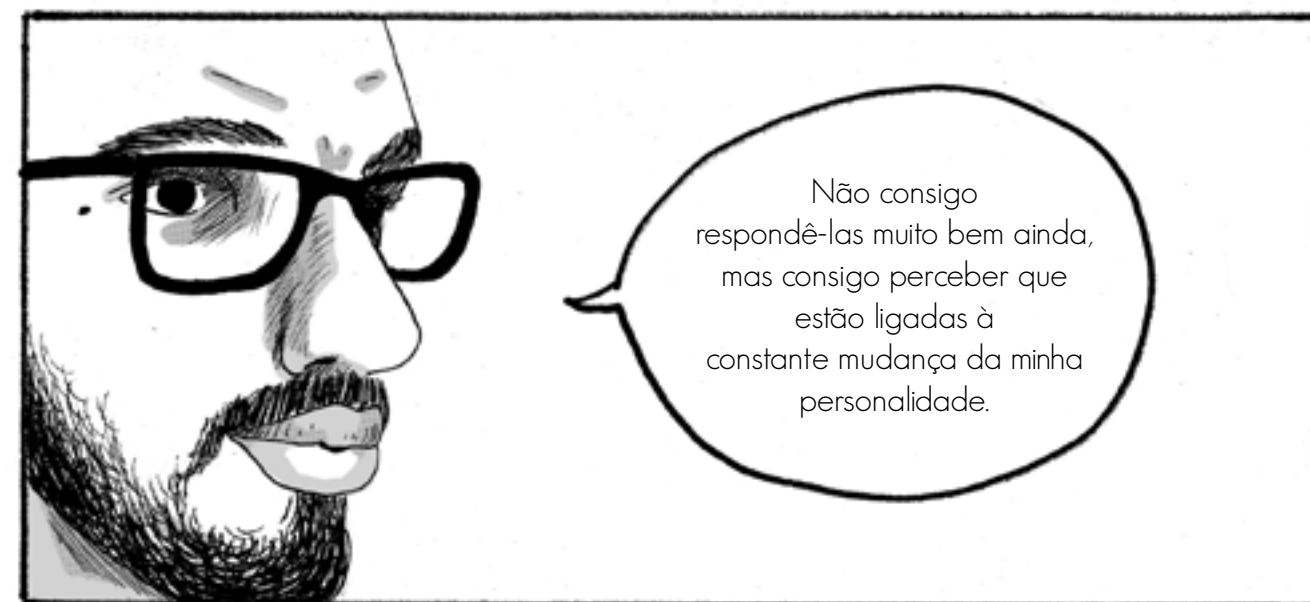
Hum, acho que temos um ponto interessante aí.

Mas neste estado atual do meu trabalho, eu "botei" a cara a tapa, assim como o Crumb, assim como tantos outros fizeram e ainda fazem nos dia de hoje.

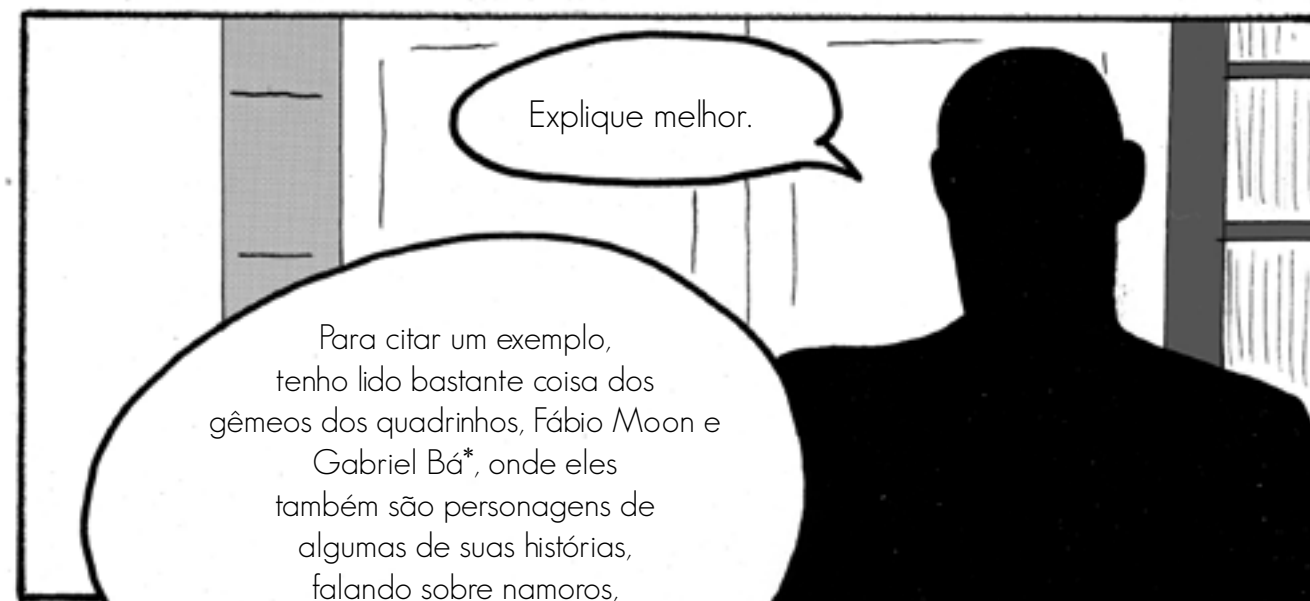


E você acha que pode vir a ser algo que ecoe futuramente? No caso, virar personagem das suas histórias, dos seus trabalhos?

Não sei ao certo, mas considerando que até agora esta é a obra da minha vida, em vários sentidos como importância, o fato de realmente ser uma pequena história da minha vida, etc. acho relevante essas questões terem vindo à tona.

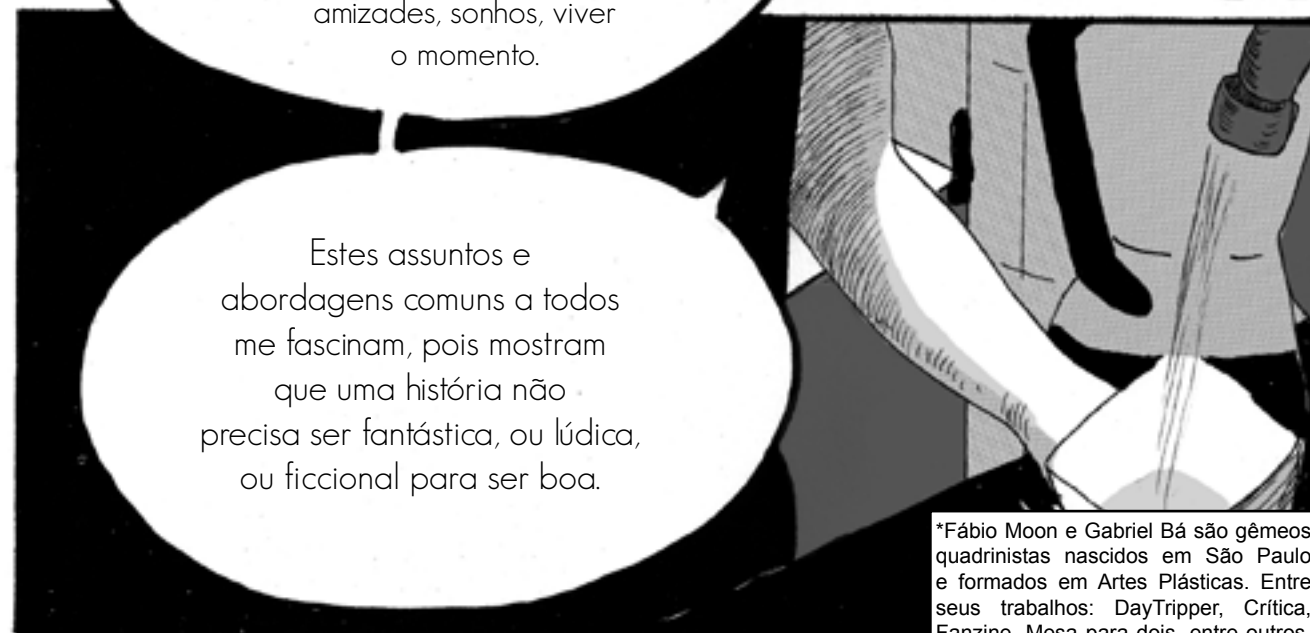


Não consigo respondê-las muito bem ainda, mas consigo perceber que estão ligadas à constante mudança da minha personalidade.



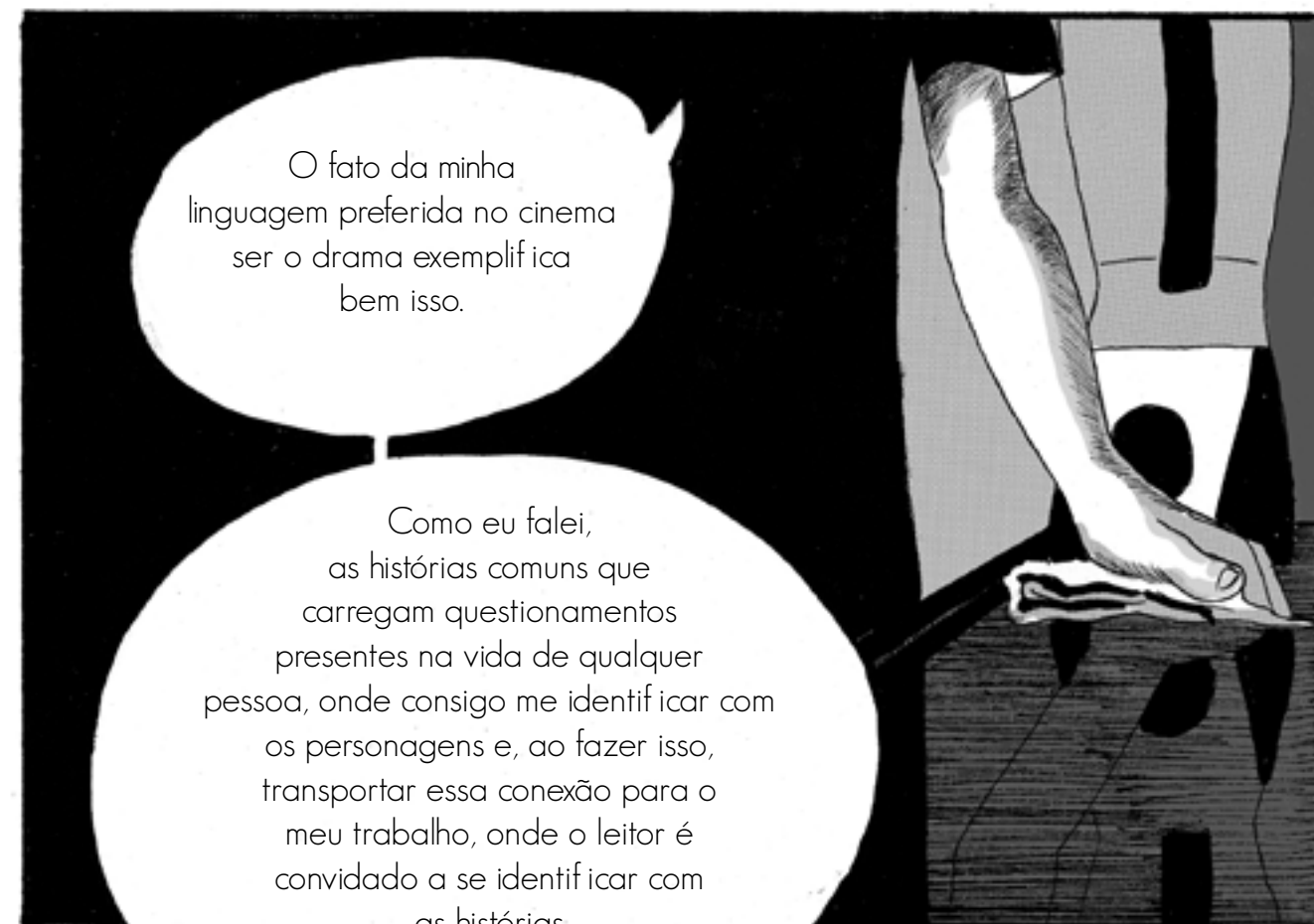
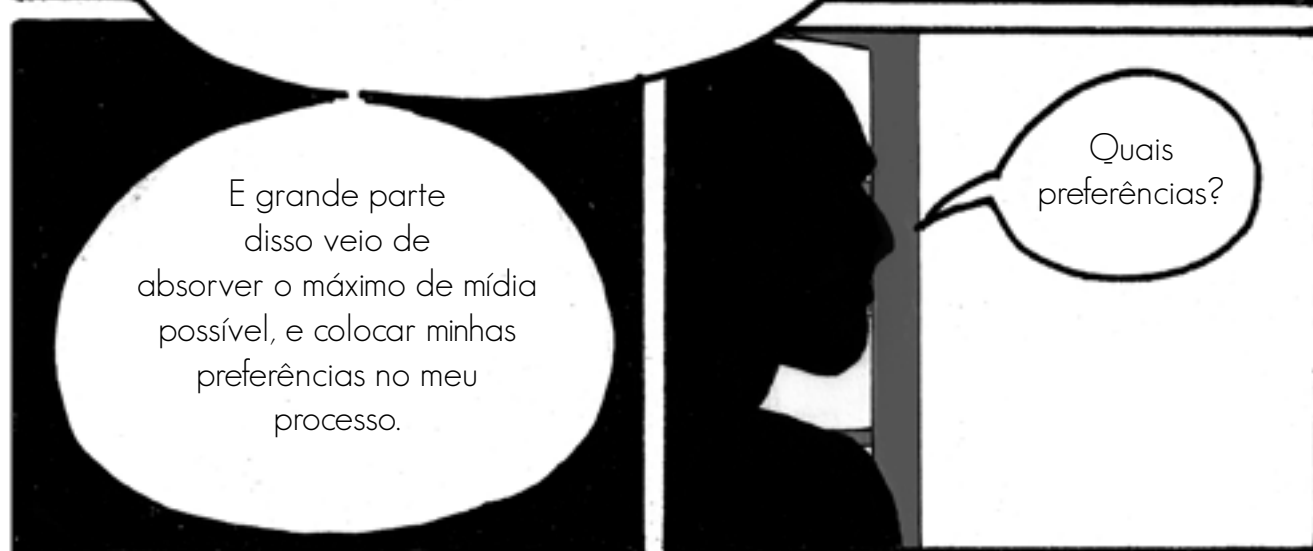
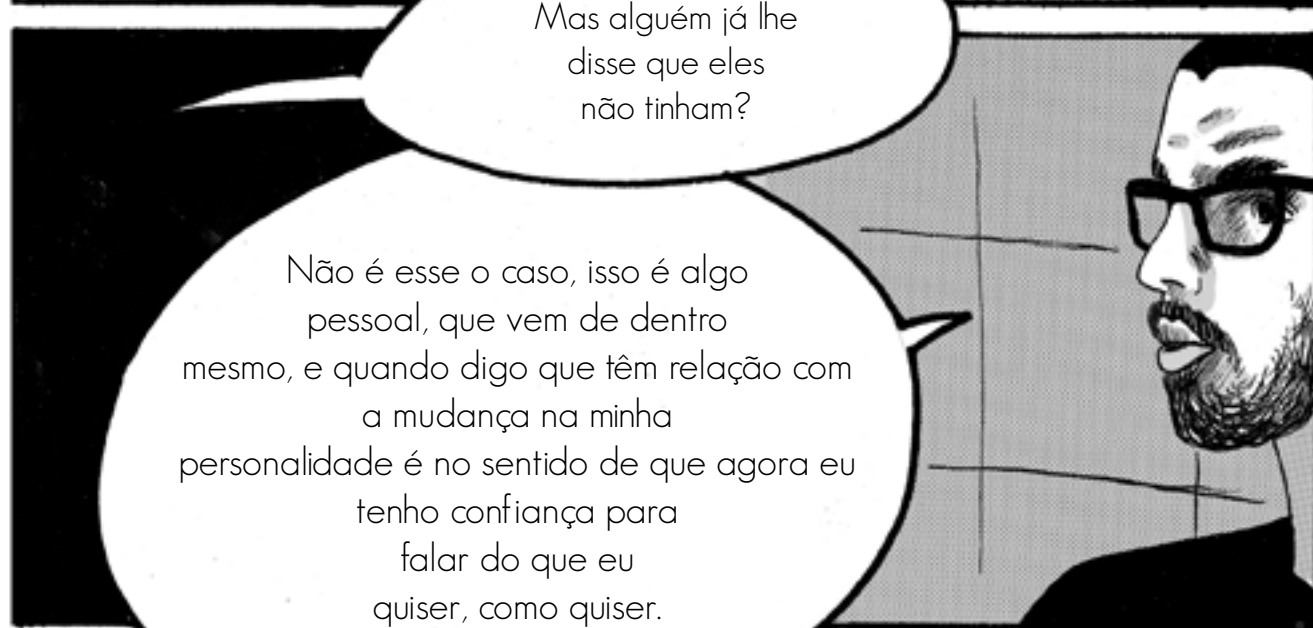
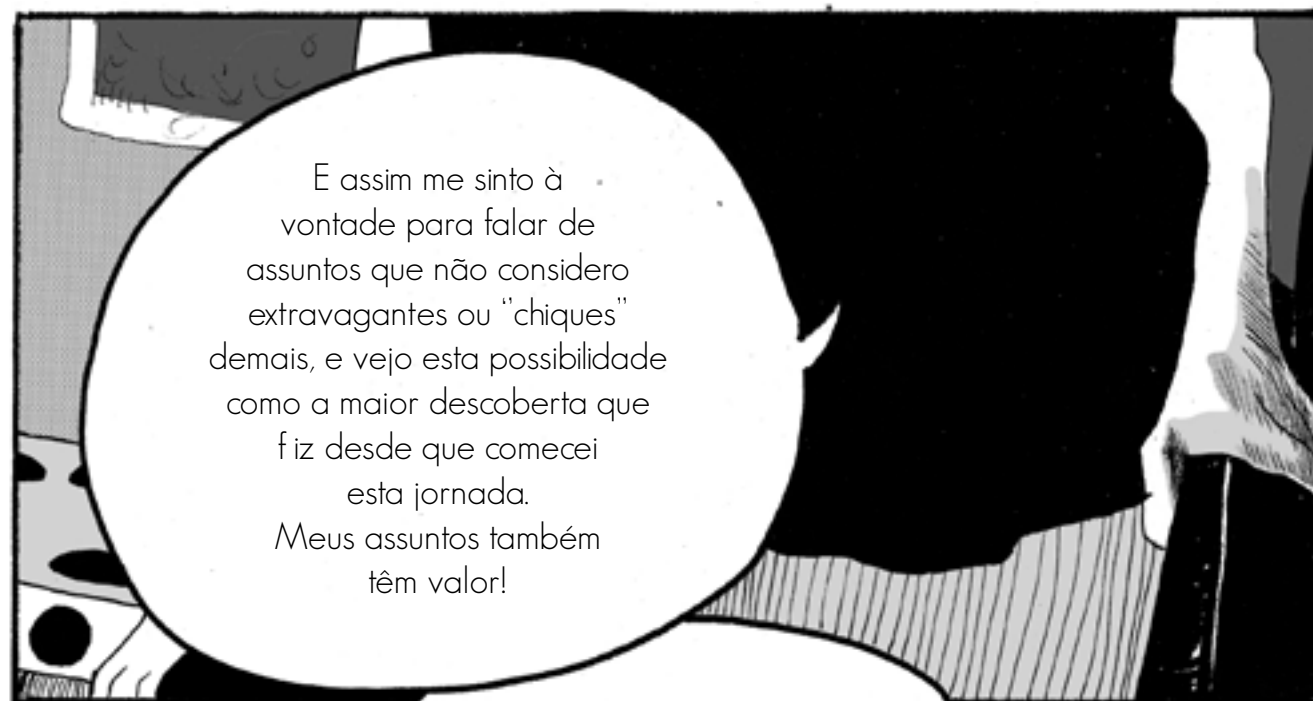
Explique melhor.

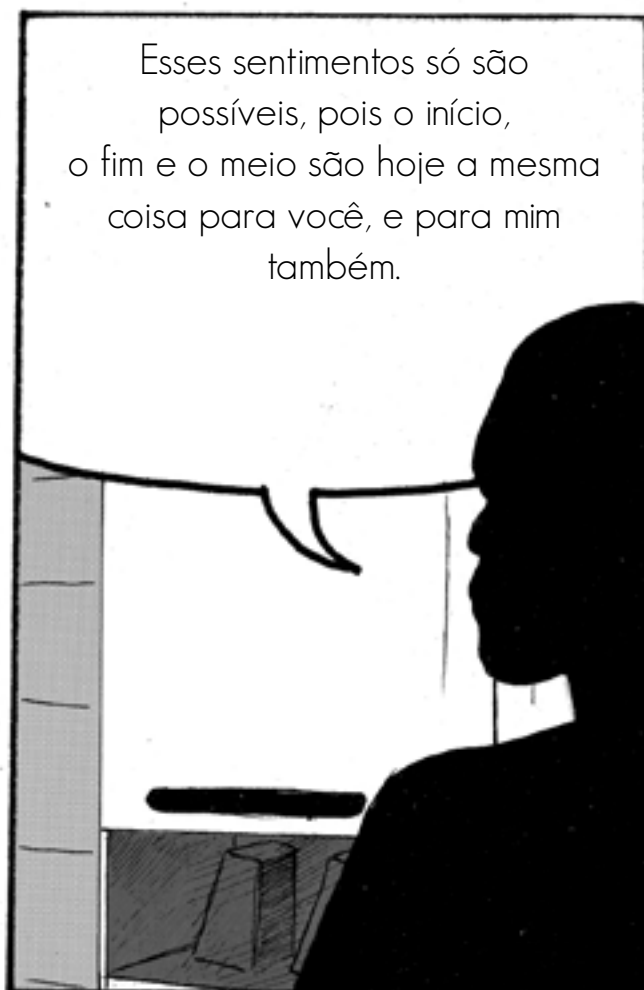
Para citar um exemplo, tenho lido bastante coisa dos gêmeos dos quadrinhos, Fábio Moon e Gabriel Bá*, onde eles também são personagens de algumas de suas histórias, falando sobre namoros, amizades, sonhos, viver o momento.

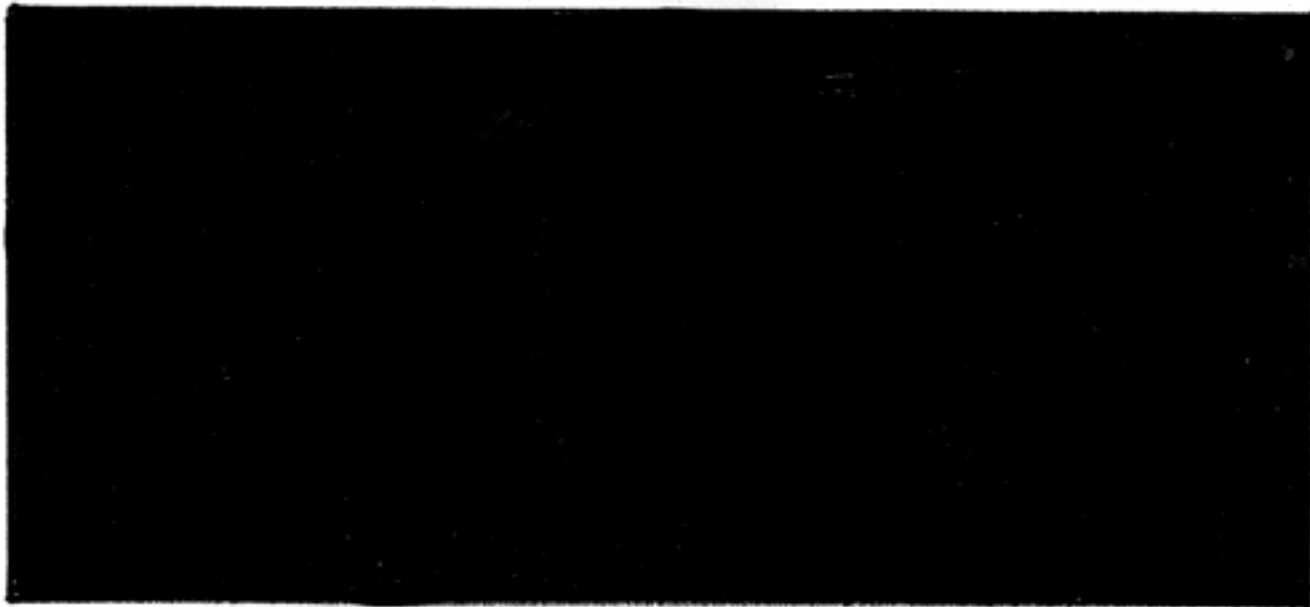


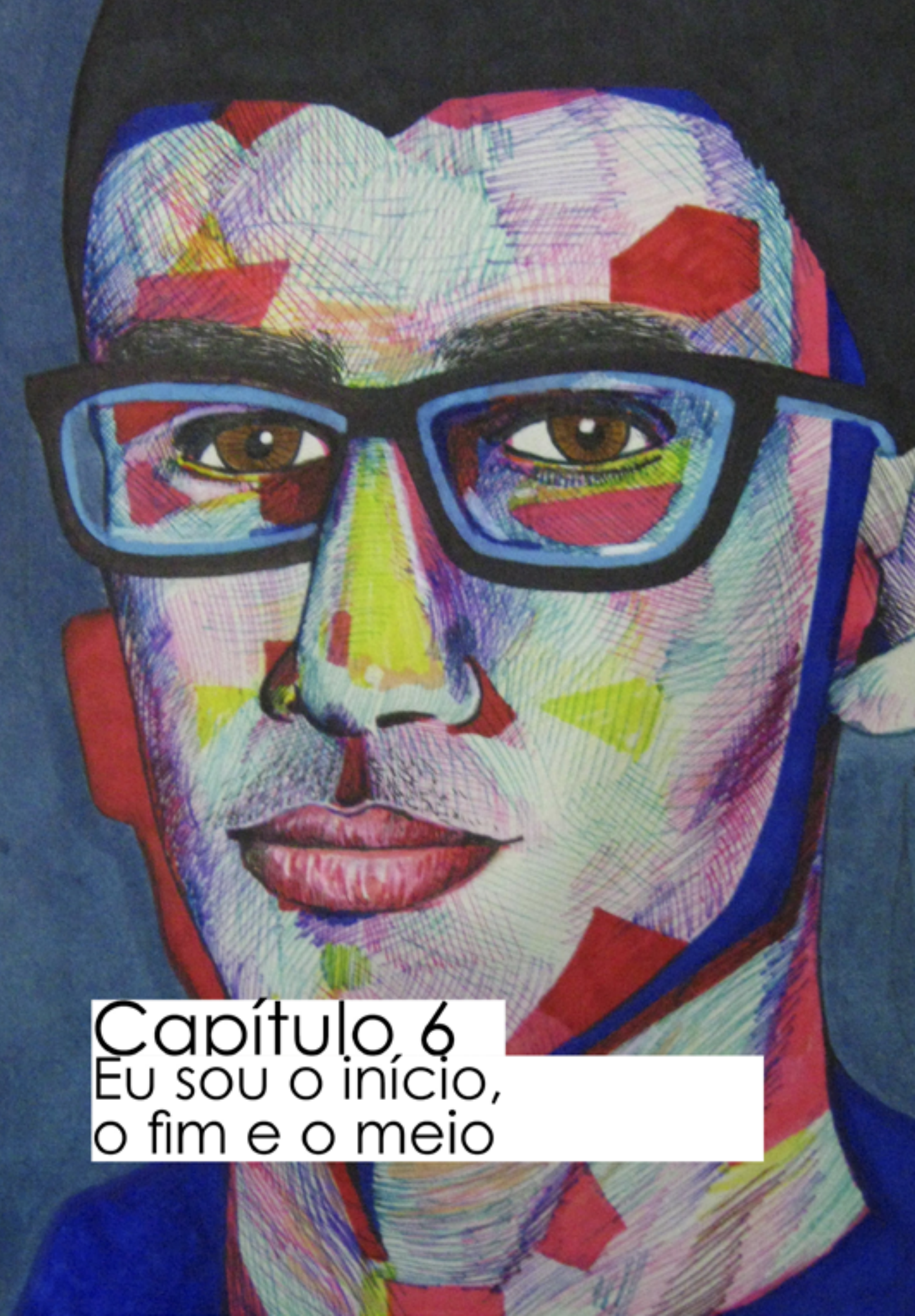
Estes assuntos e abordagens comuns a todos me fascinam, pois mostram que uma história não precisa ser fantástica, ou lúdica, ou ficcional para ser boa.

*Fábio Moon e Gabriel Bá são gêmeos quadrinistas nascidos em São Paulo e formados em Artes Plásticas. Entre seus trabalhos: DayTripper, Crítica, Fanzine, Mesa para dois, entre outros.







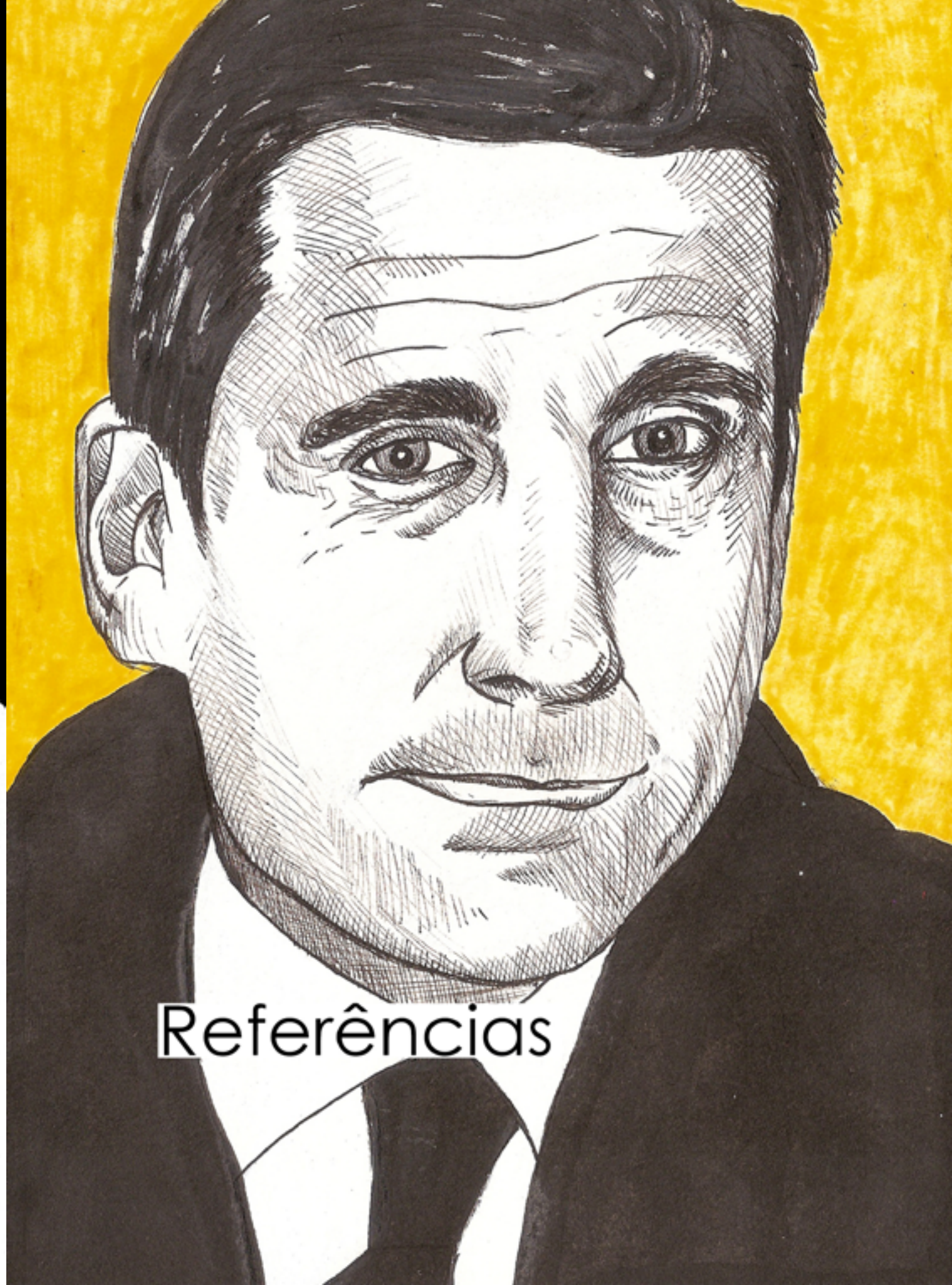


Capítulo 6
Eu sou o início,
o fim e o meio





FIM.



Referências

EISNER, WILL. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. 3ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 158p.

MCCARTHY, DAVID. *Arte pop*. 1ª Edição. São Paulo: Cosac Naify, 2002. 80p.

CRUMB, ROBERT. *Meus problemas com as mulheres*. 1ª Edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. 100p.

CRUMB, ROBERT. *Minha vida*. 2ª Edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. 136p.

CRUMB, ROBERT. *América*. 1ª Edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. 102p.

MOON, FÁBIO; BÁ, GABRIEL. *Daytripper*. 1ª Edição. Barueri, SP: Panini Books, 2011. 256p.

MOON, FÁBIO; BÁ, GABRIEL. *10 pãezinhos: crítica*. 1ª Edição. São Paulo: Devir, 2007. 215p.

O'MALLEY, BRIAN LEE. *Scott Pilgrim contra o mundo - vol. 1*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 408p.

O'MALLEY, BRIAN LEE. *Scott Pilgrim contra o mundo - vol. 2*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 408p.

O'MALLEY, BRIAN LEE. *Scott Pilgrim contra o mundo - vol. 3*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 432p.

MAZZUCHELLI, DAVID. *Asterios Polyp*. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das letras, 2010. 344p.

CLOWES, DANIEL. *Mundo Fantasma*. 1ª Edição. São Paulo: Gal Editora, 2011. 344p.

